

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA

**ESCOLHA DE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, SEXUALIDADE
E SUAS VICISSITUDES**

NILVETE SOARES GOMES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**Porto Alegre
Agosto, 2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**ESCOLHA DE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, SEXUALIDADE
E SUAS VICISSITUDES**

NILVETE SOARES GOMES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. CAROLINA SARAIVA DE MACEDO LISBOA

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Clínica.

**Porto Alegre
Agosto, 2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**ESCOLHA DE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, SEXUALIDADE
E SUAS VICISSITUDES**

NILVETE SOARES GOMES

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. William Castilho Pereira-PUC/MG

Prof^ª. Dr^ª. Karin H. Kepler Wondracek - Faculdades EST

**Porto Alegre
Agosto, 2014**

AGRADECIMENTOS

Ao Deus bom e Providente cuja presença foi constante na minha vida, na missão e viagens em vista do aperfeiçoamento para melhor servir o seu Reino.

À Prof.^a Carolina, pela orientação recebida, pela simpatia e por ser essa pessoa tão próxima e entusiasmada por aquilo que faz.

À Prof.^a Mônica Macedo, relatora do Projeto de estudo, pela cientificidade, profissionalismo e ternura com que acompanhou os trabalhos de redação dessa Pesquisa.

Ao grupo de Pesquisa: relações interpessoais e violência: contextos clínicos, sociais, educativos e virtuais, pelo tempo de convivência, estudo e ajuda mútua.

Aos graduandos em Psicologia que fizeram caminho conosco no grupo de pesquisa, com sua presença solícita fazendo ponte para que as atividades do grupo fluíssem.

À todos os professores e funcionários da PUC/RS pela dedicação na missão de tornar essa instituição cada vez mais visível na sua competência e com autoridade nos serviços em prol da educação, da pesquisa e extensão num compromisso social.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia e aos colegas que fizemos deste espaço de pesquisa uma oportunidade de convivência prazerosa.

À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, pelo incentivo à pesquisa através da concessão da bolsa de mestrado.

Às religiosas jovens que prontamente se colocaram à disposição nas entrevistas, pelos dados de suas experiências que enriquecem este estudo e a comunidade científica nos seus empreendimentos em prol da pesquisa.

Às religiosas de minha província que me acompanharam neste caminho de efetivação dessa pesquisa.

Bênçãos do alto para todos!

RESUMO

Esta dissertação é composta de dois estudos apresentados na forma de artigos. Um dos artigos é de caráter teórico e o outro é um artigo empírico. O objetivo geral do trabalho foi compreender o processo de sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada em mulheres jovens. O artigo teórico apresenta uma revisão assistemática da literatura que objetivou discutir, a partir de teóricos, acerca da sexualidade e suas vicissitudes no cenário da vida religiosa consagrada. O artigo empírico caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, transversal, exploratória cujo objetivo foi investigar o processo de sexualidade e suas vicissitudes na vida das jovens religiosas que fizeram a escolha pela vida religiosa consagrada e quais impasses subjazem a esta escolha. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, considerando os seguintes tópicos: significado da sexualidade para as religiosas; vivência da sexualidade no contexto familiar – história de vida; ser mulher-ser mulher na vida religiosa consagrada; experiências de relacionamentos afetivos; impasses na vivência da sexualidade entre as religiosas; vocação – vocação religiosa; motivações para escolha e permanência na vida religiosa consagrada. A partir do conteúdo dos relatos constatou-se que a sexualidade na escolha de vida religiosa não se constitui, para as jovens, entre os maiores desafios. Porém, a sexualidade expressa em sentimentos e atitudes nas relações fraternas do cotidiano dessas jovens, subjaz o atravessamento desse fenômeno que revela dificuldades da sexualidade vivida no seu sentido amplo. As falas demonstram conflitos, mas também ressignificação por parte destas jovens mulheres no que se refere à vida religiosa e à sexualidade. Entretanto, foi predominante nas falas das religiosas que um significativo desafio que circunscreve e atravessa a escolha de vida religiosa consagrada é a dificuldade das relações fraternas.

Palavras-chave: sexualidade; vida religiosa consagrada; sublimação.

Área conforme classificação: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação :7.07.10.00-7 - Tratamento e intervenção psicológica

ABSTRACT

This Master thesis consists of two studies presented through articles formats. One article has a theoretical nature and the other refers to an empirical study. The overall objective of this study was to understand the sexuality process and its vicissitudes in consecrated religious life choice of young women. The theoretical paper presents a non systematic literature review discussing theoretical concepts about sexuality and its vicissitudes through consecrated religious life choice. The empirical article is an exploratory cross-sectional qualitative research, which aimed to investigate the sexuality process and its vicissitudes in religious life of young people who choose to follow the consecrated religious pathway and impasses that underlie this choice. Therefore, semi-structured interviews were carried out considering the topics: sexuality meaning for religious; experience of sexuality within the family - life story; being a woman-a woman in the consecrated religious life; experiences of caring relationships; impasses in sexual experience among religious; vocation - religious vocation; motivations for choosing and staying in the consecrated religious life. From the content of the reports it was found that the choice of sexuality in religious life is not for the young among the greatest challenges . However sexuality expressed in feelings and attitudes in fraternal relations of everyday life these young people the crossing underlies this phenomenon which reveals difficulties of sexuality lived in its broad sense. Conflicts are observed though their speech, therefore another signification in what refers to religious life and sexuality is also observed. Women interviewed pointed as a significant challenge that comes through religious life the difficulty in fraternal relations.

Key words: sexuality; consecrated religious life; sublimation.

Area according to classification: 7.07.00.00-1 - Psychology

Sub-area as classified : 7.07.10.00-7 - Handling and psychological intervention

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO	5
ABSTRACT.....	6
Sumário	7
RELAÇÃO DE FIGURAS.....	8
1 APRESENTAÇÃO.....	9
REFERÊNCIAS	19
2. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	21
2.1 Estudo I – Artigo Teórico	21
SEXUALIDADE E SUAS VICISSITUDES NA ESCOLHA DE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA	21
INTRODUÇÃO	22
2.2 Estudo II - Artigo Empírico	40
ESCOLHA DE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, SEXUALIDADE E SUAS VICISSITUDES INTRODUÇÃO	41
MÉTODO.....	47
Discussão.....	65
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
4. ANEXOS.....	91

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1 *Demonstração de dados*.....pág 47

1 APRESENTAÇÃO

A presente dissertação de mestrado integra o projeto de pesquisa intitulado “Escolha de vida religiosa, sexualidade e suas vicissitudes”, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Esta dissertação está dividida em duas seções: um artigo teórico e um artigo empírico.

O artigo teórico, intitulado “Sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada” constitui-se de uma revisão em importantes bases de dados e, a partir desta, constatou-se carência de pesquisas recentes que discutissem o tema da sexualidade na esfera religiosa e, mais especificamente, enfocando a vida religiosa consagrada feminina. Assim, a relevância desse estudo está no fato de compreender a influência da sexualidade em religiosas jovens e na finalidade de fomentar a discussão do tema nos espaços da vida religiosa consagrada feminina e comunidade científica, bem como, espaço de reflexão entre as participantes do estudo.

O artigo empírico configurou-se como pesquisa qualitativa, transversal, exploratória no intuito de perceber o fenômeno da sexualidade no contexto religioso e qual significado as participantes, a partir de suas vivências, atribuem a esse fenômeno. Participaram deste estudo cinco mulheres religiosas, maiores de 20 anos, oriundas de diferentes institutos de vida religiosa consagrada, que concluíram o Ensino Médio e que estão em formação na etapa do Juniorato, selecionadas por conveniência nas casas religiosas da cidade de Porto Alegre/RS e Santa Maria/RS, respondendo aos critérios, objetivos e questões de investigação da pesquisa. O tamanho da amostra foi definido pelo critério de saturação teórica.

A Conferência dos Religiosos do Brasil tem aberto espaço para uma formação humanizadora, levando em conta as várias dimensões do ser humano. Porém, acompanhando religiosas jovens de vários institutos religiosos e ouvindo suas experiências no âmbito da sexualidade, percebe-se que este tema necessita ser mais bem discutido no segmento religioso. Uma revisão teórica, em diversas bases de literatura psicológica indexada, constatou carência de pesquisas recentes que tratassem o tema da sexualidade em nível de instituição religiosa com ênfase na vida religiosa consagrada feminina. Assim, a relevância desse estudo se constitui da necessidade de abordar o tema na comunidade científica, colaborando para discussão acerca da sexualidade nos espaços da vida religiosa consagrada.

O interesse por estudar o tema da sexualidade e escolha de vida religiosa na etapa do Juniorato explica-se uma vez que, nesta etapa, as jovens devem declarar a decisão definitiva

acerca de sua escolha e de sua vocação. Além do mais, explorando a sexualidade e suas vicissitudes em religiosas, a pesquisa pode ser importante oportunidade para abrir espaço de reflexão entre as participantes do estudo, assim como, atualização do tema no contexto da vida religiosa consagrada feminina.

O termo sexualidade, tema que mobiliza os seres humanos, foi enfatizado nas descobertas de Freud (1905). Em muitos momentos, este conceito foi defendido e considerado como ponto central da Psicanálise (Hoffmann, 2013). A sexualidade, anteriormente, era tratada no entendimento das experiências da carne, como símbolo do pecado, como forma de banir o sexo do discurso social. Da mesma forma, intencionava afastá-lo da consciência do indivíduo, pois o sexo, nas sociedades cristãs, devia ser vigiado, examinado, confessado (Foucault, 1979). Sobretudo, é complexo falar sobre sexualidade no contexto religioso assim como entre os seres humanos em geral, pois a sociedade, no seu ideal imaginário e mítico vê a figura do religioso como um ser assexuado, que não possui desejos. Entre religiosos jovens, tem-se avançado na compreensão da possibilidade de expressão de tais questões. Porém, embora se tenha percebido abertura e avanços no diálogo e na formação para discutir sexualidade na juventude da vida religiosa consagrada, mesmo assim o tema ainda é pouco discutido (Pereira, 2012).

Para definir a sexualidade humana, considera-se que o ser humano é um ser biológico, dotado de instinto. Entretanto, o instinto, definido como esquema comportamental herdado, Freud citado por Laplanche & Pontalis, (1980) difere-o da pulsão que significa impulsão. A pulsão sexual não compreende as atividades da ordem biológica, embora tenha origem na excitação corporal (Padilha & Cardoso, 2012). Este é um processo dinâmico, que impulsiona as manifestações do aparelho psíquico. Freud distingue as pulsões sexuais das pulsões do ego ou de autoconservação. As pulsões do ego se destinam em atender às necessidades das funções corporais e de conservar a vida do indivíduo (Laplanche e Pontalis, 1980). Desta forma, além de manifestar necessidades em satisfazer a fome ou sede, entre outras exigências das pulsões do ego ou de autopreservação, o ser humano também é impelido em satisfazer as necessidades das pulsões sexuais. Com a teoria das pulsões, Freud (1905) inaugura e estabelece uma nova compreensão da sexualidade, de modo que não é possível confundi-la com a função genital, comumente mencionada como genitalidade. Na visão de Bearzoti (1994) a sexualidade compreende uma realidade que vai além da reprodução. Porém, genitalidade, difere da compreensão genital. Esta pode ser entendida como movimento que confere ao ser humano a marca do masculino e do feminino, numa diferenciação que remete ao princípio da alteridade, percebendo o outro como ser diferente de si, numa relação de

respeito na reciprocidade. Neste sentido, a condição biológica, no registro genital conduz a pessoa para uma relação em vista da reprodução a fim de perpetuar a espécie humana (Freud, 1905). No entanto a dimensão da genitalidade, como processo de diferenciação e com base na percepção do outro, confere ao ser humano a possibilidade de relação de alteridade como capacidade de se manter vínculo responsável por si mesmo e pelo outro (Pereira, 2012). Além dessa compreensão, entende-se que é natural que alguns cedam à pressão da pulsão do ego ou de autoconservação. Outros, porém, como no caso da vida religiosa consagrada, podem abdicar de tal atividade em vista de outras metas a serem atingidas. É nesse pensamento que se pode entender a escolha de vida religiosa consagrada, cuja pulsão sexual é sublimada. Porém, a pulsão sexual provocadora de pressão interna no sujeito manifesta característica que difere do instinto como energia, que foi denominada de libido (Freud 1905; 1920). A libido, na visão psicanalítica, é a energia psíquica que move a vida sexual. Essa energia libidinal, na infância é dirigida ao próprio ego e, posteriormente, é deslocada para um objeto fora dele. Na concepção freudiana, a palavra sexualidade tem o mesmo significado do verbo amar, na língua alemã - "*lieben*". Sua expressão possibilita a manifestação dos mais elevados sentimentos que podem construir as relações humanas, ou também impedir relações saudáveis (Bearzoti, 1994).

Embora seja uma realidade universal, comum a todos os seres humanos, a sexualidade caracteriza-se também como um processo singular de cada sujeito na sua forma de elaborar as experiências concernentes à vivência da sexualidade (Salles & Ceccarelli, 2010; Santos & Ceccarelli, 2010; Ressel & Gualda, 2003). Esse fenômeno pode ser entendido como o resultado da construção histórica e cultural, que se integra à rede de significados de determinado grupo social. A sexualidade é uma criação da cultura ocidental, embora presente também nas demais culturas (Salles & Ceccarelli, 2010). Entretanto, tomando como referência as considerações de Freud (1905), a sexualidade é uma realidade constitutiva do sujeito: desde a mais tenra idade, o recém-nascido traz consigo sinais de vivências sexuais, inicialmente confundidas com a necessidade de autopreservação, mas, posteriormente seguem seu curso normal de desenvolvimento. Desta forma, a sexualidade faz parte da identidade de cada pessoa como realidade vital (Santos & Ceccarelli, 2010).

Uma contribuição para o entendimento da sexualidade encontra-se na concepção de Foucault (2004). A sexualidade, segundo esse autor, é a denominação que se pode dar ao dispositivo histórico no qual foi implantado o conjunto de normas e regras, defendidas pela sociedade e pelas instituições religiosas que visavam à manutenção do poder e do saber sobre os indivíduos. Ou seja, a sexualidade é compreendida como o mecanismo que visava à

manutenção do poder vigente, especialmente o poder eclesial. Para tanto, o controle da sexualidade era uma das formas de manter o controle do sujeito e de suas relações a fim de evitar o exercício da sexualidade de forma abusiva (Foucault, 2004).

Outra visão a partir da qual permite compreender a sexualidade, isto é, por outro viés, apresenta-se no contexto bíblico-teológico. Neste contexto, a sexualidade, ao mesmo tempo em que se caracteriza como criação, invenção divina, revela a humanidade de cada pessoa quanto ao seu modo de ser e sentir, de se relacionar e comunicar com o outro (Cencini, 2010; Sociedade Bíblica Católica Internacional, 1990). A sexualidade revela no seu bojo o limite da condição humana que faz a pessoa necessitar e buscar no outro sua complementariedade. Deste modo, segundo Pereira (2012) a capacidade de estabelecer vínculo com o outro, de saber relacionar-se é a marca do sujeito que pode ser considerado verdadeiramente humano. Nesta perspectiva, a sexualidade é entendida a partir da relação transcendental, como outra maneira de sublimar a pulsão. Assim, cabe mencionar o conceito de sublimação desenvolvido por Freud (1905; 1930). Este conceito explica como é possível para o sujeito orientar a pulsão sexual em vista da produção artística e intelectual ou religiosa, ou seja, permite a vivência da sexualidade por outras vias (Laplanche & Pontalis, 1980).

Nesta pesquisa o entendimento que se permitiu fazer dos dados obtidos passa pelo viés psicanalítico. E, para considerar a temática da sexualidade no contexto religioso, tomar em questão o conceito de sublimação é relevante, já que esse conceito freudiano de sublimação tem sua relevância para compreender o sujeito na cultura e, assim, compreender a escolha de vida religiosa consagrada (Noé, 2010). Na obra “As pulsões e suas vicissitudes”, a sublimação é colocada como um dos quatro destinos da pulsão (Freud, 1915). Na obra “A moral civilizada e a doença nervosa dos nossos tempos” (Freud, 1908) a sublimação é considerada um mecanismo para compreender o sujeito na cultura. Esta obra acentua um paralelo entre a moral sexual natural e a moral sexual civilizada, sendo que a primeira, embora imponha limites na vivência sexual, no desejo e no prazer, garante a saúde do indivíduo, bem como o torna eficiente na vida em sociedade. Enquanto que a moral sexual civilizada impõe ao sujeito uma exigência acentuada, de privação sexual em vista da produtividade cultural, entendendo que nem tudo é fácil e possível sublimar. Na obra “Mal-estar na civilização”, Freud (1930), quando trata da vida, da criatividade e não como manifestação da pulsão de morte, confere à sublimação um novo sentido, pois percebe que a pulsão trabalha em favor da construção de princípios éticos. O processo da química influenciou Freud pensar no ato de sublimar, cuja dinâmica se dá na passagem de uma substância direta do estado sólido para o gasoso, sem passar pelo estado líquido. Ao tomar a compreensão da química para o entendimento da

sublimação, esta indica um movimento de elevação e transcendência (Birmam, 2008; Laplanche & Pontalis, 1980).

Considerando-se elementos históricos nessa reflexão, a moralidade da sexualidade vem se constituindo desde os primeiros séculos da história da civilização num embate estabelecido pelo aparato social e eclesial, a fim de se instalar uma ordem civilizatória (Santos & Ceccarelli, 2010). O mundo ocidental sempre teve a sexualidade como essência do ser humano, como expressão com a qual se traduz a subjetividade do indivíduo e seu modo de se comportar perante o social. Historicamente, difundiu-se a ideia de que o Cristianismo foi a instituição que implantou a moral sexual através dos mecanismos de repressão no âmbito da sexualidade, impondo um ideal de sociedade influenciada pela cultura judaico-cristã. Entretanto, não se deve considerar o cristianismo como responsável quanto às proibições impostas em torno da vivência da sexualidade. O cristianismo, a partir do século IX, foi incisivo em defender os três valores éticos, sustentáculos da moral cristã e do estoicismo: a monogamia, a prática da sexualidade exclusiva em vista da reprodução e ausência do prazer na relação sexual. Desta forma, coube ao cristianismo dar continuidade a essa moral sexual já existente, ampliando suas estratégias, com o refinamento das confissões, não para apenas sustentar uma moral sexual, mas como garantia de sua influência em vista da manutenção do poder (Foucault, 2004; Santos & Ceccarelli, 2010). No entanto, o aspecto da subjetividade, para Foucault (2004), foi a grande contribuição que o Cristianismo pode dar à história da sexualidade, visto que as técnicas da interiorização dadas nas confissões permitiam ao sujeito tomar consciência sobre si mesmo e seu corpo, embora tenham sido mecanismos de investigação, de saber e de poder sobre os indivíduos.

A partir destes conceitos e reflexões acerca da sexualidade, sublimação e vida religiosa consagrada, elaborou-se o artigo empírico, intitulado “Escolha de vida religiosa consagrada, sexualidade e suas vicissitudes”. É um estudo qualitativo, transversal e exploratório que intencionou responder ao problema de pesquisa investigando como se dá a vivência da sexualidade, suas vicissitudes e a escolha de vida religiosa em mulheres jovens. Para tal, a pesquisa objetivou compreender o processo da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada. Justificou-se esta pesquisa considerando que a mulher religiosa antes de ser consagrada, é mulher, condição primeira de sua humanidade. A vivência da sexualidade e suas escolhas podem estar perpassadas por impasses. Assumindo sua vocação feminina como consagrada, a religiosa poderá empoderar-se de uma força transformadora que impactará positivamente a sociedade. Porém, certos impasses podem

tolher essa energia pulsional de vida e impedir a religiosa de viver sua real motivação pela vida religiosa consagrada.

Nessa perspectiva, considera-se importante perceber o significado de vida religiosa consagrada (VRC). A vida religiosa, denominada como instituto de vida religiosa consagrada no Código de Direito Canônico no Cân. 607, § 2º, é definida como uma sociedade em que seus membros professam publicamente os votos religiosos de castidade, pobreza e obediência. Esta, em cada país, configura-se respeitando seu contexto sociocultural. A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), por exemplo, tem como finalidade animar, articular e acompanhar a vida religiosa consagrada, no Brasil. A CRB compõe-se de religiosas, religiosos e religiosos sacerdotes pertencentes às diversas congregações religiosas residentes no Brasil (Conferência dos Religiosos do Brasil, 2007). Cada congregação empenha-se a serviço da formação dos candidatos à vida religiosa consagrada, oportunizando, aos jovens, estudo e experiência grupal, a fim de que possam fazer o discernimento para escolha de sua vocação e decisão quanto à opção pela vida religiosa. Para tanto, no seu projeto de formação, as congregações religiosas femininas têm como proposta desenvolver o plano de formação em etapas que se denominam: Aspirantado, Postulado, Noviciado e Juniorato.

O Juniorato é o tempo compreendido entre a Profissão Temporária e a Profissão Perpétua. Este período é oportunizado à religiosa para a consolidação da vocação e assimilação dos valores concernentes à vida religiosa. O instituto, por sua vez, investe no crescimento humano, espiritual e profissional da religiosa. Para tanto, lhe é possibilitada formação universitária, como forma de desenvolver suas aptidões pessoais e a capacitar as religiosas para a missão no instituto e na sociedade (Estatuto Provincial, 2012; Direito Canônico 1983). Na etapa do Juniorato a jovem religiosa testa suas reais motivações para viver a consagração em vista da emissão dos votos religiosos de caráter definitivo. Além do mais, é na etapa do Juniorato que a religiosa se questiona em relação à consistência de sua escolha e consolida a consciência da vocação. Neste contexto da formação para a vida religiosa encontra-se a base para justificar a escolha desta etapa de formação para a vida religiosa, como foco de investigação desta pesquisa.

Em vista disso, as participantes que foram entrevistadas nesse estudo são provenientes de diferentes institutos religiosos, contatadas individualmente. As entrevistadas responderam à entrevista evidenciando o significado que as mesmas dão para a vivência da sexualidade, sinalizando impasses na escolha de vida consagrada. A investigação deu-se também com a finalidade de explorar as motivações dessas jovens pela vida religiosa consagrada, bem como identificar a existência de impasses na vivência da sexualidade na vida religiosa consagrada.

Dentre os resultados relevantes na pesquisa, constatou-se que para as participantes, o desafio maior se encontra nas relações interpessoais, mais do que na sublimação da sexualidade e de abrir mão do exercício da genitalidade. Entende-se que tal aspecto é um desafio não somente na vida religiosa, mas na sociedade de maneira em geral. Atualmente, a crise maior diz respeito às relações interpessoais. Este dado possibilitou desmistificar a suposição de que os problemas que podem influenciar a escolha pela vida religiosa passariam pela via da sexualidade. No entanto, a ênfase nas relações saudáveis ou harmônicas foi referida como ponto crucial para se permanecer na escolha pela vida religiosa consagrada. Por fim, cabe salientar que não se pode entender as relações interpessoais sem o atravessamento da sexualidade, uma vez que, na relação com o outro se estabelece vínculo através da libido que cria e mantém laços afetivos na convivência. É compreensível para as jovens que a vida religiosa é um projeto vivido em comum, embasado nos valores cristãos com intuito de responder à vocação no cotidiano. Desta forma, para as participantes a vocação constitui chamado de Deus para viver a fraternidade e isto justifica o ideal de sublimação nas relações, ou seja, vocação tem o mesmo sentido que os teóricos enfatizaram.

Conforme Noé (2010) o termo vocação tem origem no latim – *vocare* - que significa: ser chamado. Este termo é utilizado no contexto religioso para designar aqueles e aquelas que sentem o chamado divino: “um chamado para seguir um determinado caminho, um sentimento de profundo propósito pessoal e transpessoal, uma necessidade de agir com base nos valores mais profundos” (Zohar & Marshall, 2006, p.148). A vocação religiosa implica na busca do divino como experiência do sagrado. Porém, o fato de uma pessoa estar no contato com o sagrado não a exime do mundo profano. A vida religiosa consagrada é uma instituição que tem como ideal priorizar a vivência do sagrado, porém não se deve esquecer de que ela se constitui de pessoas humanas e se configuram num tempo histórico (Pereira, 2004). Para quem deseja fazer uma escolha de consagração para vivência da castidade, considera-se imprescindível maturidade afetiva a qual consiste em ser capaz de acolher o modo de vida escolhido e viver a vocação do instituto de vida religiosa consagrada ao qual quer pertencer. É fundamental a integração das dimensões humana e cristã para que se possa fazer a escolha pela vida religiosa (Cencini, 2010; Vitória, 2008).

Nesta perspectiva, Noé (2010) analisa o aspecto psicológico do chamado à vocação religiosa, embora seja normal e comum entender a vocação como iniciativa divina. Este autor considera a dimensão psíquica como uma pré-disposição para o chamado que possivelmente pode estar vinculado à capacidade da pessoa ligar o imanente ao transcendente. A capacidade da pessoa de sublimar, na concepção freudiana, significa a pré-disposição psicológica, base

para entender a vocação religiosa consagrada. Porém, nem tudo se pode sublimar. Frente a esta colocação, existe a necessidade de se verificar as reais motivações que de fato impelem a pessoa optar pela vida religiosa consagrada (Noé, 2010). Nas pesquisas de Pereira (2004; 2012), analisando as motivações para a escolha presbiteral e para a vida religiosa consagrada, os participantes apontaram os motivos e as consequências referentes à sua escolha. Ficou evidenciado que há perdas e ganhos ao se fazer a transição da vida laica para a vida religiosa consagrada. Porém, a escolha remete para uma realidade sempre maior do que se está renunciando. A pessoa que realiza tal escolha almeja viver a experiência do sagrado como chamado à transcendência (Cencini, 2010).

Para essa escolha de vida faz-se necessário submeter-se ao processo de formação que viabiliza o discernimento vocacional. Para tanto, é imprescindível o acompanhamento psicossocial. Este acompanhamento possibilita dialogar sobre motivações daquele(a) que se acredita vocacionado(a), a fim de que a pessoa possa distinguir seu verdadeiro desejo e perceber possíveis equívocos quanto à opção de vida. Pereira (2004; 2012), na pesquisa que investiga questões acerca da formação, faz menção aos formadores responsáveis pelo processo formativo, isto é, os que avaliam quais entre aqueles que buscam a VRC o fazem por necessidade afetiva e de proteção. Pode-se considerar que, como é a prática da sociedade atual, também seja na vida da Igreja no que se refere à busca pela segurança e proteção, porque na ausência de referências, a tendência é buscar nas instituições modelos que venham a suprir uma falta (Pereira, 2004).

Neste contexto, vale lembrar que a mentalidade dos primeiros tempos da era cristã, séculos III e IV, Vainfas (1992) afirma que, para uma vida ascética, o ideal de uma vida cristã era a escolha pela virgindade, enfatizada como condição para se entrar no Reino do céu. Pelo casamento em si não se podia chegar à santidade da alma. Assim sendo, as mulheres eram orientadas a não casar. Esse ideal de santidade perpassava a vida de mulheres que se refugiavam nos lugares sagrados, para viver a “fuga do mundo”, característica esta vivida pelos eremitas desde o século III, o que para Hendges (2003) consistiu num protesto contra a degradação da vida cristã. Além disso, na história da Igreja, existiam as mulheres que desejavam abraçar um ideal de vida diferente, um modo alternativo e contra cultural, rompendo com os interesses e padrões de suas famílias como, por exemplo, a escolha de vida de Clara de Assis, no século XIII. Mulher de classe nobre, Clara de Assis que, buscando o ideal de ser verdadeira cristã, desafiando o contexto familiar da época, fez uma escolha radical na sua vida. Assumiu sua vocação de consagrada, optando por vivê-la em um mosteiro, fundou a segunda ordem franciscana, designada como Ordem das Clarissas. Com

esses argumentos postos, entende-se que a escolha pela vida religiosa demanda uma ascese constante, pois quem não for capaz de viver num equilíbrio entre a imaginação e as necessidades sexuais no afã de se permitir tudo, não poderá ser capaz de fazer esta escolha de vida. Deste modo, a pessoa não conseguirá viver feliz, numa relação positiva com a realidade a que se renunciou (Dal Moro et al., 2004)

Considera-se, ainda, que a vivência da sexualidade de cada pessoa depende de sua história de vida, não existindo um padrão estabelecido (Cencini, 2010). No entanto, o controle das pulsões sexuais por outras vias que não sejam aquelas que atendam à satisfação originária, configura-se como uma atividade que demanda recursos emocionais da pessoa, uma vez que algum fenômeno dessa ordem pode escapar do controle do sujeito, sinalizando que nem tudo é possível sublimar. Ao retomar a obra “Mal-estar da civilização” de Freud (1930), verifica-se que o controle das pulsões sexuais é possível mediante a capacidade do indivíduo usar da repressão em vista de valores culturais. As normas e doutrinas implantadas a partir de códigos a fim de disciplinar a sociedade podem agir como órgão regulador das pulsões e que se faz necessário para vivência de uma sociedade civilizada (Freud, 1930; 1908; Salles & Cecarelli, 2010; Santos & Cecarelli, 2010).

Também se ressalta que a compreensão da escolha feminina por uma vida religiosa consagrada, pautada pelo conceito de sublimação, leva ao entendimento sobre como é possível alguém abdicar da sexualidade que acompanha a vida das pessoas usualmente, sem, entretanto, deixar de ser uma pessoa emocionalmente equilibrada. Por outro lado, dados empíricos nesta pesquisa sugerem como essa escolha pode estar motivada por problemas emocionais de várias ordens. Esse contexto foi a base que fundamentou a pesquisa.

Os dados passaram por uma análise de conteúdo (Bardin, 2007) em que as seguintes categorias e subcategorias emergiram-se: Sexualidade- Corpo X Transcendência: Ser mulher e mulher consagrada, Sexualidade no contexto familiar: Experiências afetivas, Abuso sexual na infância e assédio sexual. Sexualidade na vida religiosa: O voto de castidade, Ressignificar experiências Vocação: Origem da vocação, Motivos para entrar e permanecer na VRC. Certezas e incertezas na escolha: Concepção das jovens sobre a VRC, Desafios na vida religiosa consagrada. Na interpretação dos dados, percebeu-se que sexualidade humana muitas vezes foi marcada por preconceitos, questionamentos, medos, fantasias, num clima de distorções do conceito que, por vezes, impedem o ser humano adentrar nessa esfera com liberdade e tranquilidade. Neste sentido, a sexualidade humana para Pereira (2012), é considerada como fenômeno nada natural, mas impregnada de sentidos variados como hoje,

ainda se pode conceber como tabu. Isso é evidente quando as participantes mencionam como suas famílias e a vida religiosa, ainda tratam as questões acerca da sexualidade.

Nas considerações finais dessa dissertação, descrevem-se de maneira geral, os principais resultados dos dois estudos. Ainda ressalta a importância de estudos que contribuam e viabilize reflexão em torno do tema em vista da vida religiosa feminina.

REFERÊNCIAS

- Bardin, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa/Portugal; Trad. Luís Antero e Augusto Pinheiro, Edições 70.
- Bearzoti, P. (1994). *Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano*. *Arquivos de Neuro – Psiquiatria*. (Online), 52(1).
- Birman, J. (2008). *Criatividade e sublimação em psicanálise*. *Psicologia Clínica*, 20(1), 11-26.
- Conferência dos Religiosos do Brasil. (2007). *História da vida religiosa no Rio Grande do Sul. Celebrando o Jubileu 1957-2007*. Porto Alegre, RS: Suliani.
- Cencini, A. (2010). *Virgindade e celibato, hoje: Para uma sexualidade pascal*. 2. ed. São Paulo: Paulinas.
- CNBB-Conferência dos bispos do Brasil. João Paulo II (1983). *Código de direito canônico*. Trad. Oficial: Brasília: Loyola.
- Dal Moro, Sergio M. (apres.) et al. (2004). *Fontes Franciscanas*. Celso Márcio Teixeira (trad.). Vozes. Petrópolis/ RJ.
- Estatuto Provincial. (2012). *Irmãs franciscanas da penitência e caridade cristã- Província do Imaculado Coração de Maria*. Santa Maria, RS.
- Foucault, M. 1926-1984. (1979). *Microfísica do poder* (org. e trad. Roberto Machado) *Edições Graad*. Rio de Janeiro.
- Foucault, Michel, 1926-1984. (2004). *Ética, sexualidade, política*. Manuel Barros de Moth. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.VII.
- Freud, S. (1908). *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.IX.
- Freud, S. (1915). *As pulsões e suas vicissitudes*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.XIV.
- Freud, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.XXI.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.XXI.
- Hendges, M. (2003). *Relações de Poder em comunidades Religiosas*. Dissertação de Mestrado.

- Hoffmann, B. A. (2013). *Por uma psicanálise com sexualidade*. *Revista de Psicanálise*; Vol. 1, n.2 (jan. jun.2013). Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Porto Alegre.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.L. (1980). *Vocabulário da psicanálise*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Noé, S. V. (2010). *A Vocação sublime: Da relação entre religião e sublimação na definição da vocação religiosa*. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 21, n. 1, Mar. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 30 Jul. 2013.
- Padilha N., Ney K., & Cardoso, M. R. (2012). *Sexualidade e pulsão: Conceitos indissociáveis em psicanálise? Psicologia em Estudo*, 17(3), 529-537. Retrieved September 25, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 06 abril. 2013.
- Pereira, W. C. C. (2004). *A formação religiosa em questão*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pereira, W. C. C. (2012). *Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Belo Horizonte: PUC, Minas.
- Pereira, W. C. C. (2012). *Por uma compreensão da pessoa e da vivência do celibato*. In Eloy, L. H. & Dilva (org). 2012. *O Dom do Celibato na Vida e na Missão da Igreja* (pp.121-149). Brasília/DF: Edições CNBB.
- Ressel, L. B., & Gualda, D. M. R. (2003). *A sexualidade como uma construção cultural: Reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(3), 82-87. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 06 abril. 2013.
- Salles, A. C. T. da C.; Ceccarelli, P. R. (2010). *A invenção da sexualidade*. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, set. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso: em 06 abr. 2013.
- Santos, A. B. dos R.; Ceccarelli, P. R. (2010). *Psicanálise e moral sexual*. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 32, n. 59, jun. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 13 maio 2013.
- Vainfas, R. (1992). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. 2. ed. São Paulo: Ática.
- Vitório, J. (2008). *A pedagogia na formação: reflexões para formadores na vida religiosa*. 1. ed. São Paulo: Paulinas.
- Zohar, D. & Marshall, I. (2006). *Capital espiritual: Usando as inteligências racional, emocional e espiritual para realizar transformações pessoais e profissionais*. Rio de Janeiro: BestSeller.

2. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

2.1 Estudo I – Artigo Teórico

SEXUALIDADE E SUAS VICISSITUDES NA ESCOLHA DE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Sexuality and its aspects through consecrated religious life

Nilvete Soares Gomes; Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Resumo:

A sexualidade humana, por vezes, se traduziu e se traduz num fenómeno complexo. Se no cenário sociocultural encontram-se impasses para uma compreensão eximida de tabus da sexualidade, considera-se desafio maior quando se trata da sexualidade no contexto religioso. Para jovens religiosas, as reais motivações para escolha de vida consagrada, poderão não estar evidentes. Esta revisão assistemática da literatura explora elementos que possibilitam compreender como se dá a vivência da sexualidade, suas vicissitudes e os atravessamentos da escolha de vida religiosa consagrada. O estudo discute, segundo teoria psicanalítica, o conceito de sublimação, almejando subsidiar reflexões para institutos de vida consagrada e comunidade científica acerca das vicissitudes da sexualidade.

Palavras chaves: sexualidade; vida religiosa consagrada; sublimação.

Abstract:

In Social History context's, sexuality, sometimes represented a complex phenomenon showing impasses to the comprehension of taboos. Hardest challenge takes place when sexuality is considered in a religious context. For religious youth, the real motivations for choosing consecrated life, may not be evident. This non systematic literature review elucidates elements that allow to understand how is the experience of sexuality, its aspects and the influences of the choice of consecrated religious life. The study discusses the concept of sublimation, according to Psychoanalysis theory. One hopes this study supports reflections for Institutes of Consecrated Life and scientific community about the aspects about and related to sexuality.

Key words: sexuality; consecrated religious life; Sublimation; choose.

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende explorar elementos que possibilitam compreender como se dá a vivência da sexualidade, suas vicissitudes na escolha da vida religiosa consagrada. Para conceituar a sexualidade, faz-se necessário compreender esse fenômeno desprovido de preconceitos, tarefa difícil, pois ainda é um tema considerado tabu que mobiliza os seres humanos. O tema sexualidade foi evidenciado a partir das descobertas de Freud (1905/1976). Em muitos momentos, esse conceito foi defendido e considerado como ponto central da Teoria Psicanalítica (Hoffmann, 2013). Anteriormente, dava-se importância às experiências da carne, símbolo da fraqueza, da concupiscência e pecado, porque além de ser um meio de proibir o sexo, intencionava em afastá-lo da consciência do indivíduo, pois o sexo, nas sociedades cristãs, devia ser vigiado, examinado, confessado (Foucault, 1979).

O ser humano, na perspectiva biológica, é um ser dotado de instinto. O Instinto - *Instink*, na língua alemã, esquema comportamental herdado, difere de pulsão - *trieb* - que na concepção freudiana, significa impulsão (Laplanche & Pontalis, 1980). A pulsão sexual não compreende as atividades da ordem biológica, embora tenha origem na excitação corporal (Padilha & Cardoso, 2012). Na forma parcial, a pulsão tem como objetivo suprimir a tensão ocasionada pela pressão interna, advinda do corpo. Este é um processo dinâmico, que impulsiona as manifestações do aparelho psíquico. Freud, na primeira Teoria das pulsões distingue as pulsões sexuais das pulsões do ego ou de autopreservação (*in* Laplanche & Pontalis, 1980). Estas, em oposição, buscam regular as tensões do psiquismo pelo princípio do prazer/desprazer. No entanto, em uma nova Teoria das pulsões, Freud (1920/1976) ultrapassa esse dualismo da pulsão sexual e de autopreservação, inaugurando a segunda Teoria das pulsões que coloca no cenário do psiquismo a pulsão de morte e pulsão de vida, agora não mais regido pelo princípio do prazer, mas para além dele. Portanto, com a teoria das pulsões, Freud (1905; 1920/1976) inaugura e estabelece uma nova compreensão da sexualidade de modo que não é possível confundi-la com a relação genital.

Pela via genital, comumente, entende-se a sexualidade na ótica do órgão sexual. Porém, existe diferença nos dois termos: sexualidade e sexo. O sexo, como dimensão biológica subjaz a ideia de gênero, masculino e feminino. Este termo é compreendido no sentido comum a partir da organização das pulsões sob a primazia genital, reprodutora. Da ordem do instinto, portanto, como expressão genital em vista da reprodução, o sexo tem a função de perpetuar a espécie. Enquanto que a sexualidade, para além do genital, leva em conta a totalidade dos sentidos, como realidade que acompanha o ser humano até o final da

vida e sofre influência da cultura e da história do sujeito (Costa & Oliveira, 2011). A sexualidade compreende uma realidade que vai além da reprodução (Bearzoti, 1994).

Ainda, o que pode favorecer a compreensão da diferenciação entre sexo e sexualidade encontra-se na teoria freudiana quando menciona que a pulsão sexual se encontra na fronteira entre o psiquismo e o somático, ou seja, entre o corpo e a mente (Kuperman, 2008). Na condição genital, como parte do desenvolvimento da sexualidade, a pulsão sexual se coloca a serviço da função reprodutora. Desse modo, entende-se que um instinto, no campo somático, para atender a uma necessidade básica, elege um objeto fixo como meio de descarga da pressão interna. Por outro lado, a dinâmica da pulsão sexual, como exigência psíquica, embora apoiada nas necessidades básicas da vida como a fonte que é o corpo, seu objetivo é a satisfação, o prazer, e seu objeto é variável. A pulsão sexual não visa os meios, mas a satisfação, o que a diferencia do instinto. A sexualidade humana está para além da concepção biológica instintiva (Freud, 1905/1976; 1915/1976). Este processo é uma realidade que vai se construindo e alcança uma conotação ampla. O desenvolvimento da vida psíquica vai se constituindo ao longo da história de vida de cada indivíduo (Bearzoti, 1994; Laplanche & Pontalis, 1980).

Além disso, pode-se diferenciar o sentido de genital e genitalidade. A sexualidade é vista, pelo senso comum, como sinônimo de genitalidade o que confere o mesmo sentido para o genital. A genitalidade, diferente da compreensão genital, é o movimento que confere ao ser humano a marca do masculino e do feminino, numa diferenciação vista a partir do princípio da alteridade, percebendo o outro na sua diferença, numa relação de respeito e oblatividade. É uma relação de investimento na qual o indivíduo não mais se volta exclusivamente para si mesmo, mas vai em direção ao outro impelido por uma força propulsora de energia. Enquanto que a condição biológica no registro genital está para a relação cuja finalidade é perpetuar a espécie humana, a dimensão da genitalidade, como processo de diferenciação, confere ao ser humano a possibilidade de relação de alteridade. Além dessa compreensão, como necessidade de atender o impulso genital, é natural que alguns cedam à pressão da pulsão do ego ou de autopreservação, orientando a pulsão por essa via. Outros, porém podem abdicar de tal atividade em vista de outras produções, sem renunciar à sexualidade como força motriz das relações humanas. Desta forma, na escolha de vida religiosa consagrada, a sexualidade é vivida pela via da relação com o sagrado, influenciando outras relações como pulsão sexual sublimada (Freud, 1905/1976; Kupermann, 2008; Pereira, 2012).

Nesta linha de argumentação, a qual difere do instinto da pulsão, caracteriza-se a energia que Freud (1905; 1920/1976) denominou de libido. A libido, na visão psicanalítica, é

a energia psíquica que move a vida sexual, “é uma pulsão vital, uma energia que invade o ser, impregna a existência humana e todas as formas de relacionamento, inclusive o relacionamento com o sagrado, em busca do desejo” (Pereira, 2012, p.147). Esta energia pode partir dos diferentes órgãos do corpo e não somente da genitália. Compreende-se também que a libido é a manifestação da força do amor que permite o ser humano desenvolver vínculos afetivos. Segundo Bearzoti (1994), a palavra sexualidade, na concepção freudiana, tem o mesmo significado do verbo amar, na língua alemã - “*lieben*”. Sua expressão possibilita manifestar sentimentos que podem construir ou destruir as relações. Para além da concepção freudiana, pode-se entender a sexualidade como uma concepção da construção histórica e cultural, que se integra à rede de significados de determinado grupo social. Embora seja um fenômeno com características universais, comum a todos os seres humanos, este processo caracteriza-se também pela sua singularidade. Cada sujeito tem sua própria forma de elaborar as experiências concernentes à vivência da sexualidade. Com base nas descobertas de Freud (1905/1976), a sexualidade é uma realidade constitutiva do sujeito: desde a mais tenra idade, o recém-nascido traz consigo sinais de vivências sexuais, inicialmente confundidas com a necessidade de autopreservação, mas, posteriormente seguem seu curso normal de desenvolvimento. Desta forma, a sexualidade faz parte da identidade de cada pessoa como realidade vital (Ressel & Gualda, 2003; Salles & Ceccarelli, 2010; Santos & Ceccarelli, 2010).

Além de a sexualidade ser uma dimensão que constitui a identidade de cada pessoa é, também, um fenômeno sociocultural. Na concepção de Foucault (2004), a sexualidade é a denominação que se pode dar ao dispositivo histórico no qual foi implantado o conjunto de normas e regras defendidas pela sociedade e pelas instituições religiosas que visavam à manutenção do poder e do saber sobre os indivíduos. Assim, a sexualidade, para esse autor, é compreendida como o mecanismo que visava à manutenção do poder vigente, especialmente o poder eclesial e, conseqüentemente, a forma de manter o controle do sujeito e de suas relações.

Na perspectiva bíblico-teológica, a sexualidade, ao mesmo tempo em que se caracteriza como criação, invenção divina, revela a humanidade de cada pessoa quanto ao seu modo de ser e sentir, de se relacionar e comunicar com o outro (Sociedade Bíblica Católica Internacional, 1990; Cencini, 2010). A sexualidade revela no seu bojo o limite da condição humana que faz a pessoa necessitar e buscar no outro sua complementariedade. Deste modo, Kupermann (2008), evidencia que a sexualidade constitui marca de incompletude do ser humano e sua dependência do outro. A capacidade de estabelecer vínculo com o outro, de

saber relacionar-se é a marca do sujeito que pode ser considerado verdadeiramente humano (Pereira, 2012). Nessa dimensão, bíblico-teológica, a sexualidade constitui a realidade do espírito, do sopro divino, que possibilita a pessoa acolher a verdade da vida humana e dar a esta o verdadeiro sentido, numa dimensão transcendente. Nessa perspectiva, entende-se que a sexualidade pode-se revelar o amor do Criador para com os seres criados e permite entender a sexualidade numa dimensão transcendental, portanto, sublimada, dimensão que fundamenta a escolha pela vida religiosa consagrada.

Sexualidade no contexto histórico

A moralidade da sexualidade vem se constituindo desde os primeiros séculos da história da civilização num embate estabelecido pelo aparato social e eclesial a fim de se instalar uma ordem civilizatória (Santos & Ceccarelli, 2010). O mundo ocidental sempre teve a sexualidade como essência do ser humano, como expressão que traduz a subjetividade do indivíduo e seu modo de se comportar perante o contexto social.

Historicamente, difundiu-se a ideia de que o Cristianismo foi a instituição que implantou a moral sexual através dos mecanismos de repressão no âmbito da sexualidade, impondo um ideal de sociedade influenciada pela cultura judaico-cristã. Entretanto, não se deve delegar ao cristianismo toda gama de responsabilidade quanto às proibições impostas em torno da vivência da sexualidade. O cristianismo, sob influência do estoicismo, após o século IX, defendeu os três valores éticos, considerados fundamentos da moral cristã: a monogamia, a prática da sexualidade exclusiva em vista da reprodução e, em consequência disso, a ausência do prazer na relação sexual. Porém, tais princípios já existiam nas grandes civilizações como, por exemplo, na civilização romana cuja base foi o pensamento filosófico estoico. Coube ao cristianismo dar continuidade a essa moral sexual já existente. Quando o Cristianismo se inseriu, como religião do Estado, nas bases do império romano, esses valores morais já haviam sido incorporados por esse império. Para reavivá-los e se garantir na esfera social do império romano, o cristianismo ampliou suas estratégias, com o refinamento das confissões, não para apenas sustentar uma moral sexual, mas como garantia de sua influência em vista da manutenção do poder (Foucault, 2004; Santos & Ceccarelli, 2010).

Diante do exposto, salienta-se que a sexualidade, historicamente defendida pelos mecanismos sociais e eclesiais, é entendida a partir da relação matrimonial. O casamento, no princípio, fazia parte de um contexto laico, restrito a uma aristocracia, de esfera doméstica sem influência da Igreja. Este contexto se sustentou até o século IX, propondo a união

conjugal como um contrato comercial e político das famílias e entre as famílias da aristocracia vigente. A partir do século IX, a Igreja passa a interferir no casamento e após o século XII, esta instituição implantou uma moral defendendo a indissolubilidade do matrimônio e a monogamia. A cerimônia matrimonial tornou-se uma cerimônia pública, garantindo ao sacerdote o direito de ministrá-la. Na mesma época, instituiu-se também o celibato, ou seja, se os sacerdotes vivessem em castidade, isso lhes garantia autoridade para moralizar e interferir na vida íntima dos casais. Dessa forma, a vivência da sexualidade podia ser controlada. O casamento tornou-se uma realidade divina e sua finalidade era de perpetuar a espécie humana na terra (Dantas, 2010; Vainfas, 1986).

A partir do Concílio de Trento, ocorrido no século XVI, entre os anos de 1545 a 1563 (Ribeiro, 2006), a Igreja criou mecanismos e técnicas minuciosas para que os fiéis confessassem todas as suas experiências e sentimentos, a fim de revelar suas verdades ocultas, desde os sonhos, pensamentos e qualquer imaginação em relação a sua vida íntima. Tudo era revisado por meio de um interrogatório, para manter o controle de uma prática desregrada do sexo. Segundo a mentalidade da época, o pecado não estava simplesmente no ato, mas em toda e qualquer imaginação e a intenção com que se permitia tal ato. Pela auto-observação, as confissões permitiam ao sujeito a tomada de consciência sobre si, o contato com suas fraquezas, sua sexualidade e seu corpo.

O aspecto da subjetividade para Foucault (2004) foi a grande contribuição que o Cristianismo pôde dar à história da sexualidade, pois as técnicas da interiorização dadas nas confissões permitiam ao sujeito tomar consciência sobre si mesmo e seu corpo, embora tenham sido mecanismos de investigação, de saber, de controle e poder sobre os indivíduos. Com estas referências históricas, a moral sexual é uma realidade da cultura, porque é inevitável que, na sua organização social, a humanidade preveja um controle baseando-se em regras no uso e na expressão da sexualidade (Dantas, 2010; Foucault, 1979; 2004; Santos & Ceccarelli, 2010). Se a moralidade sexual contribuiu para o aspecto da subjetividade, impasses podem perpassar a vida de quem faz escolha pela consagração religiosa.

Escolha de vida religiosa consagrada

Entende-se escolha de vida religiosa consagrada como movimento interno que mobiliza a pessoa a dar resposta ao chamado divino para dedicar sua vida em prol de uma causa maior. A adesão da pessoa a esse chamado permite-lhe fazer um processo gradativo de amadurecimento nas etapas de formação religiosa (Vitório, 2008). Para se fazer tal escolha,

leva-se em conta o processo de discernimento nas etapas de formação denominadas: Aspirantado, Postulado, Noviciado e Juniorato. O Aspirantado é a etapa de primeiro contato, na casa de formação, das jovens aspirantes com a congregação e sua missão. O Postulado compreende o período de um a dois anos de aprofundamento dos elementos da fé e verificação dos aspectos psicológicos da vocação. O Noviciado é a etapa em que a noviça tem a teologia da vida religiosa e a vida do instituto religioso como conteúdo e vivências centrais de sua formação e experiência com o sagrado (Estatuto Provincial, 2012).

O Juniorato, tempo compreendido entre a Profissão Temporária e a Profissão Perpétua, é o período em que a religiosa consolida a vocação e assimila os valores concernentes à vida religiosa. O instituto, por sua vez, investe no crescimento humano, espiritual e profissional da religiosa, a fim de desenvolver aptidões pessoais, capacitando-a para missão no instituto e na sociedade. Embora o processo de formação nas demais etapas venha constituir tempo de discernimento e de escolhas, é no Juniorato que a consagrada pode testar suas reais motivações e se questionar quanto à consistência de sua escolha. O caráter de tempo definitivo e as motivações subjacentes à escolha da vida religiosa poderão gerar impasses na decisão em vista de uma opção definitiva (Direito Canônico, 1983; Estatuto Provincial, 2012).

Um dos impasses que pode ser considerado refere-se à questão das escolhas que as pessoas podem fazer para suas vidas. Entende-se que para fazer escolhas, necessariamente, a pessoa precisa estar situada a partir de si mesma. O mundo moderno e pós-moderno, embora considerando seu potencial de construção na dinâmica social, facilitou a fragmentação do sujeito. O ser fragmentado remete-se à fase do espelho, teoria lacaniana, em que a criança não possui uma autoimagem definida, ficando à mercê dos referenciais externos. Este processo de fragmentação contrapõe o contexto anterior ao período moderno em que os conceitos defendidos, por exemplo, pela filosofia clássica sustentavam a concepção de um indivíduo centrado, coeso (Pereira, 2012). Na compreensão psicossocial, o autor localiza no contexto pós-moderno, a crise das identidades. Esta crise atinge a pessoa e instituições, podendo abalar as estruturas sociais propiciando a crise de referências. Nesta análise pode-se constatar um relativismo em que o absoluto é passível de ser questionado. A pessoa poderá não saber ou sentir-se-á confusa na direção a ser tomada. Vale lembrar, ainda, que esse contexto pode atingir qualquer ser humano. Desta forma, a vida religiosa não se exclui desse fenômeno. Este contexto sugere dificuldade de membros da vida religiosa em fazer escolhas consistentes. Por outro lado, ressalta-se que a vida religiosa consagrada, baseia-se em fundamentos teológicos, que traçam outros parâmetros, enquanto experiência religiosa (Cencini, 2010).

Além do impasse das escolhas, a forma em que a sociedade se organiza e marca seus valores na contemporaneidade, poderá impactar a vida religiosa consagrada. Segundo Pereira (2012), outrora, a sociedade era estável, isto é, com referências marcadas. Porém, o momento atual tem sua especificidade, principalmente para pessoas que pautam suas escolhas a partir de valores teológicos, filosóficos e éticos. Portanto, ainda que a vida consagrada se localize no tempo histórico, esta é chamada a responder aos desafios da atualidade. Desta forma, sem perder aquilo que lhe é peculiar, a vida religiosa consagrada poderá rever seus conceitos, sobretudo, no que se refere à proposta de consagração ou do celibato e aos destinos da sexualidade. A partir desse entendimento, a sexualidade constitui outro impasse para a vida religiosa consagrada. Com essa visão, a partir da proposta do cristianismo, Pereira (2012) aponta o celibato entendendo, também a consagração religiosa, como fenômeno estranho cuja escolha não é para todos e impossível de ser compreendida pela razão. Além do mais, quem decide dar outro destino para a sexualidade precisa munir-se de recursos internos, espirituais e psicoafetivos. Ainda, Morano (2007) citado por Pereira (2012) afirma: “quem não tem aptidão, estrutura humano-afetiva e qualidade de alma pode ter sérios problemas com esse tipo de compromisso. O celibato é um fenômeno estranho. Ele pode afetar o psiquismo, o equilíbrio” (p. 147). No entanto, o destino que se dá para a sexualidade na vida religiosa consagrada, ou seja, a sublimação, não deixa de possibilitar nova compreensão dessa dimensão de estranheza e constitui contribuição social, uma vez que, na compreensão do conceito psicanalítico a pulsão é transfigurada em vista da civilização humana. E nem todos têm disposição interna para sublimar algo da natureza para além da esfera natural. A partir dessa análise, a sexualidade e os destinos que os consagrados dão para este fenômeno, poderão ser suscetíveis a impasses e seus membros podem se equivocar quanto à escolha do destino da pulsão. “O celibato não é para quem quer, e sim para quem pode” (Pereira, 2012, p. 147).

Por outro lado, tratando-se da vocação de maneira geral, considera-se que toda pessoa, desde o nascimento, quando é chamada à existência e desenvolve o capital espiritual tem uma vocação fundamental. O termo vocação tem origem no latim – *vocare* - que significa: ser chamado. Este termo é utilizado no contexto religioso para designar os que sentem o chamado divino: “um chamado para seguir um determinado caminho, um sentimento de profundo propósito pessoal e transpessoal, uma necessidade de agir com base nos valores mais profundos” (Zohar & Marshall, 2006, p. 148). No entanto, a vocação específica, no caso da consagrada, remete-se à possibilidade de fazer uma opção pessoal, dando significado e sentido à existência. Pode-se definir vocação como a visão que impele o sujeito com um

desejo interno de fazer alguma coisa em prol das pessoas, de fazer a diferença e de seguir uma inspiração (Cencini, 2004; Noé, 2010; Zohar & Marshall, 2006).

Ao diferenciar a escolha de uma pessoa pela vida religiosa consagrada e de outras escolhas que podem ser feitas, Zohar e Marshall (2006) enfatizam o desenvolvimento do capital espiritual. A escolha de vida religiosa consagrada implica na disposição para ampliar essa dimensão espiritual. A espiritualidade alimenta o desejo no ser humano de viver a partir dos ideais concernentes à escolha. O sujeito desejanste que não tem todos seus desejos satisfeitos, mas suporta viver a falta de algo que lhe venha assegurar a satisfação imediata do prazer, é capaz de dar lugar para Deus, como realidade sempre desejada e nunca totalmente de posse do sujeito. Pode-se compreender nessa concepção que a vida religiosa consagrada é entendida na experiência do mistério. Uma vida dedicada a viver de forma sublimada tem possibilidades de se abrir para a transcendência. Porém, o fato de uma pessoa estar no contato com o sagrado não a exime do mundo profano. Para tanto, a vida religiosa consagrada é um caminho que tem como ideal priorizar a vivência do sagrado, devendo considerar-se que esta se configura num tempo histórico (Pereira, 2004; Noé, 2010).

Do ponto de vista teológico é comum entender a vocação como iniciativa divina. Entretanto, analisa-se o aspecto psicológico do chamado à vocação religiosa. A dimensão psíquica pode ser considerada como uma pré-disposição para o chamado e que possivelmente estará vinculada à capacidade da pessoa ligar o imanente ao transcendente, realidades inseparáveis. Esta dimensão psíquica como pré-disposição psicológica pode ser entendida como a capacidade da pessoa sublimar (Noé, 2010).

Em pesquisas realizadas por Pereira (2004; 2012), investigando o sofrimento psíquico em religiosos, o processo de formação para a vida consagrada e celibatária foi colocado em questão. Na análise quanto às motivações para a escolha presbiteral e para a vida religiosa consagrada, os participantes apontaram os motivos e as consequências referentes à sua escolha. Ficou evidenciado que estes percebem perdas e ganhos ao se fazer a transição da vida laica para a vida religiosa consagrada. A escolha é de algo sempre maior do que se está renunciando, segundo participantes do estudo. Percebe-se que a pessoa ao realizar tal escolha almeja viver, na transcendência, a experiência do sagrado (Cencini, 2010).

Para se fazer o processo de discernimento vocacional é imprescindível o acompanhamento psicossocial. Este acompanhamento possibilita dialogar sobre motivações daquele(as) que se acredita vocacionado(a), a fim de que a pessoa possa distinguir seu verdadeiro desejo e perceber possíveis equívocos quanto à opção de vida. Na pesquisa, os formadores responsáveis pelo processo formativo avaliam quais dentre aqueles que buscam a

vida religiosa consagrada o fazem por necessidade afetiva e de proteção (Pereira, 2004; 2012). Entende-se que, por ser prática da sociedade atual, também o é na vida da Igreja no que se refere à busca pela segurança e proteção. Na ausência de referências, a tendência é buscar nas instituições modelos que venham a suprir uma falta (Pereira, 2004).

Partindo-se do princípio de que a vida religiosa consagrada é uma instituição que se configurou num processo milenar, sua organização assemelha-se como outras tantas instituições. Esta instituição se situa num contexto histórico, que se compõe de tradição, de regras e estatutos, atividades administrativas e formativas. Para quem deseja fazer a escolha de consagração para vivência da castidade, faz-se necessária maturidade afetiva, que consiste em ser capaz de acolher o modo de vida escolhido e viver a vocação do instituto de vida religiosa consagrada ao qual quer pertencer. É imprescindível a integração das dimensões humana e cristã para se fazer a escolha pela vida religiosa. Com isso posto, considera-se que o religioso é uma pessoa cristã, suficientemente humanizada em vista da missão e da vivência da fé em comunidade. E o resultado dessa integração transparece no sentimento de realização pela escolha da vida religiosa consagrada (Cencini, 2010; Pereira & Penzim, 2007; Vitória, 2008).

Ao situar onde se dá essa escolha, o instituto de vida religiosa consagrada é definido no Código de Direito Canônico no Cân. 607, § 2º como uma sociedade em que seus membros professam publicamente os votos religiosos de castidade, pobreza e obediência. A vida consagrada tem sua expressão pública. Em cada país, esta sociedade se configura respeitando seu contexto sociocultural. A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), fundada em 1954, no Rio de Janeiro como organização religiosa de direito canônico, compõe-se de associados e formado por religiosas e religiosos, pertencentes às diversas congregações religiosas residentes no Brasil. A instituição possui uma diretoria nacional eleita em assembleia com a finalidade de animar, articular e acompanhar a vida religiosa consagrada, numa dinâmica Inter congregacional (Conferência dos Religiosos do Brasil, 2007). Além da organização nacional, a CRB, está organizada em nível regional. A Conferência Regional do Rio Grande do Sul tem sua sede em Porto Alegre, vinculada à rede nacional. Cada congregação, para a continuidade da missão e presença na sociedade, empenha-se no serviço da formação dos candidatos à vida religiosa consagrada, em vista do discernimento de sua vocação e decisão quanto à opção pela vida religiosa (Direito Canônico 1983; Conferência dos Religiosos do Brasil, 2007).

Sexualidade e escolha de vida religiosa consagrada

Embora se tenha percebido abertura e avanços no diálogo e na formação para discorrer acerca da sexualidade na juventude da vida religiosa consagrada, mesmo assim o tema ainda é pouco discutido. Em pesquisa realizada por Pereira (2012) pontuando a sexualidade na esfera eclesial, este autor afirma que é delicado falar sobre sexualidade no contexto religioso, assim como entre os seres humanos em geral, pois a sociedade, no seu ideal imaginário e mítico vê a figura do religioso como um ser assexuado, que não possui desejos. A partir dos dados de sua pesquisa, o autor menciona que, entre religiosos jovens, tem-se avançado na compreensão da possibilidade de expressão de tais questões. Por exemplo, quando uma jovem passa por uma crise, seja ela da ordem da sexualidade ou de outra qualquer, esta é capaz de expressar-se para alguém de sua confiança no ambiente em que está se formando como religiosa.

Quem escolhe viver a vida religiosa consagrada, escolhe não manter vínculo permanente e exclusivo com uma pessoa, ou seja, escolhe não casar. Ao considerar o contexto histórico, o casamento, inicialmente, era supervalorizado pela Igreja, por esta instituição permitir a regulação da sexualidade. Posterior a isso, para legitimar o poder da Igreja em monitorar a vida comportamental dos fiéis na vivência da sexualidade e para garantir maior autoridade em fazê-lo, a Igreja instituiu o celibato e incentivou a castidade. No mesmo sentido, a virgindade feminina, nos primeiros séculos da era cristã, era considerada um estado de vida que garantia um lugar de relevância eclesial. Com isso, o matrimônio foi subestimado por ser menos santificador do que a virgindade ou a vivência da castidade. A Igreja exortava, sobretudo, às mulheres à importância de se manterem castas e as faziam conhecer os perigos que implicavam a vida matrimonial. Todavia, a visão da teologia, atualmente, tem sido modificada, já que o matrimônio é considerado também como escolha relevante em resposta ao chamado divino (Cencini, 2004; Dantas, 2010; Pereira, 2004; Salles & Ceccarelli, 2010; Vainfas, 1992).

O ideal de uma vida cristã, séculos III e IV, era a escolha pela virgindade, enfatizada como condição para se entrar no Reino do Céu. Através do casamento em si não se podia chegar à santidade da alma. Assim sendo, as mulheres eram orientadas a não casar (Vainfas, 1992). Esse ideal de santidade perpassava a vida de mulheres que se refugiavam nos lugares sagrados, para viver a “fuga do mundo”, característica esta vivida pelos eremitas desde o século III, o que para Hendges (2003) se consistiu num protesto contra a degradação da vida cristã. As igrejas cristãs, especialmente a católica, desempenharam papel fundamental, criando mecanismos normativos a fim de convencer as mulheres a optarem pela escolha da

castidade, evitando o casamento como satisfação dos desejos que poderiam macular a alma a qual deveria permanecer casta (Dantas, 2010).

Entretanto, na história da vida religiosa consagrada, existiam mulheres que desejavam abraçar um ideal de vida diferente, um modo alternativo e contra cultural, rompendo com os interesses e padrões de suas famílias como se percebe na escolha de vida de Clara de Assis, no século XIII. Clara de Assis, mulher de classe nobre que, buscando o ideal de ser verdadeira cristã, desafiando o contexto familiar da época, fez uma escolha radical na sua vida. Assumiu sua vocação de consagrada, optando por vivê-la em um mosteiro, fundou a segunda ordem franciscana, ordem das Clarissas, Ordem das damas pobres. Essa renúncia era vivida no claustro como ascese que elevava a escolha da virgindade como um casamento espiritual (Dal Moro et al., 2004).

Sexualidade e suas vicissitudes

Se a perspectiva bíblico-teológica possibilita entender a sexualidade pela via sublimatória, este conceito, a sublimação, facilita compreender como é possível o sujeito orientar a pulsão sexual em vista da produção artística e intelectual ou religiosa, permitindo a vivência da sexualidade por outras vias (Laplanche & Pontalis, 1980). Conforme Noé (2010), o conceito freudiano de sublimação é relevante para a compreensão do sujeito na cultura. Na obra “As pulsões e suas vicissitudes”, a sublimação é compreendida como um dos quatro destinos da pulsão: reversão a seu oposto; retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo; repressão e sublimação (Freud, 1915/1976). Na obra “A moral civilizada e a doença nervosa dos nossos tempos” a sublimação é considerada um mecanismo para compreender o sujeito na cultura (Freud, 1908). Nesta obra, é traçado um paralelo entre a moral sexual natural e a moral sexual civilizada, sendo que a primeira, embora imponha limites na vivência sexual, no desejo e no prazer, garante a saúde do indivíduo, bem como, o torna eficiente na vida em sociedade. Por outro lado, a moral sexual civilizada impõe ao sujeito uma exigência acentuada, de privação sexual em vista da produtividade cultural.

Para Freud, citado por Santos e Ceccarelli (2010) a moral sexual civilizada, como exigência restrita e acentuada, causava danos à saúde psíquica do indivíduo. Ainda, nos “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (Freud, 1905/1976), a sublimação é entendida como destino da pulsão dessexualizada, ou seja, uma pulsão não sexual. Portanto, a sublimação era compreendida, inicialmente, com sentido negativo, pois para se viver o processo civilizatório, era necessário recalcar a pulsão sexual e a obtenção do prazer. Na obra “Mal-estar na

civilização”, entretanto, Freud (1930/1974) confere à sublimação um novo sentido, pois percebe que a pulsão trabalha em favor da construção da vida, da criatividade e não como manifestação da pulsão de morte. Em Psicanálise, o termo sublimação evoca o sublime referindo-se às produções das belas artes como expressão de realidade de grandeza e elevação. O processo da química influenciou Freud pensar no ato de sublimar cuja dinâmica se dá na passagem de uma substância direta do estado sólido para o gasoso, sem passar pelo estado líquido. Na compreensão da química, a sublimação indica um movimento de elevação e transcendência (Birmam, 2008; Laplanche e Pontalis, 1980;).

Desde as experiências infantis, a sublimação é considerada como solução viável para Freud (1905) por meio da qual os desejos infantis, durante a latência, são substituídos por outro alvo de maior valor, não mais da ordem sexual, mas da ordem do simbólico. A compreensão da sublimação desde o infantil, também pode ser analisada na vida e obra de Leonardo da Vinci, na relação com a arte, produção considerada por Freud (1910[1909]) de alto teor sublimatório. No exemplo de Leonardo da Vinci, a sublimação se dá de duas formas: pela via da ciência que tem como foco o intelecto e pela via da arte como espaço de intuição e imaginação (Lage, 2008). Este processo sublimatório pode ser considerado como mudança da ordem do biológico para a ordem biográfica (Pereira, 2012). Ou seja, desfoca-se o desejo pulsional humano exclusivamente da ordem genital, incluindo outras possibilidades de destino às pulsões. Nesta dimensão de sublimação situa-se a escolha pela vida consagrada, o que não significa abdicar da vivência da sexualidade, mas predispor-se para outro nível de relacionamento, no caso das religiosas, na relação com o outro e com o sagrado. Consequentemente, aos que dão outro destino para a sexualidade, poderão ser capazes de se envolver e se ocupar de causas nobres, seja no âmbito religioso, político-social, da arte ou da produção científica, conferindo a este movimento, a sublimação, uma conotação e contribuição sociocultural (Freud, 1930/1974; Pereira, 2012). Todavia, sublimação não é exclusiva dos consagrados, visto que essa escolha de sublimação na vida religiosa não é para todos. A capacidade de sublimar é constituição inata de cada indivíduo, mas somente efetuada por uma minoria. Tal fato justifica o que Pereira (2012) refere com relação aos fatores subjacentes ao processo de sublimar, os quais implicam uma constituição psicobiológica do sujeito e as matrizes societárias da cultura pelas quais é possível mensurar a predisposição do sujeito a um nível maior ou menor de sublimação.

O processo sublimatório pode ser melhor compreendido a partir da metapsicologia como sistema do aparelho psíquico, sugerindo a sublimação como processo intrapsíquico (Castiel, 2007). A descoberta do Inconsciente constitui grande legado de Freud e a

metapsicologia originou-se de sua posição frente às descobertas científicas da época, em que ele concebeu a tópica psíquica diferente da anatomia (Maciel, 2007; Cossu Junior, 2000). Na primeira tópica, por exemplo, Freud (1900/1976) classifica sistemas psíquicos que se relacionam entre si: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. A preocupação de Freud foi investigar a formação dos sintomas, especialmente os da ordem psicossomática, como nos casos de histeria. Já na segunda tópica, sua investigação se deu nos processos de repressão na dinâmica psíquica. Desta investigação, Freud descobre as instâncias do Id, do Ego e do Superego, sendo o Id considerado o reservatório das pulsões, cuja energia, as demais instâncias sofrem influência. A dinâmica das instâncias psíquicas era regida pela libido (Freud, 1905; 1920/1976). A libido foi considerada como força de Eros, pulsão sexual que constrói e preserva a vida – pulsão de vida. De outro lado, também ele descobre a força de Tânatos, cuja energia é destruidora, caracterizada como pulsão de morte (Freud, 1920/1976).

Na verdade, dar destino à pulsão é uma tarefa que o Eu assume na relação com outras instâncias: Id e Superego. Para Lage (2008) nem sempre é fácil ou pacífico dar um novo destino à pulsão, mudando seu curso original. Às vezes, este processo pode ocorrer demandando uma exigência extrema. O Eu, em processo de sublimação, como fator resultante dessas forças em conflito, encontra-se vulnerável. Na concepção freudiana, esse destino nobre da pulsão tem seu limite. De um lado, parte da pulsão resiste à sublimação em vista da satisfação direta pela via original e do outro lado, não exime o sujeito de sofrimento ou conflito interno. Ou seja, o processo sublimatório pode gerar conflito psíquico. É um processo que demanda riscos para o Eu, frente às forças em conflito, cabendo-lhe dar um destino para pulsão (Lage, 2008). No entanto, não é possível viver o celibato sem o processo de sublimação, ainda que nem tudo possa ser sublimado. Por sua vez, a sublimação confere aos que optam pela via da consagração religiosa, a capacidade de renúncia em vista de um projeto de valor elevado. Entretanto, estes devem revestir-se de recursos espirituais, psíquicos e institucionais para fazer a escolha que os possibilitem se sustentar no projeto escolhido. As sociedades, nas quais estão presentes as experiências religiosas, Freud (1930/1974) as considera com mais alto nível de civilização. Dessa forma, tais civilizações tendem a avançar no seu desenvolvimento (Marcos, 2007; Pereira, 2012).

Diante disso, pode-se compreender, ainda, a sublimação numa associação com a experiência narcísica e o ideal de eu. O ideal do Eu está na base da sublimação, como instância que conserva os ideais e valores sociais (Pereira, 2012). A partir do momento em que o Eu retira a libido dos objetos sexuais, há um investimento dessa energia em si mesmo. Posteriormente, essa energia é direcionada para objetos não sexuais, razão pela qual Freud

(1908/1976) aponta a sublimação como um dos destinos da pulsão. Este autor difere a sublimação da pulsão recalcada e a concebe como desviada do seu curso original. Esse desvio não é decorrente da censura que reprime a pulsão, mas é o ideal de Eu que a exalta (Násio, 1995). Isso não significa que não haja contradição no ideal de Eu e que não deixa de provocar mudança de significação nas relações estabelecidas na história do sujeito (Lages, 2008).

Considerações finais

A vivência da sexualidade de cada pessoa depende de sua história de vida, não existindo um padrão estabelecido que determine a maneira certa ou errada da manifestação da sexualidade. O controle das pulsões sexuais, por outras vias que não sejam aquelas que atendam à satisfação originária, se configura como uma atividade que demanda recursos emocionais da pessoa. Na compreensão das exigências da moral na civilização, em que o sujeito é interpelado para as exigências de uma vida civilizada, ressalta-se que nenhuma pessoa poderá encarar a escolha pela castidade sem uma dose de conflito, pois esta se constitui de renúncia que abarca um desejo, cuja constituição está enraizada na natureza humana. Portanto, conforme Freud (1930/1974), mesmo os poucos que sublimam não se isentam de algum sofrimento psíquico. Nem mesmo deve iludir-se de que, com o tempo, as experiências da ordem da sexualidade tenham se completado no seu percurso dinâmico. A escolha pela vida religiosa consagrada demanda uma ascese constante, pois quem não for capaz de viver num equilíbrio entre a imaginação e as necessidades sexuais, no afã de se permitir tudo, não poderá ser capaz de fazer esta escolha de vida. Deste modo, a pessoa não conseguirá viver feliz, numa relação positiva com a realidade a que se renunciou. Porém, o controle das pulsões sexuais é possível mediante a capacidade do indivíduo em usar essa energia em vista de valores culturais. As normas e doutrinas implantadas a partir de códigos, a fim de disciplinar a sociedade, agem como órgão regulador das pulsões e que se faz necessário para vivência de uma sociedade civilizada (Cencini, 2010; Freud, 1908/1976; 1930/1974; Salles & Cecarelli, 2010; Santos & Cecarelli, 2010).

Dentre os vários pontos revisados neste texto, observa-se uma lacuna de pesquisas que abordem a temática da escolha de vida religiosa consagrada feminina, a relação com a sexualidade e suas vicissitudes, do ponto de vista psicanalítico. Considera-se importante que a vida religiosa consagrada e mesmo a comunidade científica tenha acesso à temática que se propõe neste estudo para contribuir na compreensão dos impasses que possam obstaculizar escolhas pela vida religiosa. A compreensão da escolha feminina pela vida religiosa

consagrada, pautada pelo conceito de sublimação, levaria ao entendimento de como é possível que alguém abdique da sexualidade que acompanha a vida das pessoas usualmente, sem, entretanto, deixar de ser pessoa integrada afetivamente. Por outro lado, estudos empíricos auxiliam para entender como essa escolha pode estar motivada por problemas emocionais de várias ordens. De qualquer forma, investigações dessa natureza são necessárias para que seja acompanhada com mais propriedade a vida psicossocial de formandas à vida religiosa consagrada, subsidiando com materiais e discussões nos institutos, acerca da escolha e destino que a vida religiosa dá para a sexualidade.

REFERÊNCIAS

- Bearzoti, P. (1994). *Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano*. *Arquivos de Neuro – Psiquiatria*. (Online), 52(1).
- Birman, J. (2008). *Criatividade e sublimação em psicanálise*. *Psicologia Clínica*, 20(1), 11-26.
- Castiel, S. (2007). *Sublimação: clínica e metapsicologia*. São Paulo: Escuta.
- Cencini, A.. (2004). *Quando Deus chama: A consagração aposta e desafio para os jovens de hoje*. Antonio Efro Feltrin (trad.). São Paulo: Paulinas.
- Cencini, A. (2010). *Virgindade e celibato, hoje: Para uma sexualidade pascal*. 2. ed. São Paulo: Paulinas.
- CNBB-Conferência dos bispos do Brasil. João Paulo II (1983). *Código de direito canônico*. Trad. Oficial: Brasília: Loyola.
- Conferência dos Religiosos do Brasil. (2007). *História da vida religiosa no Rio Grande do Sul. Celebrando o Jubileu 1957-2007*. Porto Alegre, RS: Suliani.
- Cossu Junior, F. (2000). *A consciência na primeira tópica freudiana*. São Carlos: UFSCar Dissertação de mestrado.
- Dal Moro, S. M. (apres.) et al. (2004). *Fontes Franciscanas*. Celso Márcio Teixeira (trad.). Vozes. Petrópolis/ RJ.
- Dantas, B.S.do A. (2010). *Sexualidade, cristianismo e poder*. *Estud. pesquis. psicol.*, Rio de Janeiro, 10(3). Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. acesso em 05 abr. 2013.
- Estatuto Provincial. (2012). *Irmãs franciscanas da penitência e caridade cristã- Província do Imaculado Coração de Maria*. Santa Maria, RS.
- Foucault, M. 1926-1984. (1979). *Microfísica do poder* (org. e trad. Roberto Machado) *Edições Graad*. Rio de Janeiro.
- Foucault, Michel, 1926-1984. (2004). *Ética, sexualidade, política*. Manuel Barros de Moth. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*.
- Freud, S. (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. IV, V.
- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.VII.

- Freud, S. (1908). *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.IX.
- Freud, S. (1910 [1909]). *Cinco Lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.XI.
- Freud, S. (1915). *As pulsões e suas vicissitudes*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.XIV.
- Freud, S. (1915-1916). *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVI.
- Freud, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.XXI.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.XXI.
- Hendges, M. (2003). *Relações de Poder em comunidades Religiosas*. Dissertação de Mestrado.
- Hoffmann, B. A. (2013). *Por uma psicanálise com sexualidade*. *Revista de Psicanálise*; Vol. 1, n.2 (jan. jun.2013). Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Porto Alegre.
- Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: Cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lage, Y. R. (2008). *Sublimação e idealização: os destinos de um conflito*. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH Dissertação de mestrado.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.L. (1980). *Vocabulário da psicanálise*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Maciel, K. D.S.A. (2007). *O percurso de Freud no estudo da religião. Contexto histórico e epistemológico, Discurso e novas possibilidades*. Pernambuco: UCP Dissertação de mestrado.
- Marcos, C. (2007). *Do que se pode ler em Clarice Lispector: Sublimação e feminino*. *Revista do Departamento de Psicologia*. UFF, 19(1), 215-226. Retrieved January 13, 2014, from <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 30 Jul. 2013.
- Nasio, D. J. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- Noé, S. V. (2010). *A Vocação sublime: Da rela o entre relig o e sublima o na defini o da voca o religiosa*. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 21, n. 1, Mar. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 30 Jul. 2013.

- Padilha N., Ney K., & Cardoso, M. R. (2012). *Sexualidade e pulsão: Conceitos indissociáveis em psicanálise? Psicologia em Estudo*, 17(3), 529-537. Retrieved September 25, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 06 abril. 2013.
- Pereira, W. C. C. (2004). *A formação religiosa em questão*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pereira, W. C. C. (2012). *Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Belo Horizonte: PUC, Minas.
- Pereira, W. C. C. (2012). *Por uma compreensão da pessoa e da vivência do celibato*. In Eloy, L. H. & Dilva (org). 2012. *O Dom do Celibato na Vida e na Missão da Igreja* (pp.121-149). Brasília/DF: Edições CNBB.
- Pereira, W. C. C.; Penzim, A. M. B. (2007). *Análise institucional na vida religiosa: Caminhos de uma intervenção*. *Estudo e Pesquisa em Psicologia*, UERJ, RJ, V. 7, n. 3, p. 521-540, Dez.
- Ressel, L. B., & Gualda, D. M. R. (2003). *A sexualidade como uma construção cultural: Reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(3), 82-87. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 06 abril. 2013.
- Ribeiro, A. L. do V. (2006). *Revelação nos concílios de Trento e Vaticano II*. *Rev. Trim. Porto Alegre* v. 36 n°. 151 Mar. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1670/1203>. Acesso em: 20 ago. 2013.
- Salles, A. C. T. da C.; Ceccarelli, P. R. (2010). *A invenção da sexualidade*. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, set. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso: em 06 abr. 2013.
- Santos, A. B. dos R.; Ceccarelli, P. R. (2010). *Psicanálise e moral sexual*. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 32, n. 59, jun. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 13 maio 2013.
- Sociedade Bíblica Católica Internacional*. (1990). Ed. Paulinas, S. Paulo, Brasil.
- Vainfas, R. (1986). *História e sexualidade no Brasil* (org.). Rio de Janeiro: Edições Graad.
- Vainfas, R. (1992). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. 2. ed. São Paulo: Ática.
- Vitório, J. (2008). *A pedagogia na formação: reflexões para formadores na vida religiosa*. 1. ed. São Paulo: Paulinas.
- Zohar, D. & Marshall, I. (2006). *Capital espiritual: Usando as inteligências racional, emocional e espiritual para realizar transformações pessoais e profissionais*. Rio de Janeiro: BestSeller.

2.2 Estudo II - Artigo Empírico

ESCOLHA DE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, SEXUALIDADE E SUAS VICISSITUDES

Consecrated religious life, sexuality and its aspects

Nilvete Soares Gomes; Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Resumo:

O mundo moderno e pós-moderno, embora apresentando potencial de construção na dinâmica social, facilitou a fragmentação do sujeito, dificultando as suas escolhas. A escolha de vida religiosa encontra-se hoje no cenário das muitas escolhas possíveis para o sujeito. A presente pesquisa propôs compreender a influência da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, transversal, exploratória cujo objetivo foi o de investigar o processo de sexualidade e suas vicissitudes na vida das jovens religiosas que fizeram a escolha pela vida religiosa consagrada e quais impasses subjazem a esta escolha. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco religiosas jovens, considerando os tópicos: significado da sexualidade para as religiosas; vivência da sexualidade no contexto familiar – história de vida; ser mulher- ser mulher na vida religiosa consagrada; experiências de relacionamentos afetivos; impasses na vivência da sexualidade entre as religiosas; vocação – vocação religiosa; motivações para escolha e permanência na vida religiosa consagrada. A partir dos relatos constatou-se que a vivência da sexualidade na escolha de vida religiosa não constitui maior desafio para as jovens consagradas. O acento é evidenciado pelas religiosas na dificuldade das relações interpessoais fraternas, consequentemente, com o atravessamento da sexualidade.

Palavras-chave: sexualidade; vida religiosa consagrada; sublimação.

Abstract:

The modern and postmodern world carries a potential for new and ongoing social dynamics, which facilitates the fragmentation of the subject and makes subjects' choices difficult. The religious life choice is nowadays one of many possible choices to make. The present research proposes to understand the influence of sexuality and its aspects in consecrated religious life the choice. An exploratory qualitative research was conducted and it aimed to investigate the influence of sexuality and its aspects in the life of religious young people who chose the consecrated religious life and what impasses underlie this choice. To this end, semi-structured interviews with five young religious were conducted considering the topics: meaning of sexuality for religious; experience of sexuality within the family - life story; being a woman-a woman in the consecrated religious life; experiences of caring relationships; impasses in sexual experience among religious; vocation - religious vocation; motivations for choosing and staying in the consecrated religious life. Data shows that the experience of sexuality in religious life is no hardest challenge for these young women. The risk or adversity more emphasized was the difficulty in religious fraternal interpersonal relations consequently, the crossing of sexuality .

Key words: sexuality; consecrated religious life; sublimation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender a influência da sexualidade e seus destinos na escolha de vida religiosa consagrada, buscando encontrar resposta para o problema de pesquisa que propôs investigar como se dá a vivência da sexualidade, suas vicissitudes e a escolha de vida religiosa consagrada em mulheres jovens. Para efetuar a investigação acerca do tema desta pesquisa, foram entrevistadas jovens religiosas que contribuíram com os dados para este estudo, relatando suas experiências sobre como percebem a vida religiosa consagrada, a forma de tratar o tema no contexto religioso, bem como suas experiências afetivas ressignificadas no processo formativo.

No cenário social e político atual, percebe-se a relevância do papel e influência da mulher face ao seu lugar social e seu interesse nas transformações desse contexto (Fleck & Wagner, 2003). Para tanto, o cenário cultural advindo dos marcadores da pós-modernidade possibilita às pessoas revisitar conceitos, crenças e valores a fim de se redefinir e encontrar caminhos para melhor dialogar com as transformações sociais. Uma das questões que ao longo do tempo sofre mudanças de concepções está ligada às questões de ordem sexual. Desde os tempos mais remotos, a sexualidade constituiu alvo de interesse por parte das elites sociais e culturais emergentes. Atualmente, este processo ainda continua sendo assunto restrito e alvo de tabu, pois abordar o tema da sexualidade pode gerar controvérsias e causar certo desconforto em nível pessoal e social.

A mulher religiosa antes de ser consagrada, é mulher, condição primeira de sua humanidade. Ao assumir sua vocação feminina como consagrada, a religiosa tomará posse da força transformadora que poderá impactar positivamente a sociedade. Porém, muitos impasses podem tolher essa energia pulsional de vida e impedir a religiosa de viver sua real motivação pela vida religiosa consagrada.

A Conferência dos Religiosos do Brasil tem aberto espaço para uma formação humanizadora levando em conta as várias dimensões do ser humano. Porém, acompanhando religiosas jovens de vários institutos religiosos e ouvindo suas experiências no âmbito da sexualidade, percebe-se que este tema necessita ser melhor discutido no segmento religioso. Realizada uma revisão teórica, em diversas bases de literatura psicológica indexada, verificou-se carência de pesquisas recentes que discutissem o tema da sexualidade na esfera religiosa, sobretudo no que tange à concepção da sexualidade na vida religiosa consagrada feminina. Assim, a relevância desse estudo está na finalidade de incluir a discussão do tema na comunidade científica, abrindo espaço para a reflexão no segmento da vida consagrada.

Considerando-se que a escolha para vida religiosa consagrada deve ser uma decisão livre e consciente por parte daquelas que a procuram e professam publicamente essa decisão, (Estatuto Provincial, 2012) muitos institutos religiosos têm-se deparado com os impasses da vivência da sexualidade junto aos seus membros, não somente entre as mulheres jovens, mas também entre as que vivem sua consagração definitiva. Porém, o tema mobiliza as jovens nos seus valores e isso, muitas vezes, colocará em dúvida suas escolhas. Nessa perspectiva, a presente pesquisa se propôs a compreender a vivência da sexualidade, suas vicissitudes e a escolha de vida religiosa, explorando as motivações subjacentes a esta opção de vida.

O interesse por estudar o tema da sexualidade e escolha de vida religiosa na etapa do Juniorato explica-se no sentido de que as jovens, nessa etapa de formação, são desafiadas em dar uma resposta vocacional. Além dessa justificativa, o estudo possibilitará compreender como se dá essa vivência na esfera da consagração religiosa e possibilitará abrir espaço de reflexão entre as envolvidas no estudo, bem como, para a vida religiosa consagrada.

O termo sexualidade, anterior às descobertas de Freud (1905/1976) era pouco mencionado. A sexualidade foi considerada no contexto social conforme Foucault (1979) como discurso acerca das experiências da carne, símbolo da fraqueza e pecado. Dessa forma proibiu-se o sexo com a intenção de bani-lo da consciência do indivíduo, pois o sexo era considerado matéria de pecado. Vale lembrar que a sexualidade vista como tema tabu que mobiliza os seres humanos, foi um conceito defendido e considerado tema central no discurso psicanalítico (Hoffmann, 2013).

Ao conceituar a sexualidade no campo biológico, leva-se em conta que o ser humano é um ser dotado de instinto. Entretanto, o instinto difere de pulsão na concepção freudiana que significa impulsão (Laplanche & Pontalis, 1980). A pulsão sexual não compreende as atividades da ordem biológica, segundo Padilha e Cardoso (2012), embora tenha origem na excitação corporal. No entanto, a nova Teoria das pulsões, Freud (1920/1976) vem romper com esse dualismo da pulsão sexual e de autopreservação, inaugurando a segunda Teoria das pulsões que coloca no cenário do psiquismo a pulsão de morte e pulsão de vida, agora não mais regida pelo princípio do prazer, mas para além dele.

Nesse entendimento, considera-se diferenciar o sentido do genital e da genitalidade. A condição biológica, no registro genital predispõe a pessoa para uma relação em vista da reprodução a fim de perpetuar a espécie humana (Freud, 1905/1976), enquanto que a dimensão da genitalidade, como processo de diferenciação, coloca o ser humano na relação de alteridade, percebendo o outro como ser diferente. O princípio da alteridade implica no respeito e acolhida amorosa do outro. O que pode caracterizar uma relação amorosa é a

capacidade de se manter vínculo responsável por si mesmo e pelo outro (Pereira, 2012). Além dessa compreensão, é natural que alguns cedam à pressão da pulsão do ego ou de autoconservação. Outros, porém, abdicam de tal atividade em vista de outras finalidades, entre as quais se enquadra a vida religiosa, cuja pulsão sexual é sublimada. A pulsão sexual foi diferenciada do instinto como energia que Freud (1905; 1920) a denominou de libido. A libido é a energia psíquica que move a vida sexual. A sexualidade, portanto, na visão psicanalítica, ultrapassa a dimensão biológica. Esta energia abarca as várias dimensões da vida humana. Mesmo que a sexualidade seja vista, comumente ou pelo leigo, como sinônimo de genitalidade, para a concepção freudiana é uma realidade que vai se construindo. Assim, a sexualidade alcança, através da teoria freudiana, uma conotação ampla, para além do sentido genital, reprodutiva (Bearzoti, 1994; Laplanche e Pontalis, 1980).

Com base no exposto, pode-se entender a sexualidade como o resultado da construção histórica e cultural, que se integra à rede de significados de determinado grupo social. A sexualidade é uma realidade universal, comum a todos os seres humanos e caracteriza-se como um processo singular de cada sujeito na sua forma de elaborar as experiências que envolvem o viver humano (Salles & Ceccarelli, 2010; Santos & Ceccarelli, 2010; Ressel & Gualda, 2003).

Autores como Salles e Ceccarelli (2010) constataam que a sexualidade é uma criação da cultura ocidental, embora presente também nas demais culturas. E como realidade da cultura, a sexualidade é a denominação que se pode dar ao dispositivo histórico no qual foi implantado o conjunto de normas e regras, defendidas pela sociedade e pelas instituições religiosas que visavam à manutenção do poder e do saber sobre os indivíduos. Portanto, a sexualidade é compreendida como o mecanismo que visava à manutenção do poder vigente, especialmente o poder eclesial. Para tanto, o controle da sexualidade era uma das formas de manter o controle do sujeito e de suas relações (Foucault, 2004).

A perspectiva bíblico-teológica permite entender a sexualidade numa dimensão transcendental, e isso remete ao conceito de sublimação. Nesse aspecto, cabe mencionar o conceito de sublimação desenvolvido por Freud (1905; 1930). Este conceito explica como é possível para o sujeito orientar a pulsão sexual em vista da produção artística e intelectual ou religiosa, permitindo a vivência da sexualidade por outras vias (Laplanche & Pontalis, 1980). No âmbito da vida religiosa consagrada é possível compreender a sexualidade a partir do conceito freudiano de sublimação, relevante para a compreensão do sujeito na cultura (Noé 2010). É fundamental ressaltar que na obra “As pulsões e suas vicissitudes”, a sublimação é compreendida como um dos quatro destinos da pulsão: reversão a seu oposto; retorno em

direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo; repressão e sublimação (Freud, 1915). Na obra “A moral civilizada e a doença nervosa dos nossos tempos” (Freud, 1908) a sublimação é considerada um mecanismo para compreender o sujeito na cultura. No entanto, a mesma obra, ressalta que a moral sexual civilizada impõe ao sujeito uma exigência acentuada de privação sexual em vista da produtividade cultural. Assim, o processo sublimatório nem sempre é tranquilo, porque nem tudo é possível sublimar. No caso da vida religiosa, requer ascese constante.

Aprofundando a teoria das pulsões, Freud (1930) confere à sublimação um novo sentido, ao perceber que a pulsão trabalha em favor da construção de vida, da criatividade e não como manifestação da pulsão de morte. O termo sublimação caracteriza o sublime referindo-se às produções das belas artes como expressão de realidade de grandeza e elevação (Laplanche e Pontalis, 1980). Para Birmam (2008), assim como para Laplanche e Pontalis (1980), o processo da química influenciou Freud a pensar no ato de sublimar, cuja dinâmica se dá na passagem de uma substância direta do estado sólido para o gasoso, sem passar pelo estado líquido, indicando um movimento de elevação e transcendência.

Outro dado que caracteriza a sexualidade é pensá-la como expressão da subjetividade do indivíduo e seu modo de se comportar perante o social. O aspecto da subjetividade, para Foucault (2004), foi a grande contribuição que o Cristianismo deu à história da sexualidade, visto que as técnicas da interiorização dadas nas confissões permitiam ao sujeito tomar consciência sobre si mesmo e seu corpo. Evidentemente, esse modo de intervir na subjetividade constituiu mecanismo de investigação, de saber e de poder sobre os indivíduos. O cristianismo, a partir do século IX, tendo como fundamento o estoicismo, defendeu os três valores éticos considerados colunas mestras da moral cristã, levando a difundir a idéia de que a Igreja foi a instituição que implantou a moral sexual. Vale lembrar que o cristianismo deu continuidade a essa moral sexual já existente, ampliando suas estratégias, com o refinamento das confissões, não apenas para sustentar uma moral sexual, mas como garantia de sua influência em vista da manutenção do poder (Foucault, 2004; Santos & Ceccarelli, 2010).

Para compreender a sexualidade na escolha de vida religiosa consagrada, considera-se necessário entendê-la na sua organização. A vida consagrada tem sua expressão pública, fazendo-se presente em nível mundial. O instituto de vida religiosa consagrada expressada no Código de Direito Canônico, que define no Cân. 607, “§ 2º é uma sociedade cujos membros professam publicamente os votos religiosos de castidade, pobreza e obediência”. Em cada país, esta sociedade se configura respeitando seu contexto sociocultural. A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) é composta por religiosas, religiosos e religiosos sacerdotes,

pertencentes às diversas congregações religiosas residentes no país com a finalidade de animar, articular e acompanhar a vida religiosa consagrada no Brasil (Conferência dos Religiosos do Brasil, 2007).

Cada congregação, visando à continuidade da sua missão e presença na sociedade, empenha-se a serviço da formação dos candidatos à vida religiosa consagrada, oportunizando, aos jovens, estudo e experiência grupal, a fim de que possam fazer o discernimento para escolha de sua vocação e decisão quanto à opção pela vida religiosa. Para tanto, no seu projeto de formação, a vida religiosa consagrada feminina tem como proposta desenvolver o plano de formação em etapas que se denominam: Aspirantado, Postulado, Noviciado e Juniorato. O Juniorato é o tempo compreendido entre a Profissão Temporária e a Profissão Perpétua. Este período é oportunizado à jovem religiosa consolidar a vocação e assimilar os valores concernentes à essa escolha (Estatuto Provincial, 2012; Direito Canônico, 1983).

É na etapa de formação do Juniorato que a religiosa se questiona em relação à consistência de sua escolha, consolida a consciência da vocação, além de testar suas reais motivações para viver a consagração religiosa em vista da emissão dos votos religiosos de caráter definitivo. Desta forma, entende-se a vocação como chamado, cujo termo tem origem no latim *vocare* que significa: ser chamado. Este termo é utilizado no contexto religioso para designar aqueles e aquelas que sentem o chamado divino. Para quem deseja fazer uma escolha de consagração para vivência da castidade, faz-se necessária a maturidade afetiva, a qual consiste em ser capaz de acolher o modo de vida escolhido e viver a vocação do instituto de vida religiosa consagrada ao qual quer pertencer. É imprescindível a integração das dimensões humana e cristã para que se possa fazer a escolha pela vida religiosa (Cencini, 2010; Vitória, 2008).

Do ponto de vista teológico é normal e comum entender a vocação como iniciativa divina. Entretanto, o autor analisa o aspecto psicológico do chamado à vocação religiosa. Esse autor considera a dimensão psíquica como uma pré-disposição para o chamado que possivelmente está vinculado à capacidade da pessoa ligar o imanente ao transcendente. Esta pré-disposição psicológica é entendida como a capacidade da pessoa usar o mecanismo da sublimação na concepção freudiana. Frente a esta colocação, existe a necessidade de se verificar as reais motivações que de fato impelem a pessoa optar pela vida religiosa consagrada, além de ser importante, também identificar qual o propósito de vida e as razões dessa escolha (Noé, 2010).

Em pesquisas realizadas por Pereira (2004; 2012), analisando as motivações para a escolha presbiteral e para a vida religiosa consagrada, os participantes apontaram os motivos e

as consequências referentes à sua escolha. Ficou evidenciado que há perdas e ganhos ao se fazer a transição da vida laica para a vida religiosa consagrada. Porém, a escolha é de algo sempre maior do que se está renunciando. A pessoa que realiza tal escolha almeja viver a experiência do sagrado, da transcendência (Cencini, 2010; 2004).

Para que se fazer o processo de discernimento vocacional é imprescindível o acompanhamento psicossocial. Este acompanhamento possibilita dialogar sobre motivações daquele(a) que se acredita vocacionado(a), a fim de que a pessoa possa distinguir seu verdadeiro desejo e perceber possíveis equívocos quanto à opção de vida. Em pesquisas como a de Pereira (2004; 2012) os formadores responsáveis pela formação religiosa fazem avaliação do processo formativo, percebendo que aqueles que buscam a VRC o fazem por necessidade afetiva e de proteção. Considera-se que, à semelhança da prática da sociedade atual, esse fenômeno também pode incidir na vida da Igreja no que se refere à busca pela segurança e proteção. Conclui-se que, na ausência de referências, a tendência é buscar nas instituições modelos que venham a suprir uma falta (Pereira, 2004). Pode-se constatar que é delicado falar sobre sexualidade no contexto religioso, assim como é entre os seres humanos em geral, pois a sociedade, no seu ideal imaginário e mítico vê a figura do religioso como um ser assexuado, sem desejos. Embora se tenha percebido abertura e avanços no diálogo e na formação para discutir sexualidade na juventude da vida religiosa consagrada, o tema ainda é pouco discutido, razão pela qual se investe nesta pesquisa (Pereira, 2012).

Frente a essas argumentações, considera-se ainda que a vivência da sexualidade de cada pessoa depende de sua história de vida, de suas experiências, não existindo um padrão estabelecido. O controle das pulsões sexuais por outras vias, que não sejam aquelas que atendam à satisfação originária, configura-se como uma atividade que demanda recursos emocionais da pessoa. Isso exige capacidade de sublimação, considerando que nem tudo pode ser sublimado. Desta forma se entende o porquê da necessidade de ascese. A vivência da espiritualidade dá condições para experiências que vão além do fato de poder sublimar. Deste modo, a religiosa é chamada a fazer a experiência do gozo mencionada por Lacan (1972-1973), experiência inspirada nos místicos e que remete para além da sublimação, para uma experiência inominável e que Lacan denomina mais ainda (Freud, 1930; 1908; Salles & Ccarelli, 2010).

Neste estudo, observou-se uma lacuna de pesquisas que abordem a temática da escolha de vida religiosa consagrada feminina, a relação com a sexualidade e suas vicissitudes, do ponto de vista psicanalítico. A compreensão da escolha feminina por uma vida religiosa consagrada, pautada pelo conceito de sublimação, leva à compreensão de como é possível que

alguém abdique da sexualidade, que acompanha a vida das pessoas usualmente, sem, entretanto, deixar de ser uma pessoa emocionalmente equilibrada. Por outro lado, dados empíricos nesta pesquisa sugerem como essa escolha pode estar motivada por problemas emocionais de várias ordens.

MÉTODO

Delineamento

O estudo configurou-se como pesquisa qualitativa, transversal, exploratória no intuito de perceber o fenômeno da sexualidade no contexto religioso e qual significado que as participantes atribuem a esse fenômeno a partir de suas vivências. De acordo com Creswell (2010), a pesquisa qualitativa utiliza-se da investigação interpretativa dos fenômenos que se manifestam no contexto do estudo em questão. Nesse tipo de pesquisa, na experiência com os participantes, o pesquisador é ativo e deles extrai o significado dos fenômenos experienciados por eles.

Participantes

Participaram deste estudo cinco mulheres religiosas, maiores de 20 anos, oriundas de diferentes institutos de vida religiosa consagrada, que concluíram o Ensino Médio e que estão em formação na etapa do Juniorato. As participantes foram selecionadas por conveniência nas casas religiosas da cidade de Porto Alegre/RS e Santa Maria/RS, respondendo aos critérios, objetivos e questões de investigação da pesquisa. O tamanho da amostra foi definido pelo critério de saturação teórica. Como critério de inclusão, considerou-se que as religiosas haviam concluído o Ensino Médio, emitido os primeiros votos religiosos, estando em processo de formação na etapa do Juniorato. Esta etapa possibilita a jovem religiosa tomar decisão definitiva quanto à escolha vocacional.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

Para obtenção de dados referentes à singularidade de cada participante, foi aplicado um questionário sociodemográfico, a fim de conhecer a realidade das participantes e colhendo dados que favoreceu o entendimento do processo investigativo da pesquisa. Para tanto, foi solicitado às participantes o preenchimento do mesmo antes da efetivação da entrevista. No questionário, como segue demonstração abaixo, foram incluídas perguntas sobre: idade, local de nascimento, ano de Profissão Religiosa Temporária, escolaridade, situação familiar, situação ocupacional, nível sócio econômico e relacionamento afetivo.

Figura 1: Demonstração de dados

<i>Participantes</i>	<i>Q.1. Idade</i>	<i>Q.3. Anos de Profissão religiosa</i>	<i>Q.4. Situação ocupacional</i>
P1. Clara	23 anos	4º ano	Coord. de Pastoral educacional, da catequese e formadora no aspirantado
P2. Inês	26 anos	3º ano	Recepcionista em instituição e Estudante
P3. Tereza	23 anos	3º ano	Professora de E. Religioso
P4. Edith	24 anos	3º ano	Serviço administrativo e orientadora religiosa-escola
P5. Gorete	25 anos	1º ano	Coord. de Pastoral e recepcionista

Entrevista semiestruturada

As questões norteadoras da entrevista se referiram à percepção da sexualidade, às percepções acerca da vocação e às motivações para a escolha de vida religiosa consagrada. Desta forma, o significado da sexualidade para as religiosas; vivência da sexualidade no contexto familiar – história de vida; ser mulher na vida religiosa consagrada; experiências de relacionamentos afetivos; impasses na vivência da sexualidade entre as religiosas; vocação – vocação religiosa; motivações para escolha e permanência na vida religiosa consagrada, foram os tópicos que nortearam as entrevistas. A entrevista para coleta de dados, segundo Breakwell et al. (2010), permite ao pesquisador coletar dados e registrar conclusões significativas, válidas e fidedignas das informações obtidas.

Procedimentos

A pesquisa foi aprovada pela Comissão Científica da Faculdade de Psicologia (Ofício 034/2013 – PRB; Anexo A). Após exame de qualificação, o projeto foi encaminhado e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica-PUC/RS, e aprovado (Ofício CEP-667.576; Anexo B). De acordo com os princípios éticos, foi garantido o anonimato das participantes envolvidas na pesquisa. Para tal, foram utilizados pseudônimos para identificar as falas das participantes: Clara, Edith, Tereza, Inês, Gorete¹. Foi firmado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) e assinado pelas participantes em duas vias, aceitando participar da pesquisa e autorizando a gravação dos dados. Deixou-se claro para as envolvidas que elas poderão interromper sua participação na pesquisa sem nenhum prejuízo. A coleta dos dados foi realizada pela pesquisadora e a transcrição contou-se com o auxílio do grupo de pesquisa. Inicialmente, foi realizada uma entrevista piloto, com uma religiosa como meio de aprimoramento das questões de pesquisa, bem como para obtenção de sugestões das participantes, o que oportunizou reelaboração das questões norteadoras, sua ordem no processo de investigação e confirmação do instrumento de pesquisa.

Para a efetivação da pesquisa, foi realizada visita à sede da Conferência dos Religiosos do Brasil em nível regional em Porto Alegre para localizar endereços das casas religiosas em Santa Maria/RS e Porto Alegre/RS, nas quais residem religiosas na etapa de formação do Juniorato. Posteriormente, foi feito contato com religiosas de vários institutos situados em Santa Maria/RS e Porto Alegre/RS através de visitas domiciliares ou via telefone, convidando-as para participar da pesquisa. Dentre as religiosas que foram contatadas algumas informaram que não mais pertenciam ao instituto e outras não se dispuseram para colaborar com o estudo. A partir de então, foram contadas outras religiosas que respondiam aos critérios da pesquisa e aceitaram participar e dar entrevista. Na ocasião foram dados esclarecimentos da proposta da pesquisa e apresentados os objetivos do estudo.

A modalidade da realização das entrevistas foi individual a fim de preservar a privacidade das participantes. As religiosas foram convidadas a participar do estudo com agendamento prévio de data, nas casas religiosas e em outros lugares sugeridos por elas para a efetivação da entrevista. O tempo para cada entrevista teve duração entre uma hora e uma hora e meia, aproximadamente.

¹ *Esses nomes foram considerados por se tratar de mulheres que optaram pela vida religiosa consagrada no seu tempo, conforme a Teologia cristã, católica, assumindo riscos para permanecerem fieis à escolha feita. Os nomes seguem, também identificando as participantes apresentadas na figura acima como P1, P2, P3, P4, e P5.*

Foi feito *rapport* com apresentação da pesquisadora e da participante, esclarecendo os objetivos da pesquisa e o significado da sua participação como forma de contribuir com a comunidade científica. Solicitou-se a cada uma das entrevistadas, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, ficando uma cópia com a participante. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas com a colaboração do grupo de pesquisa e analisadas em pares.

Análise dos dados

Para análise dos dados obtidos na coleta foi utilizada a Análise de Conteúdo na confluência da Análise de Discurso. Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2007), constitui-se em instrumento de análise de relato da comunicação nos diversos contextos e realidades. A autora afirma que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos, descrevendo o conteúdo das mensagens. Neste processo, a autora compara o analista como um arqueólogo ou a um detetive em busca de índices cuidadosamente postos em evidência pelos participantes. Após este processo, evidenciaram-se as seguintes categorias e subcategorias: Sexualidade- Corpo X Transcendente; Ser mulher e mulher consagrada; Sexualidade no contexto familiar; Experiências afetivas; Abuso sexual e assédio sexual; Sexualidade na vida religiosa consagrada; Voto de castidade; Resignificar experiências; Vocação; Origem da vocação; Motivos para entrar e permanecer na VRC; Certezas e incertezas na escolha; Concepção das jovens sobre a VRC e Desafios na vida religiosa Consagrada.

Seguindo-se a proposta de Análise de Conteúdo de Bardin (2007), foi feita a leitura minuciosa dos depoimentos das participantes, ordenando os dados e categorizando-os considerando a dimensão indutiva da pesquisa qualitativa. Conforme a autora, a análise categorial é a denominação que considera a totalidade de um texto extraído dele significados. Como pesquisa qualitativa no enfoque da Análise de Conteúdo, foi fundamental o uso da teoria psicanalítica como referencial teórico para análise dos dados, bem como autores mencionados na revisão da literatura. A teoria psicanalítica permitiu explicar fenômenos que emergiram no contexto da pesquisa, considerando a escolha de vida religiosa consagrada, especialmente, sob o enfoque da sublimação, conceito relevante da psicanálise.

Ao discutir aspectos referentes ao processo de Análise de Conteúdo, Moraes (1999) classifica cinco etapas desse processo: a preparação das informações - consistindo na leitura do material coletado em que se decide sobre quais das informações respondem aos objetivos

da pesquisa; a unitarização – significa a releitura do material para a definição das unidades de análise que poderão ser expressas em frases, palavras, temas ou documentos de forma integral; categorização - agrupamento de dados comuns de uma informação que darão origem as categorias temáticas. Esta etapa consiste em fazer uma síntese de uma informação cujo processo implica uma redução de dados extraíndo deles um significado. A validade das categorias está no sentido de ser significativa em relação ao conteúdo do documento e uma reprodução adequada dos mesmos. A descrição - consiste na comunicação dos resultados, utilizando-se de preferência o máximo de citações diretas dos dados originais e por fim, a interpretação - é a compreensão profunda do conteúdo das mensagens. Após terem sido categorizados os dados, os temas emergidos foram analisados sob o viés de acordo com autores apontados na revisão de literatura.

Considerando-se o material emergido das falas das participantes e sua importância, fez-se a confluência da Análise de Conteúdo com a Análise de Discurso a fim de analisar os dados. A Análise de Discurso como referencial teórico, na linha francesa de Michel Pêcheux, é uma disciplina de interpretação que, segundo Caregnato & Mutti (2006), permite trabalhar com os sentidos e não simplesmente com o conteúdo do texto, sentido este que não emerge da tradução, mas de uma produção, cuja materialidade pode expressar de maneira verbal, não verbal e ainda através de imagens, linguagem corporal, oral ou escrita. Por meio da Análise de Discurso, a interpretação se dá como um ato que considera o nível simbólico naquilo que o sujeito quer transmitir no seu discurso, dando visibilidade aos sentidos. Vale lembrar que essa interpretação pode sofrer influência de quem a interpreta, por meio de suas vivências, crenças e experiências.

Em resposta ao problema de pesquisa tratou-se de entender como se dá a vivência da sexualidade, suas vicissitudes e a escolha de vida religiosa consagrada em mulheres jovens, e o processo de investigação deste estudo objetivou compreender a influência da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada e seu significado para as jovens religiosas. Foi possível nomear as categorias e subcategorias emergentes, que na Análise de Discurso Caregnato & Mutti (2006) denominam de eixos temáticos como recortes discursivos.

Sexualidade - Corpo X Transcendente

Esta categoria emergiu a partir do questionamento feito às participantes para falar de que forma elas compreendiam a vivência da sexualidade. A visão expressada por algumas é

de que a sexualidade abrange todo ser da pessoa e a move a fazer boas ações. Além dessa compreensão, outras participantes relataram que na sexualidade, o corpo é visto na dimensão do sagrado, de maneira integrada. Portanto, a sexualidade foi percebida como uma realidade que vai além do corpo, do sexo ou de um relacionamento exclusivo com alguém, como se percebe na fala da participante Inês: “*Porque antes, sexualidade via na questão de corpo, de sexo... de relacionamento e tal. Hoje pela formação que eu tive, isso pra mim foi mudando, em termos de o corpo no seu todo, não só na questão de relacionamento exclusivamente com alguém, mas de forma integrada...*” Isto se confirma, ainda, no relato da entrevistada Inês que declara que sexualidade é:

Algo que tá relacionado à pessoa, aquilo que ela vai vivendo ou fazendo a experiência no seu cotidiano e assim, às vezes a palavra que vem na mente, assim... logo a gente pensa em ter relações com uma outra pessoa, né. Mas o termo sexualidade ele vai muito além disso. É aquilo que a pessoa vai vivendo, vai fazendo a experiência durante o seu cotidiano e como ela vai lidando com isso, com essas experiências, como que ela... Como que ela direciona as experiências que ela vai fazendo e vai entendendo.

Já em outras falas observou-se contradição, ou mesmo conflitos devido ao fato de que a sexualidade se apresenta como errância cuja expressão pode variar. Isto se nota quando revela um discurso referente à transcendência do conceito, fazendo menção às sensações biológicas e à sexualidade enquanto sinônimo de genitalidade. Quando se vive essa experiência no cotidiano, a participante Gorete entende que a sexualidade é uma experiência que, por vezes, pode causar incômodo por ser da ordem do desejo e que isso dá trabalho. Esta experiência é atestada na sua fala que segue expressando que sexualidade é:

Toda energia às vezes que me movimenta, que me faz... faz sentir coisas estranhas mas também me impulsiona. Saber que eu sou pessoa que sou humana que às vezes dá um pouquinho de trabalho. Modificações que têm que agente sente desejos às vezes, então é que dá um pouco mais de trabalho. Sinto que sou pessoa através disso. Eu não sou diferente, eu não sou um monstro.

Ser mulher e mulher consagrada

O processo de investigação teve em vista a compreensão da sexualidade em mulheres jovens. Para tanto, as entrevistadas foram incentivadas a falarem acerca do ser mulher e ser mulher consagrada. Dentre os aspectos ressaltados, o ser mulher, tem para elas a conotação da maternidade, como ser que cuida da vida, não somente no aspecto biológico, mas da maternidade que abrange a ética do cuidado de diversas maneiras, como expressa a participante Edith:

O ser mulher pra mim na vida religiosa consagrada... Eu vejo assim, no sentido que, a todo o momento eu acho que... a primeira coisa quando fala em mulher a gente sempre lembra maternidade, em cuidar da nossa fraternidade, das nossas irmãs que tão ali como se a gente fosse mãe uma da outra. Mesmo não sendo mãe, né, mas a gente se considera mãe nesse sentido de cuidado, não só com as irmãs, mas também com as coisas que estão ali, com o ambiente, também na missão...

A participante Gorete relata a experiência do ser mulher como realidade que a caracteriza naquilo que ela é, como alguém que possui sonhos, que conhece sua força interna, alguém que está consciente de que é feliz como mulher, como bem expressa: “...tenho consciência de quem eu sou mais, né, de que sou respeitada, valorizada, eu tenho a força, eu tenho... eu tenho...porque eu tenho sonhos, eu tenho... e feliz hoje, né. Hoje eu sou... sou mais eu”. E neste aspecto ontológico, a participante ainda acrescenta a respeito da visão das pessoas em relação a si: “...de ser uma formadora de opinião” e isso a participante considera de grande responsabilidade, por tratar-se do testemunho de ser mulher na sociedade.

Sexualidade no contexto familiar

Esta categoria emergiu pela incidência das participantes acentuarem o sentido de tabu que caracteriza a visão de suas famílias - ou a percepção das mesmas sobre suas famílias - acerca da sexualidade. Todas as entrevistadas relataram o aspecto dos pais não tocarem no assunto da sexualidade no contexto familiar. As famílias são apontadas como família tradicional, reservada, calada, cujo interesse dos pais era, apenas com a educação da fé, aspecto da religiosidade. Algumas relatam que, embora tenham tido alguma formação na escola, mesmo na escola tinham receio de falar sobre o assunto. Porém, a formação para a vida religiosa, as entrevistadas afirmam ser a que mais abriu espaço para tratar sobre o assunto e entender a sexualidade como se pode ver relatado pela participante Tereza: *E na*

escola a gente tinha aquele receio por não saber mesmo definir o que era, e não se tratava muito disso na escola. Mas aí depois na vida religiosa, com a formação, que eu fui saber mesmo o que era. Desta forma, de maneira geral, para todas as participantes, a sexualidade na família constituiu assunto reprimido e proibido que não se devesse falar abertamente, o que pode ser constatado na fala da participante Edith:

Esse é um tema que, na minha família, a gente não tocava, a gente não falava nisso. Isso pra gente era como se fosse um tabu, né, lá no fundo do baú. Coloca uma tampa ali e ninguém... ninguém falava nisso. Assim, do meu pai, da minha mãe eu nunca escutei uma palavra assim com relação à sexualidade. Nunca escutei. Então é uma, foi uma informação que eu assim fui adquirindo depois que eu entrei na vida religiosa. No colégio também não se falava.

Experiências afetivas

Ao falar da sexualidade no contexto familiar, algumas das participantes relataram experiências afetivas que tiveram antes de entrar para a vida religiosa. Destas experiências é possível inferir e analisar como estão lidando com as experiências. No relato das entrevistadas umas relataram experiências de namoro durante a fase escolar, pré-adolescente, adolescente, de forma lúdica com os meninos. Há relatos que denotam certa vergonha, repressão e inocência. Manifestam-se nas falas, por exemplo, medo da reação dos pais e não investimento nas relações amorosas por ansiedade, temor e desconforto. Há falas que referem total ausência de experiência de namoro antes de escolher a vida consagrada, assim como dificuldade de expressar sentimentos. Como exemplo, a fala da participante Inês:

...eu continuei gostando, depois disso, isso pra mim foi sendo integrado, trabalhado. Vi que eu tava bem, que eu tava bem, que eu tava gostando daquilo que estava fazendo, né, dessa nova vida que eu tava descobrindo na vida religiosa. Então... e hoje a gente se encontra, tranquilo. Agente estudou desde lá do prezinho. Então, a gente se conhece, assim e continuamos conversando, tranquilamente.

Abuso sexual na infância e assédio sexual

Ao tratar sobre as experiências de relacionamento afetivo antes da inserção das participantes na vida religiosa, houve relatos sobre experiência de abuso sexual infantil e assédio sexual. As entrevistadas relataram este fato como experiência dolorosa que deixou marcas nas suas vidas e que na época não era capaz de entender o que ocorria com elas. Além do mais, consideram dor maior pelo fato de ser o abusador, um familiar responsável pelo seu cuidado. As falas são veladas, evocam mobilização afetiva intensa e detalhes sobre a violência são omitidos. Assim expressam as participantes Edith e Tereza:

Assim, eu tive uma... assim experiência muito forte, que me marcou. Uma pessoa que você esperava cuidado e ao mesmo tempo dentro desse cuidado a pessoa acabou aproveitando do momento. E assim, num determinado momento, ele acabou agredindo, acabou... E na realidade aconteceu que ele... Ele abusou da gente, num momento que era pra ele cuidar, ele acabou... Isso, assim, pra mim foi uma experiência e continua sendo uma experiência bem, assim... dolorosa porque foi algo que me marcou bastante. Sim, mas eu não sabia o que era. A experiência é forte, mas eu não sabia o que era. Pela idade que eu tinha, pra mim era normal. Mas isso ficou escondido muito tempo dentro de mim.

Observa-se que as falas que revelam o abuso na infância são acompanhadas de vergonha e sentimento de impureza e de inferioridade. A experiência de ser abusada sexualmente gerou conflitos e dúvidas a partir de sentimentos de não aptidão para ingresso na vida religiosa consagrada. Assim comenta a participante Edith:

Quando eu senti essa vontade de ser irmã, muitas pessoas assim, daí elas comentavam “ah, tu não pode ser irmã porque você já namorou”, então se o namorar era algo que não poderia ser irmã, então eu pensei lá no fundo comigo “ah, então eu não posso ser irmã de jeito nenhum pelo o que já me aconteceu” e... Mas, foi algo assim que eu quebrei, no caso, quebrei aquele pensamento que as pessoas tinham né, eu fui e assim, logo a principio, eu não comentei com ninguém... Eu entrei com esse pensamento que eu não poderia ser por causa disso, não tanto pelo... Não mais pelo fato de ter namorado, mas pelo fato do que me aconteceu antes porque imagina só o namorar não...

A participante Tereza expressa os sentimentos a partir dessa experiência:

Claro, chorei bastante, mas, inocentemente eu chorava porque eu não sabia o que estava acontecendo comigo. Hoje, eu dei o nome, na verdade eu daria que é abuso. ...vejo isso como uma marca muito dolorida, muito profunda, que às vezes diminui muito a pessoa. Por mais que a gente trabalhe, trabalhe muito isso, sendo ou não, em certos momentos, eu me sinto, assim... diante das pessoas, às vezes, muito inferior. Mas e eu sei que esse sentimento de inferioridade vem de lá, não surgiu de uma hora pra outra, mas vem de lá. Por mais que eu pense que sou capaz, que eu consigo e vou, mas eu tenho esse sentimento muito forte de inferioridade.

Ao relatar a experiência para alguém de sua confiança, o sentimento e a dor do abuso sexual foram intensificados pela falta de sigilo e pela exposição de sua intimidade. Expressa a entrevistada Tereza:

Eu contei para uma única pessoa que eu confiei, mas... e depois foi adiante esse assunto. Aí eu sofri mais ainda com isso, com o que ela disse, né. Eu sofri muito com isso, até hoje eu ainda sinto muito isso. Porque a vida da gente, o ser humano é muito sensível, e quando se trata da vida da intimidade da gente parece que expõe demais. Parece que todo mundo te vê dessa forma, então, é muito...pra pessoa que sofre isso é muito negativo.

Além de relatos de abuso sexual observou-se também um relato de assédio sexual, o que para a mulher entrevistada constituiu-se um ato de violência: “...ele começou tirar minha roupa, tudo, tirou minha blusa, me empurrou na cama dele. Aquilo prá mim foi uma violência contra mim. eu...Aquilo ali... Eu consegui ter forças para fazer ele sair...de cima de mim. Saí dali, vesti, fiquei braba naquele momento”.

Sexualidade na vida religiosa

O enfoque da sexualidade na vida religiosa é a centralidade da pesquisa em que as participantes recorreram em torno do assunto, o que permitiu nomeá-la como categoria. Ao interrogar as entrevistadas sobre como se dá essa vivência no âmbito da vida religiosa, elas expressaram que, embora ultimamente a vida religiosa tenha dado espaço para essa reflexão, o tema ainda é pouco discutido. Observaram-se relatos de que na vida consagrada se fala mais

sobre o voto de castidade. Nas etapas de formação se trabalha o assunto, porém não em profundidade. A liberdade para falar de sexualidade na vida religiosa depende da realidade de cada comunidade: *“Eu acho que vai depender muito da comunidade que a gente está, né, das Irmãs que a gente convive, né. E na formação da gente, também de uns tempos pra cá, vem sendo tocado muito nesse assunto, também né. A participante Tereza, na sua fala confirma esta vivência e revela que ela fez experiência de duas realidades de comunidades: “Ainda, devido a cabeça daquelas irmãs mais experientes que não viveram a sexualidade falada dentro da comunidade. Mas, na comunidade anterior que eu estava, tinha muita liberdade”.*

Da mesma forma, no entendimento das envolvidas na pesquisa, sexualidade na vida religiosa passa pela via das relações e pelo significado da presença da religiosa na comunidade a fim de garantir boas relações e a prática do bem, como menciona Inês: *“Têm certas coisas, na questão dos relacionamentos e tal. A sexualidade em si, né de ir canalizando, assim... essa força que mostra que a gente tá fazendo o bem em vista de um projeto maior, né”.* Da mesma forma aponta a entrevistada Tereza:

Através das relações, até assim, uma com a outra. No respeito, na leveza, na alegria. ...uma vez que a gente sente o outro leve, a gente sente que a pessoa está trabalhando bem sua a sexualidade. Então, a gente que é viva, logo percebe. E têm aquelas que são mais ranzinzas, amargas, no sentido amargo, no sentido assim, não consegue se abrir. Tudo está errado, tudo tá negativo. É porque não conseguiu se tomar nas mãos...

Por outro lado, relatos também revelam desafios na vivência da sexualidade na vida religiosa consagrada:

Eu penso... como, como fazer? O que fazer? como é...? prá não, não, não, não me deixar levar por este sentimento. Às vezes o desejo...é, normalmente de ter um contato a mais com uma outra pessoa, de, de... mais de um ato também. Então, é um pouco “como fazer”? acho ao menos a dúvida às vezes, um pouco é essa o que fazer? Como fazer? hum diz: ah vai caminhar, vai andar! Não é tão fácil assim, né. Como saber, que momento o que que eu posso fazer. É o que eu tenho maior dúvida, ao menos. Não, vou pintar, vou realmente, mas não, não sai da cabeça, sai por um momento, mas não completamente, então dai às vezes só conversando com alguém prá... e é difícil encontrar alguém que compreenda, que te oriente.

Voto de Castidade

Definiu-se esta subcategoria por emergir da fala das participantes quando as mesmas relataram como são tratadas as questões da sexualidade na vida religiosa. Algumas delas fizeram menção ao voto de castidade considerando que a castidade “... *é uma forma de amor incondicional*”. Possibilita a integração da pessoa e além do mais, como relata Inês: “ *ajuda canalizar essas energias assim, né com o seguimento de Jesus*”. A castidade faz parte da vivência da sexualidade e constitui elemento formativo nas diversas etapas, especialmente, o noviciado, como se percebe no seu relato:

...depois entra o voto de castidade, eu acho que acaba abrangendo esse campo da sexualidade muito forte. Então, a gente vai trabalhando... Quando eu fiz o noviciado nós trabalhamos bem isto com cada voto, né. O de castidade, assim que é um deles, nós trabalhamos e vendo, assim, né: como que eu posso estar vivendo a castidade? O que é a castidade? É... é só cortar as relações físicas, os relacionamentos amorosos físicos? Então, nós vamos percebendo, assim, trabalhando de que é algo muito maior, né. Que não é só, o, o, o sexo, a atração física que é cortado. É algo muito maior, e que abrange o todo, né. Que faz amar, não apenas uma única pessoa, como eu coloquei, mas em função do maior numero de pessoas que nos faz amar e abraçar a causa, né. Aí, a gente vai canalizando as energias, as coisas pra responder a esse projeto.

Ressignificar experiências

Esta categoria foi identificada nas falas das entrevistadas relatando que as experiências na infância de ordem sexual ou afetivas, especialmente, o abuso e assédio sexual, embora tenham lhes causado sofrimento e sentimentos fortes, elas expressaram que esses fatos marcaram suas vidas, mas também colaboraram para seu crescimento, superação dos obstáculos e um novo olhar para a experiência. Para dar este novo significado a esses fatos, as entrevistadas relataram, em meio aos conflitos da escolha de vida e das experiências, que a orientação espiritual recebida do padre foi determinante para elas resignificarem tais vivências como expressam as entrevistadas Edith e Tereza:

Então, acho que a experiência de vida, ela ajuda muito a partir do momento que você olha pra essa experiência com um olhar diferente daquilo que via antes, não como algo que eu não posso, mas o que eu posso fazer a partir daquilo que me aconteceu. Aconteceu, é algo que eu não posso mudar, mas eu tenho como conviver com isso de forma diferente. Quando eu fui para o noviciado, eu era acompanhada por um padre, daí eu partilhei essa experiência com ele. Daí ele foi me fazendo enxergar um jeito diferente de olhar pra essa experiência e chegar a conclusão de que eu posso ser sim uma boa irmã a partir dessa experiência porque... A vida religiosa, ele dizia pra mim né, ela não se resume às vezes em experiências que a gente fez no passado, mas é a experiência que a gente vai fazendo no presente da nossa vida.

O que passou lá atrás pode ajudar sim, mas se resume naquilo que você faz no dia-a-dia. Então, pra mim, isso agora eu não pego isso só como negativo, mas também como algo que aconteceu comigo e que eu possa ajudar as pessoas, nas famílias, principalmente famílias mais pobres, quando assim eu vou fazer visitas, da saúde a gente vê situações muito tristes.

Vocação

As participantes foram motivadas para definir o significado de “vocação”. As várias respostas incidiram no significado da palavra vocação como chamado de Deus. Resultante da visão das envolvidas definiu-se por essa categoria. Desta forma, a participante Clara expressa: “Já vem lá da palavra mesmo, que é um chamado de Deus. Mas o que sempre ficou marcado pra mim é uma frase assim ‘vocação não tira ninguém do mundo, né, mas coloca de uma maneira diferente’ dentro do mundo”. Porém, em outras falas fica também claro que além do aspecto divino da vocação, há que se considerar o aspecto humano do chamado. Assim como expressam as participantes Inês e Gorete:

Vocação creio que é uma coisa que eu vou descobrindo ao longo de todo caminho, né. E vejo assim que é Deus que me chama. Então, eu vejo que é uma graça de Deus, a vocação. Não é para qualquer um. Mas eu acho que a vocação deve ser vivida bem, né. Deus chama para diversas, diversas vocações. Penso que só essa questão divina também, onde é que eu vou botar minha vocação? Onde é que eu vou manifestar a as minhas energias. Vocação pra mim ela teria esse lado de, de ao mesmo tempo, né,

era de... vocação era de unir tudo aquilo que eu sentia com aquilo que alguém que eu não compreendia exatamente quem, né.

Origem da vocação

Esta categoria foi considerada a partir do relato das envolvidas na pesquisa em que ao relatar o significado da palavra vocação, elas também foram expressando como se deu o início de sua vocação. O conteúdo de suas respostas descreve o contexto familiar, o envolvimento dos pais em trabalhos na igreja e ações de ajuda aos pobres como panorama que colaborou para a origem da vocação. Relata a participante Clara:

Bom, a minha mãe sempre ajudou muito os pobres... Então, isso de ver a minha mãe ajudando as pessoas que eu senti “bom, mas eu posso também ajudar as pessoas de uma maneira diferente”. Então esses serviços, essas doações da minha mãe, a atenção, o carinho, né, muitas vezes a escuta quando alguém estava com um problema às vezes ela dava um remédio ou ficava conversando e a pessoa ia se acalmando, né. Ela sempre aconselhava, também as meninas jovens. Minha mãe tem isso muito forte nela até hoje. Então, isso de ver a minha família ajudando o outro, né me fez despertar e buscar também.

A participante Gorete percebia a origem da vocação como algo que sempre a acompanhou como bem expressa: “*Eu tinha muito dentro de mim que eu ia ser irmã*”.

Motivos para entrar e permanecer na VRC

Esta categoria emergiu no contexto dos relatos das entrevistadas, em que, a partir do momento em que elas expressaram o sentido de vocação, relataram também o motivo que as fizeram optar pela vida religiosa consagrada, bem como, o que ainda as motivam para a permanência na escolha feita. Muitos são os motivos que as fizeram optar pela vida consagrada dos quais destacaram: a busca pessoal na decisão cujo sonho e desejo sentiam desde criança e elas puderam fazer a escolha por si mesmas. A fala das participantes reflete os motivos e a permanência na vida religiosa como uma graça de Deus. Outras relataram o ambiente familiar de oração e participação dos pais na vida da Igreja, bem como a dedicação deles em ajudar os necessitados, entre os motivos para entrar na vida religiosa. A participante

Tereza ainda relatou que sentiu a resistência por parte dos pais por não concordarem com sua opção de vida, mas que isso a fortaleceu na decisão: “...eu disse pra minha mãe assim: eu vou pra vida religiosa. E ela me disse: ‘Oh minha filha, para servir a Deus não precisa ir para vida religiosa. Serve a Deus aqui mesmo’. Ai eu disse: ‘Ah, é um servir diferente’ ”. A participante Inês confirma a influência do ambiente familiar na sua decisão de entrar como se pode perceber no relato que segue:

Não sei nem por onde começar, mas eu assim...talvez eu vou começar quando recebi um folheto do... nós sempre participamos, assim das missas, o pai e a mãe faziam parte de alguns grupos, da Igreja, do dízimo, casais de encontro com cristo, ele tem, tinha muito forte. Então, a gente sempre tava na Igreja assim. Chegou uma época que nem eu nem meus irmãos gostávamos de ir para a Igreja. Mas meus pais levavam e sentavam todo mundo no mesmo banco, assim, né. E numa dessas celebrações da fazenda então eu descobri a minha prima, né... E ela me deu um santinho da congregação. Na mesma época, eu tinha um colega que estava no seminário, e ele me trouxe um santinho. ...eu cheguei em casa, eu fui comparar e vi que era o mesmo santinho.

Da mesma forma, a oração na comunidade religiosa e a fidelidade dos pais um para com o outro, são elementos incentivadores para as participantes permanecerem na opção escolhida. Em nível de decisão pessoal elas ressaltam a convicção de que foi Deus quem as chamou. As entrevistadas consideram, ainda a influência da comunidade e reconhecem que sem a oração elas podem perder o equilíbrio. O dinamismo das Irmãs da congregação e a vivência fraterna, apesar da diferença de idade, são fatores considerados por elas que as fazem permanecerem. Além do mais, observa-se determinada convicção, fruto de uma construção que vem de dentro para fora, como abaixo está relatado:

E eu permaneço hoje, ainda na vida religiosa porque eu tenho essa convicção de que é Deus que me chama. Se fosse assim o contrário, eu já teria saído há muito tempo. Mas conforme assim, essa construção que eu fui tendo, não porque alguém que me disse: ah é Deus que me chama ou porque está escrito em algum lugar, mas porque eu fui construindo isso dentro de mim. Assim...escutando pessoas, lendo as coisas espirituais, mas isso é um processo que fui fazendo, né. Então isso pra mim foi purificando e o que faz permanecer é esse amor pela causa. E essa convicção que eu

fui criando, assim dentro de mim que eu fui fortalecendo, né. Que é a graça de Deus que vai me conduzindo, né.

Certezas e incertezas na escolha

Nesta permanência na vida religiosa consagrada, as participantes relatam que experimentaram momentos de certezas e incertezas, características que permitiram emergir esta categoria. Dentre as certezas relatadas pelas participantes evidenciaram, que em meio às dúvidas elas procuraram perceber a razão da escolha feita. Ou seja, a opção por algo mais forte as fizeram entrar e amar o projeto escolhido. O que foi determinante, ainda nesse momento de dúvidas para a participante Edith foi a oração e a força recebida através da escuta das irmãs. Por outro lado, a entrevistada Clara revela que repensar a vocação faz parte de seu cotidiano, mas que isso pode se purificar, como expressa: *“Ou às vezes eu penso: será que eu vou ser assim, também quando eu chegar? Essa preocupação que tem com o futuro...”* As participantes questionaram seu futuro na escolha de vida frente à desistência de irmãs com alguns anos de consagração que por vários motivos desistiram, abandonaram a consagração religiosa. Dentre os motivos apontados pelas participantes, encontram-se as questões familiares, as dificuldades da formação, o distanciamento do projeto da congregação, o envolvimento com outras coisas, a relação com o dinheiro. Outro motivo apontado por elas diz respeito ao fato de morar numa comunidade onde a vivência não era tão boa e, ainda por outros motivos os quais elas não ficavam sabendo. Diante de tais experiências as envolvidas experimentam incertezas como revela a participante Gorete: *Né, eu tinha mesmo, muito medo assim de... ah será que..., que... eu tentar uma outra vida e depois não der certo, era pra mim ter ido. Então, eu falei não, eu vou, vejo realmente sinto como...e se realmente não for, depois eu saio, né, mas ao menos tive a chance de tentar responder.*

Outro motivo que faz as participantes viverem entre a certeza e a incerteza diz respeito às relações interpessoais. Assim expressou a participante Inês: *“algumas, por exemplo, saíram devido a situações de família, algum familiar morreu e ai sentia responsável de tomar conta da família”*. Outras pelas opções que vão se fazendo quando relata: *“acredito que...ai entra a questão de relacionamento, “essa vida não é pra mim, eu quero casar e ter filhos”. Pra mim isso que vai tornar a pessoa feliz, né. E outros ainda que...não...as questões de relações fraternas”*.

Concepção das jovens sobre a VRC

Embora as incertezas expressas no relato das jovens religiosas, fica evidente seu apreço pela vida religiosa consagrada ao ponto da participante Edith assim relatar sua concepção de vida religiosa consagrada: “...*eu vejo a vida religiosa assim como algo bonito, encantado e que me faz bem*”. Diante disso, considerou-se esta categoria. Ao serem solicitadas para dar uma mensagem às demais jovens, as entrevistadas revelam a vida religiosa consagrada como valor, afirmando que vale a pena, pois a vida religiosa constitui causa maior: o Reino de Deus. Para as participantes a vida religiosa é um sinal de Deus, de esperança, algo que surpreende, porque está na contramão da sociedade. Nela, as pessoas vivem reunidas com o mesmo objetivo, convivem em comunidade, partilham os bens. Elas veem que a vida religiosa é possível. No entanto, percebe-se, também nas falas que a Vida Religiosa Consagrada precisa de crescimento, de muito processo, visto que a vida religiosa está perdendo o foco e encontra-se muito dispersa.

Desafios na vida religiosa consagrada

Muitos foram os desafios apontados pelas jovens religiosas frente à escolha de vida religiosa consagrada. O fato de estar na vida religiosa é um desafio para as participantes uma vez que, como jovens, estudantes universitárias são provocadas e convidadas para participar da vida da sociedade, não estão ilesas da correria, da demanda e atividades da vida social. Percebe-se essa experiência no relato da participante Tereza: “*Porque se todos convites forem aceitos por mim, não seria minha escolha. Então, pra mim é um dos maiores desafios, esses convites, e a minha posição diante da sociedade, do ativismo, do convite que o mundo oferece*”. As falas apontam, ainda, possíveis resoluções para os desafios:

não cair na correria, na rotina, não descuidar da vida de oração e não fazer da vida religiosa consagrada um hotel... e poder se entender. Eu acho é isso que nos diferencia e é isso que nos torna profissionais de liderança, profissionais de vida dentro de uma sociedade que vive o individualismo, conseguir na correria sempre dar conta e tal.

Além do exposto, outros desafios que incidem na fala das participantes estão relacionados à vivência fraterna, caracterizados pela falta de leveza nas relações, pouco dinamismo nas comunidades, religiosas com mais idade que não foram trabalhadas nas suas escolhas. Desafios são apontados também no ambiente de trabalho, mas ressaltam como

expressa a entrevistada Inês: “...Mas é mais forte ainda, às vezes, dentro da própria fraternidade, assim. Por incrível que pareça, mas não deveria ser mais, mais ali por dentro mesmo, né”. A participante continua relatando:

Porque a gente está com um único objetivo ali, né. São pessoas que, que...claro a gente não se conhece pessoalmente, ainda mais agora, na casa onde eu tou. Nós somos praticamente novas, né. Novas habitantes, né porque em idade nós temos variações bastante grande. Mas, o objetivo que nos une ali é único e não é qualquer um, é um projeto de Deus, né. É Jesus Cristo. E então as pessoas não trabalham, estão ali, a gente busca trabalhar e tá ali pra vestir a camisa também, né. Mas tem gente que tá ali por causa do salário, do sustento. “Claro do jeito que está tá bom”. Por isso que eu coloco assim, essa que...não deveria ser, né.

No contexto da vivência fraterna, as participantes apontaram com ênfase como desafio a convivência com o diferente, pessoas provenientes de famílias e ambiente de culturas diferentes. Mas ao mesmo tempo afirmaram que isso é fator de crescimento e acreditam que a partir de uma nova dinâmica é possível realizar mudança. Em meio às exigências da consagração, as participantes ressaltaram sua dificuldade em conciliar oração, trabalho e estudo. Uma saída apontada pelas participantes para vencer os desafios é a necessidade de acompanhamento pessoal, embora as mesmas considerem a formação em grupo como a fonte de crescimento. Este acompanhamento favorece o processo que a participante Clara expressa seu desafio: *Então acho que foi todo um processo que eu fui passando, né, de também ir purificando as motivações, os sentimentos e vendo mesmo. “Ta eu sinto isso, tá bom” é atração, é alguma coisa, tá mais eu fiz uma opção de vida, e aquilo passa.*

Outro desafio expressado pela entrevistada Gorete revela sua dificuldade em viver como religiosa a sexualidade e com medo de enfrentar os desafios do mundo:

Sempre tentei me colocar muito dentro, realmente dentro do pensamento né, como religiosa, não, não, não, não religioso não casa, então eu tenho que me manter fiel a isso, mas volta e meia, às vezes, o sentimento, às vezes bate... olhou para alguém né, que ali sentimento de alguma coisa, te acalma, te acalma e... foco, né, foco em Jesus Cristo e... se mantenha.

Discussão

Compreender a influência da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada foi o objetivo central desta pesquisa. Além do mais, o estudo propôs explorar as motivações concernentes à escolha de vida identificando a existência ou não de impasses subjacentes a essa escolha e o significado da sexualidade para as jovens religiosas.

Considerando os aspectos dessa discussão, além da Análise de Conteúdo, leva-se em conta que a Análise do Discurso tomada como referencial de análise dos dados, compõe-se de um arcabouço fundamentado na linguística-fala, no materialismo histórico- a ideologia e na psicanálise, quando se atenta para elementos simbólicos do inconsciente. Vale considerar a afirmação de Caregnato & Mutti (2006) que o enunciado, considerando o discurso de participantes, não diz tudo, carece de sentidos. A interpretação favorece a busca de sentido. É nessa perspectiva que se intentou para a interpretação dos dados que segue.

A sexualidade humana, muitas vezes, foi marcada por preconceitos, questionamentos, medos, fantasias, distorções do conceito que, por vezes, impedem o ser humano adentrar nessa esfera com liberdade e tranquilidade. Neste sentido, a sexualidade humana, de acordo com Pereira (2012), é considerada como fenômeno nada natural, mas impregnada de sentidos variados como hoje, ainda se pode conceber como tabu. Este dado encontra-se expresso nas falas de todas as participantes da pesquisa, quando as entrevistadas apontam que no contexto de suas famílias, escolas, bem como, na vida religiosa, a sexualidade, ainda é tema que não se permite falar, é calado e excluído, como sendo para elas tabu. E, a expressão “tabu” dá ideia de sentidos contrários: significa de um lado sagrado e de outro lado perigoso, com a conotação de proibição, ou seja, aquilo que não se permite abordar (Freud, 1913). Perante o relato das participantes, embora sendo jovens, a conotação proibida da sexualidade, ainda é muito presente. Kearns (2004) afirma que a pós-modernidade que instalou a revolução sexual, rompeu-se com a mentalidade de ver a sexualidade como fenômeno que deve ser resguardado à título de segredo impenetrável. No entanto, afirma o mesmo autor que, embora a revolução sexual tenha dado espaço para se falar abertamente sobre a sexualidade no meio social, na vida religiosa, isto constituiu problema para a formação e formadores que não se encontram preparados para debater com clareza sobre o tema no cenário da vida religiosa. Porém, o autor continua afirmando que embora houvesse período de crescimento ou mudança de mentalidade a partir do Concílio Vaticano II, houve um retrocesso percebendo, ainda a

sexualidade como tabu. Dai porque entrevistadas apontam que se fala sobre sexualidade na vida religiosa, porém não tão abertamente, mas “*nas entrelinhas*”, denotando repressão.

Neste mesmo contexto as participantes também mencionaram como são tratadas as questões de ordem sexual nas famílias e na vida religiosa. Elas percebem como “*algo que está no fundo do baú, coloca uma tampa ali e ninguém fala sobre isso*”. Isto sugere que as questões desta ordem, na vida religiosa, são tratadas no campo da repressão. A repressão na visão psicanalítica é um dos destinos que Freud (1915/1976) dá para a sexualidade. Porém, considera-se que para o entendimento das questões dessa ordem na vida religiosa, a repressão, por si só, não é o destino viável, embora seja um passo a ser dado para se chegar ao processo sublimatório em que a repressão se escapa por uma via intelectual ou socialmente aceita (Lage, 2008). A repressão propriamente dita, conforme a visão psicanalítica constitui um mecanismo altamente de desenvolvimento do ego no seu nível mais sadio. Isto, porque Freud (1911-1913/1976) aponta outros níveis não sadios da repressão: o da fixação, como estágio infantil que se une à repressão como retorno do reprimido, estágio considerado por Freud como patológico. Este fenômeno expresso nas falas das participantes que relatam ser a sexualidade “*algo que se coloca uma tampa*” pode estar relacionado ao nível da repressão como forma de tentar eliminar da consciência conteúdos que perturbam o Ego. Dessa forma, pode-se concluir que a repressão é um do conjunto de mecanismos efetuados pelo Ego diante de perigos advindo do Id, do Superego e da realidade que venha lhe causar desprazer. A sublimação, no entanto é uma das vicissitudes viável no âmbito da vida religiosa, pois se trata de pessoas que decidiram por um modo de vida contracultural, permitindo fluir a pulsão por outra via (Kearns, 2004).

Em se tratando do conceito de sexualidade, acredita-se que nem sempre é fácil definir sexualidade. As jovens religiosas associaram livremente e discorreram em torno deste conceito. Pereira (2012) afirma que entre a juventude contemporânea é mais fácil falar sobre o tema da sexualidade, pois este processo é menos recalcado nesta população. Percebe-se que as participantes trouxeram suas experiências refletindo a dimensão ampla do conceito de sexualidade. Isto se encontra explícito na fala da participante Edith quando diz que sexualidade é “*...algo que tá relacionado à pessoa, aquilo que ela vai vivendo ou fazendo a experiência no seu cotidiano. E assim, às vezes, a palavra que vem na mente, assim logo a gente pensa em ter relações com uma outra pessoa, né. Mas o termo sexualidade ele vai muito além disso*”. Nesta visão, as participantes conseguem diferenciar o que é da ordem do genital e o sentido da sexualidade que abarca uma dimensão muito maior. As descobertas que Freud (1905/1976) realizou corroboram esta visão ao postular a sexualidade como fenômeno

que vai além de uma concepção meramente biológica, reprodutora, instintiva. Freud deixou evidente a diferença entre pulsão do Ego e pulsão sexual, sendo essa última definida como a energia de que menciona a participante Clara definindo a sexualidade como energia que envolve a pessoa no seu todo. Nas falas identificou-se que as religiosas percebem o ser humano envolvido na sexualidade a partir de dentro e essa energia o direciona e move-o para práticas ou ações construtivas: *“É todo, todo meu ser. Eu acho assim, né quando eu faço alguma coisa boa, quando eu ajudo uma pessoa, tá envolvido, todo, todo. Não tem como eu separar a sexualidade. É algo que me move a, também fazer coisas boas para as pessoas”*.

O fato de fazer coisas boas, remete-se ao que as participantes abordam sobre o tema da sexualidade fazendo menção ao voto da castidade. Considerando-se que a pesquisa trata da escolha de vida religiosa e vivência da sexualidade, neste contexto, a compreensão das entrevistadas sobre sexualidade é ampliada quando mencionam que a castidade abrange o campo da sexualidade. A vivência da castidade, embora não compreendida, comumente no seu significado amplo, é entendida pelas entrevistadas como uma realidade maior, no sentido de que não é possível entender a castidade no âmbito da materialidade. A castidade remete a pessoa para uma realidade sempre maior, o que a entrevistada Inês expressa no seu relato: *“como que eu posso estar vivendo a castidade? O que é a castidade? É... é só cortar as relações físicas, os relacionamentos amorosos físicos. Então nós vamos percebendo, assim, trabalhando de que é algo muito maior”*. Kearns (2004) considera que, a castidade é uma virtude evangélica que foi reduzida a uma visão negativa sobre tudo o que podia se referir à sexualidade, gerando desconfiança em si mesmo e nos outros, carregado de sentimento de culpa. Afirma, ainda, que se faz necessário a libertação para acolher seu sexo, toda expressão de sexualidade como um dom de Deus, que pode identificar o consagrado como gente e como divino. A castidade é a “virtude central que guia a sexualidade humana ao longo de toda a tradição cristã. A Castidade é uma virtude que facilita a realização, a internalização e a integração da sexualidade humana autêntica” (Salzaman, 2012, p. 196-197).

No entanto, a vivência da castidade não é uma realidade que se possa viver com tranquilidade e sem conflitos, segundo as participantes. Falas mencionam o seguimento de Jesus e seu modelo de superação dos limites humanos quando afirmam que: *“a castidade assim é um voto que como os demais nos ajuda a nos integrar, canalizar essas energias assim, né com o seguimento de Jesus... porque ele mostrou que é possível viver esse amor de forma incondicional”*. Isso se confirma ainda no pensamento de Kearns (2004) acentuando que Jesus Cristo é o coração e a virtude que devem ser buscados pelos consagrados como compromisso de sua consagração. De igual modo, leva a pessoa consagrada viver esse amor

incondicional de que fala a participante corroborada pelo autor, pois é esse amor incondicional que motiva a pessoa viver alegremente no serviço e dedicação aos necessitados. Esta é a dimensão mais profunda da vivência da castidade, o da oblatividade que remete à vivência da sexualidade em âmbito social, quando a consagrada assume o voto no serviço aos demais, expressando sentimentos de ternura e amor como expressão profética da sexualidade. Essa dimensão maior, profética da castidade vivida no serviço aos demais, possibilita que se entenda as participantes quando mencionam o individualismo na vida religiosa consagrada, reflexo da sociedade pós-moderna. Kearns (2004) sustenta a ideia de que existe um individualismo que faz bem a pessoa como parte de expressão de liberdade e de unicidade.

Porém, o que é mencionado pelas participantes é o que o autor aponta como um individualismo no sentido negativo. Esse individualismo pode sufocar a sexualidade, quando se prioriza o respeito, apenas aos interesses individuais em prejuízo de outrem. Neste sentido, pode-se considerar que o individualismo está ligado ao conceito narcisista que Freud (1914) postula no seu nível primário, em que a pulsão se volta para o próprio indivíduo, fechando-se nele mesmo e apenas nos seus interesses. Esse narcisismo pode se encontrar na vida religiosa quando as participantes relatam posturas de consagradas, que fazem da vida em comum, hotéis, que retratam pessoas sem vínculo e compromisso com o outro. Kearns (2004) acrescenta que, para essas pessoas, não é o bem que se possa fazer para comunidade que está em jogo, mas o que a comunidade faz por elas na satisfação de seus interesses individuais. Pode-se considerar a vivência profética do voto de castidade como a capacidade de superar esse individualismo para se colocar em prol de grandes causas, chegando-se à oblatividade, ou seja, abrindo-se para outro nível do narcisismo, na dimensão da alteridade (Freud, 1914; Pereira, 2012).

Para a participante Tereza, a vivência sexualidade por parte das religiosas que emitem votos deveria ser uma marca que pode ser expressa no ser de cada uma e na inter-relação vividos no respeito, na leveza, na alegria: *“Uma vez que a gente sente o outro leve, a gente sente que a pessoa está trabalhando bem sua a sexualidade”*. No entanto, tanto Tereza quanto as outras jovens religiosas percebem aquelas que não vivem com tranquilidade a sexualidade. Essa constatação confirma o ideal transmitido na formação tradicional, que se caracterizou na forma das pessoas tornarem-se assexuadas, sem manifestações saudáveis de sua sexualidade, como menciona Kearns (2004). Os vestígios dessa formação, as jovens percebem quando expressam: *“E tem aquelas que são mais ranzinhas, amargas, no sentido amargo, no sentido assim, não consegue se abrir, tudo está errado. Tudo tá negativo é porque não conseguiu se tomar nas mão. A gente vê bem os frutos, tudo é radical”*. As pessoas que assumiram

livremente a vida de consagração religiosa, descentradas de si e abertas ao outro, têm possibilidades de serem sadias e felizes (Pereira, 2012). Nesse sentido, para a participante Inês, trabalhar a sexualidade é importante para “... *ir canalizando essa força que mostra que a gente tá fazendo o bem em vista de um projeto maior, né*”. Ou seja, entre aqueles que escolhem a vicissitude da sublimação, não pode haver “celibatário recalcado, triste, autoritário e não afetuosos” (Pereira, 2012, p.136).

Quando as participantes mencionam a necessidade de canalizar as energias, é possível observar o processo de sublimação definido por Freud (1905; 1920; 1930). As falas das entrevistadas reforçam que sem sublimação é impossível entender a escolha pela vida religiosa consagrada e demais formas de lidar com a pulsão socialmente aceita e que implica renúncia a um determinado destino da sexualidade e não à renúncia do prazer (Pereira, 2012). Porém, nem todos têm disposição interna para sublimar algo da natureza para além da esfera natural. A sexualidade e os destinos que os consagrados dão para esse fenômeno poderão estar equivocados até mesmo para membros com maior tempo de consagração que não foram capazes de repensar sua escolha de vida, por considerarem que o religioso é uma pessoa cristã, suficientemente humanizada em vista da missão e da vivência da fé em comunidade. Contrário a essa expressão da sexualidade mencionada pelas participantes, o resultado dessa integração transparece no sentimento de realização pela escolha da vida religiosa consagrada (Vitório, 2008).

Ao mencionar a sexualidade nessa visão ampla não é possível esquivar-se da dimensão corpórea da sexualidade, pois essa se manifesta via corpo e o processo fisiológico que se dá no corpo é este canal de expressão que faz emergir a energia, que faz o sujeito sentir-se gente, pessoa, diferente de outro animal, ou seja, sentir-se sujeito de desejo. Por isso, o corpo, na civilização hebraica, conforme Salzaman (2012) compreende-se a pessoa na sua totalidade. A dimensão da corporeidade está vinculada à sexualidade que entende a existência humana como um todo sexuado (Lapenta, 2000). Nessa dimensão biológica, o ser humano é dotado de instinto diferente da pulsão que Freud caracterizou como uma energia, ou seja, uma pulsão que excita o corpo (Laplanche & Pontalis, 1980). Assim como se reflete na fala da religiosa: “*Eu ao menos penso em corpo. A ideia de corpo, de toda energia, às vezes, que me movimenta, que me faz, faz sentir coisas estranhas, mas também me impulsiona*”. Por vezes, essa energia manifestada no corpo pode causar estranheza e dificuldade em contê-la. “*Saber que eu sou pessoa, que sou humana, que às vezes dá um pouquinho de trabalho. Modificações que têm que a gente sente desejos, às vezes, então é que dá um pouco mais de trabalho, né*”. Pode-se pensar que, para essa entrevistada, a sexualidade na vida religiosa, sentida no corpo

como coisas estranhas e que lhe dá trabalho, revela possível conflito para viver a pulsão de forma sublimada como lhe é pedido na escolha de vida consagrada. E o fato de ter conflito, não significa incapacidade para assumir tal escolha de vida. Porém, deve-se considerar a afirmação de Pereira (2012) que para uma vida celibatária ou consagrada, é imprescindível uma estrutura humano-afetiva que dê conta da demanda assumida. O mesmo autor aponta o celibato como fenômeno estranho e a entrevistada menciona sensações e coisas estranhas sentidas no corpo. Conseqüentemente, o destino que se dá para a sexualidade na vida religiosa consagrada, ou seja, a sublimação, permite nova compreensão dessa dimensão de estranheza e constitui contribuição social, uma vez que, na compreensão do conceito psicanalítico, a pulsão é transfigurada em vista da civilização humana. No entanto, a ideia de sexualidade relatada pela participante é uma energia que dá novo impulso para o sujeito e que imprime nele uma identidade, realidade que o constitui desde a mais tenra idade (Freud, 1905/1976; Salles & Ceccarelli, 2010; Santos & Cecarelli, 2010).

Nessa linha de reflexão, ao pensar o corpo na visão de um todo, percebe-se a dimensão da sacralidade que envolve a sexualidade na vida religiosa, além da materialidade expressa nos relatos das participantes. *“Aí eu me coloco não só na questão do relacionamento afetivo, físico, mas também, eu começo perceber o corpo da outra pessoa como sagrado e que também está em relação com outras...”* Porém, essa sacralidade não pode ser considerada na mentalidade em que afirma Dantas (2010), que nem mesmo a sacralidade excessiva impede a manifestação silenciosa das pulsões ou das paixões. Nessa dimensão, retoma-se o conceito de castidade que Salzaman (2012) aponta como sendo a integração bem-sucedida da sexualidade no ser humano que faz entender a união interior da pessoa na dimensão física e espiritual.

No contexto familiar, ao longo da história, a família acompanhou a evolução social, sua forma de encontrar sentidos e respostas para as experiências que se entrelaçam no viver humano (Ceccarelli, 2007). Dentre essas formas que a família exerce e molda, encontra-se o sentido da moralidade, o qual a sociedade toma como princípio a fim de priorizar ou sedimentar valores até então considerados como significado de proteção e cuidados dispensados aos membros da família e sociedade. No âmbito da moralidade, a moral sexual, conforme Santos e Ceccarelli (2010), é um fator da cultura que controla a pulsão para fins culturais. Nesse sentido, as participantes mencionam o contexto de suas famílias como tradicional, até porque ao tratar da sexualidade transparece o sentido de proteção e cuidado, no âmbito biológico. Falava-se em sexualidade como precaução para que não viessem contrair doenças sexualmente transmissíveis ou evitar gravidez na adolescência (Dantas, 2010). Essa compreensão vem ao encontro da moralidade sexual católica tradicional, considerada por

Salzaman (2012) uma moralidade conjugal, em que a sexualidade era vista em função da procriação. Nessa linha, segue o sentido de proteção das famílias como é expressa na fala de uma das participantes: *“Olha, por volta dos 11 e 12 anos, por ali, mãe começou já me dizer: ‘Olha, se você, por acaso, estiver namorando com alguém, me conta’. Ai, depois ela dizia: ‘Não deixe ninguém te tocar, ninguém mexa contigo, mesmo namorado’*”. É evidente que esses cuidados se fazem necessários, sobretudo quando se percebe elevados índices de doenças sexualmente transmissíveis como fator de preocupação na Saúde Pública.

Embora as participantes encontrem-se inseridas numa sociedade que se diz livre dos preconceitos e tabus, elas expressam nas suas falas, as marcas e dificuldades da pouca evolução do pensar no núcleo familiar acerca da sexualidade. Porém, conforme as entrevistadas, é na formação para a vida religiosa consagrada que é dado maior espaço para tratar sobre o tema da sexualidade. As mesmas relatam uma ampliação da sua visão quanto à sexualidade, como está claro no relato da participante Tereza: *“Mas aí, depois na vida religiosa, com a formação, que eu fui saber mesmo o que era. Na família eu não tive essa liberdade de saber o que é mesmo a sexualidade”*. Notadamente, na esfera da Conferência dos Religiosos do Brasil- CRB, existe um empenho e incentivo para que as questões da sexualidade e outros temas das ciências humanas estejam em pauta nos projetos de formação para a vida religiosa consagrada (Kearns, 2004).

A mudança de concepção sobre sexualidade das participantes na vida religiosa é um dado relevante. Embora tenha mencionado que se fala, mas se fala pouco sobre essas questões, a formação para a vida religiosa contribui para a nova visão e entendimento sobre sexualidade e sobre os acontecimentos da vida. Kearns (2004) menciona a importância dessa nova visão e mudança, considerando que, na contemporaneidade, a pessoa que procura a vida religiosa mudou, o perfil do jovem não é o mesmo, bem como, os sinais dos tempos. Assim, a participante, Tereza faz menção à visão de sexualidade que ela tinha antes de entrar para a vida religiosa consagrada: *“Antes não, antes eu era mais fechada, dentro daquilo que era assim, parece que era um bicho de sete cabeças. Eu tinha medo até de enfrentar e hoje, depois dos aprofundamentos e estudos eu vejo com mais liberdade a sexualidade”*. Nota-se, também o movimento que a participante Inês fez para a nova concepção de sexualidade: *“Porque antes sexualidade eu via na questão de corpo, de sexo ... de relacionamento e tal. Hoje, pela formação que eu tive, isso pra mim foi mudando...Não só na questão de relacionamento, exclusivamente com alguém, mas de forma integrada”*. Vale lembrar que ao incluir o tema da sexualidade na formação para a vida religiosa consagrada, possibilita-se desenvolver o núcleo gerador de vida que predispõe a consagrada para a entrega e o serviço

(Pereira, 2012). Pode-se considerar que essa mudança mencionada pelas jovens religiosas se deu como resposta ao novo modo de vida escolhido, às exigências da escolha pela vida religiosa consagrada.

Além do espaço que a vida religiosa oferece para educação na sexualidade, percebe-se que, nas famílias das participantes, a vivência da religiosidade é considerada elemento mais importante na manutenção do vínculo familiar em detrimento de outras questões vitais como se pode considerar no que diz respeito à sexualidade. Entretanto, vale ressaltar que o fenômeno da religiosidade enquadra-se na visão ampla da sexualidade. A religiosidade, elemento da espiritualidade, constitui tentativa de busca de sentido do mistério e das questões concernentes à vida (Zohar & Marshall, 2006; Torralba, 2012). Evidentemente, a religiosidade não exclui as manifestações na vivência da sexualidade, como se pode constatar no entendimento da entrevistada Tereza: *“Nos educaram na questão da fé, da religiosidade. Mas esse lado sexual, eu fui crescendo sem saber o que era isso, na minha família”*. Neste contexto de religiosidade, a família foi considerada, na história eclesial, o berço ou o celeiro de vocações nas suas diversas expressões. Hoje, percebe-se que essa realidade vem mudando: o panorama familiar apresenta uma nova configuração diferente do modelo tradicional de pai, mãe e filhos (Ceccarelli, 2007). É fundamental que a vida religiosa Consagrada e o processo formativo estejam atentos a essas transformações para compreender a realidade da jovem que chega à vida religiosa.

Outra categoria emergente refere-se à reflexão em torno do ser mulher. A mulher religiosa antes de ser consagrada, é mulher, condição primeira de sua humanidade. O fato de ser consagrada não a exime dos fenômenos e conflitos consequentes dessa condição. Para as participantes, o ser mulher e o ser consagrada se misturam como realidades inseparáveis. O ser mulher e mulher consagrada na experiência das participantes remetem-se ao cuidado da vida e ao exercício da maternidade, ou seja: as mulheres que se consagram vivem sua feminilidade cuidando da vida. Ao tratar da consagração religiosa, Lapenta (2000) afirma que o modo de viver a maternidade ou a paternidade na consagração não passa pela via física. Por outro lado, Pereira (2012) aponta que *“O cuidado numa perspectiva cristã, significa colocar-se amorosamente diante das pessoas, encorajando-as, consolando-as e criando espaços de promoção da vida”* (p.465). Este cuidado da vida foi expresso pelas participantes de várias maneiras. A participante Clara definiu o ser mulher a partir da tarefa que realiza, pois reforça que essa tarefa traz à tona o sentimento de maternidade: *Eu acho que eu me envolvi nesse instinto materno de mulher, de ser mãe, porque eu trabalhei mais de um ano no berçário, né com bebês de 4 meses, ali a 2 anos. Então, esse instinto de ser mulher, de ser mãe, né, foi*

*muito desenvolvido nesse período. Com a prática do cuidado, no exercício da maternagem, vem à tona, também o desejo de ser mãe. Esse desejo pode ser considerado comum naqueles que dedicam sua vida em prol do outro, como característica peculiar aos consagrados. Porém, a tarefa do “ser mãe”, Fernandes (2003) a associa a um caráter protetor, religioso e social, sendo nessa relação, a mãe considerada como totem, retomando Freud (1913). A participante Edith considera o cuidado da vida, como mulher, tudo aquilo que proporciona bem estar para a fraternidade, para as pessoas, ambientes e missão: *A primeira coisa quando fala em mulher, a gente sempre lembra de maternidade, entre cuidar da nossa fraternidade, das nossas irmãs que tão ali como se a gente fosse mãe uma da outra, mesmo não sendo mãe né, mas ... Também com as coisas que estão ali, com o ambiente também, na missão...**

Neste contexto da feminilidade, evidencia-se a dificuldade das jovens religiosas em se perceber no ser mulher, confundido com o ser consagrado ou com o mito da maternidade. Segundo Souza (2008), na concepção freudiana, a condição feminina sobrepõe a condição da maternidade. O feminino, muitas vezes se constrói no campo da estranheza e do enigmático, escapando-se da representação, como realidade inacessível. No entendimento dessa questão sob o ângulo do complexo de Édipo ou do complexo da castração abordado por Freud (1931; 1933 [1932]), considera-se na visão psicanalítica os entraves que se impõem no processo da mulher se tornar como tal. No entanto, o feminino remete-se a alteridade, como o outro sexo. Tanto o feminino como a sublimação foram temas deixados incompletos na Teoria psicanalítica. Desta forma, entende-se a dificuldade das jovens religiosas traçarem sua identidade como mulher, descolada do sentido da maternidade. Conforme Souza (2008) o feminino ganha nova expressão quando Lacan (1972-1973) recorre à experiência dos míticos para evidenciar características próprias do feminino, visto que o feminino não se inscreve totalmente na ordem fálica, como exemplo, o quadro de Tereza de Ávila, investigado no seminário XX desse mesmo autor.

Outro aspecto a ser abordado refere-se às experiências que as jovens religiosas fizeram antes de optarem pela vida religiosa. Nesse sentido, percebe-se que muitos impasses podem tolher a energia pulsional que favorece a criatividade e o dinamismo de vida. É importante retomar que a relevância deste estudo está no fato de investigar as experiências vividas no âmbito da sexualidade e perceber até que ponto essas vivências podem impedir a jovem consagrada de viver sua real motivação pela vida religiosa. Portanto, um dado relevante na pesquisa foi encontrar nas experiências de algumas participantes, antes de entrar para a vida religiosa, o fenômeno de abuso sexual na infância, caracterizado como uma situação que inclui carícias, manifestação genital ou qualquer exploração dessa espécie, em que a criança

ou adolescente passa a ser usada para a satisfação sexual de um adulto ou adolescente mais velho. Neste caso, o domínio do masculino na subjugação do feminino, enfatiza a repetição desse ato na esfera social (Araújo, 2002; Pfeiffer & Salvani, 2005).

Neste aspecto, Kearns (2004) afirma que este dado do abuso sexual no contexto familiar, envolvendo familiares é mais comum do que se possa imaginar. E, o fato de não procurarem ajuda psicológica pode gerar conflito e permanecer não resolvido por não poder falar sobre o assunto. Assim expressa a participante Edith: *“Ele abusou da gente, num momento que era pra ele cuidar, ele acabou... Isso, assim, pra mim foi uma experiência e continua sendo uma experiência bem assim dolorosa porque foi algo que me marcou bastante”*. Essa dor é maior ainda por se tratar do abusador ser alguém da família. Para Vieira (2010) o que é traumatizante nos casos de abuso sexual é a discrepância sentida entre a imaturidade da criança, por não ser capaz de entender o que acontece e o prazer que o abusador desfruta nesse ato, no qual ela é tida como objeto de prazer do abusador.

Além disso, numa experiência traumática na fase infantil, a criança não se encontra no seu pleno desenvolvimento capaz de entender ou permitir tal ato como relata a participante Tereza: *“Claro, chorei bastante, mas, inocentemente eu chorava porque eu não sabia o que estava acontecendo comigo... Hoje eu dei o nome, na verdade eu daria que é abuso”*. A criança sente-se desprotegida e vive o desamparo. Nessas situações, é fundamental o acompanhamento psicológico para tratar da questão em profundidade. Além disto, um acompanhamento profissional poderá oferecer uma presença protetora como suporte às experiências traumáticas e apoio à vivência do desamparo (Wondracek, 2005).

Além de não saber nem entender o fato do abuso sexual na época, as participantes falam dos sentimentos e marcas que esta experiência deixou nas suas vidas: *“Para mim era normal. Mas hoje eu vejo isso como uma marca muito dolorida, muito profunda, que às vezes diminui muito a pessoa. Por mais que a gente trabalhe, trabalhe muito isso, sendo ou não, em certos momentos, eu me sinto, assim, diante das pessoas, às vezes, muito inferior”*.

Como expressa no relato, a experiência gerou na participante um sentimento de baixa estima. O olhar para si, para seus sentimentos, ou seja, a percepção de si mesma ficou comprometida (Monbourquette, 2008). De certa forma, este comprometimento pode interferir nas suas escolhas, pois se instala um clima de desconfiança e medo de se entregar a uma relação, seja de qualquer espécie. Conforme o autor, na base da autoestima está a não capacidade de se amar e não se deixar amar por outrem. Para pensar a autoestima na visão psicanalítica, deve-se considerar o que Freud (1915) postulou acerca da diferenciação do luto

e da melancolia. O luto pode ser visto como um processo reativo a uma experiência de perda significativa, enquanto que a melancolia constitui processo de desinvestimento do Ego ocasionando a diminuição da autoestima em que a libido não consegue se deslocar para outro objeto. A pessoa que se sente ferida na autoestima, como no caso de uma consagrada, viverá com dificuldade a oblatividade, quando no processo de se perceber no eu ideal terá uma imagem denegrada e ofuscada de si mesma, por não se sentir amada ou mal amada. Pereira (2012) menciona a oblatividade como condição essencial para a vida em castidade, ou seja, como capacidade da pessoa dar outros destinos à sexualidade, potencializando o ideal de eu, o que implica sublimar. Desse modo, tomando como base as experiências das participantes antes de iniciarem o processo de formação para a vida religiosa consagrada, nota-se na fala das entrevistadas, conflitos quando se trata do momento de fazer escolha pela consagração como expressa Edith:

Quando eu senti essa vontade de ser irmã, muitas pessoas assim... comentavam “ah, tu não pode ser irmã porque você já namorou”. Então se o namorar era algo que não poderia ser irmã, então eu pensei lá no fundo comigo “ah, então eu não posso ser irmã de jeito nenhum pelo o que já me aconteceu...”

Da mesma forma, a participante Gorete, relata ter tido uma experiência de assédio sexual na fase de namoro, antes de entrar para a vida religiosa. Isso marcou sua vida de forma traumática. O assédio sexual se configura como uma situação em que exista ou transpareça um comportamento indesejado na esfera sexual, podendo se manifestar sob forma física, verbal ou não verbal, no intuito de violar ou denegrir a dignidade da pessoa, intimidando-a e ofuscando sua integridade física (Dias, 2008). Isso autentica o que a participante relata:

...ah...ele começou tirar minha roupa, tudo, tirou minha blusa, me empurrou na cama dele. Aquilo pra mim foi uma violência contra mim... Eu consegui ter forças para fazer ele sair de cima de mim. Saí dali, vesti, fiquei braba naquele momento. Foi uma situação bem difícil pra mim. Até hoje foi meu... sabe...mas... ninguém, ninguém nunca soube disso.

Acerca do assédio sexual, Dias (2008) considera que, em muitos casos, uma grande maioria de mulheres tem experimentado assédio sexual, quando em qualquer âmbito organizacional ou esfera pública foram submetidas a atos humilhantes, expostas a situações de risco. O assédio sexual passa pela via da sedução e da sexualidade, porém sob um modelo de

relações desiguais quanto ao gênero, pois constitui uma manifestação exacerbada de sexismo, o que se considera uma violação da dignidade da mulher. Desta forma, a pessoa é vista como objeto, mas o respeito pela dignidade da pessoa implica em tratá-la como sujeito (Salzaman, 2012). No entanto, as mulheres, como no caso da participante, revelam capacidade de dar novo significado à experiência. Neste mesmo sentido, considera-se relevante que a formação para a vida religiosa contribui para o entendimento e para dar novo significado a essas experiências sentidas pelas envolvidas como experiências dolorosas, como relata a participante Edith:

Mas, foi algo assim que eu quebrei, no caso, quebrei aquele pensamento que as pessoas tinham, né. Eu fui, e assim, logo a princípio, eu não comentei com ninguém... Eu entrei com esse pensamento que eu não poderia ser por causa disso... pelo fato do que me aconteceu antes.

Em vista disto Kearns (2004) pontua que na formação, o acompanhamento personalizado deve promover o autoconhecimento a fim de que as formandas possam acolher e superar certas áreas de conflitos e dificuldades para fazer uma opção livre. A participante Tereza revela que a experiência de ser abusada sexualmente pode gerar sentimentos que bloqueiam o processo normal da vida, impedindo-a lançar-se em novas experiências: “Às vezes isso... me prendia, não me deixava caminhar, não deixava avançar”. A partir dessa fala, convém considerar o quanto a experiência do abuso sexual pode bloquear a pessoa e tolhê-la na sua decisão de vida. Denota-se a importância de se dar atenção a essas experiências traumáticas, pois na formação para a vida religiosa, além de bloquear o dinamismo psíquico, também o somático fica comprometido. Ou seja, comprometendo a mentalização como capacidade de simbolizar, o sintoma manifesta-se no corpo (Vieira, 2010). E caso a simbolização seja deficitária, dificulta o processo sublimatório, impossibilitando o acesso à novas metas.

No entanto, ainda que no processo formativo se oportunizasse às participantes reviverem as experiências para que fossem menos dolorosas, falar sobre estas gerava desconfiças. Nota-se que ao compartilhar as experiências na vida religiosa, no período de formação, as participantes sentiram-se frustradas e decepcionadas com pessoas que não respeitaram o sigilo ou a sua privacidade. O espaço que as entrevistadas acreditaram ser de acolhida e confiança gerou desconfiça e mais sofrimento, como transparece no relato da participante Tereza: “*Eu contei para uma única pessoa que eu confiei, mas... e depois ... foi*

adiante esse assunto e ai eu sofri mais ainda com isso”. Ao ser questionada sobre a influência que esse fato pode causar na escolha, Tereza relata:

Não coloco dúvida, mas, às vezes, dependendo da situação, me fortifica...foi um episódio muito forte que eu vivi na minha vida e consegui suportar... Claro que não é fácil, não é fácil pra ninguém, mas só quem viveu a experiência que sabe o que é. Mas, assim... claro, tem momentos que a gente fica muito mal, embora pense positivo, mas a gente sente muito mal, por causa do sentimento de inferioridade. Às vezes faz a gente se sentir muito pequena, muito mal amada. Às vezes, mas também fortifica na caminhada neste sentido de saber que não só eu vivi isso. Muitas pessoas passaram por essa experiência e conseguiram suportar.

Ao escutar o relato das participantes, sobretudo no que tange à questão de abuso, assédio sexual e outras experiências na infância, e o fato de escolher a vida religiosa, percebe-se que esta pode ser um suporte para que as consagradas deem novo significado aos acontecimentos que marcaram suas vidas. Neste sentido, em se tratando de consagração, como afirma Wondracek (2005), a experiência religiosa constitui uma maneira de restauração de uma ferida narcísica. “A devoção encontra o gozo na identidade feminina, uma presença que reconstitui um corpo de mulher” (Wondracek, 2005 p. 80). Isto se confirma quando a participante Edith menciona que busca ressignificar a experiência a partir de uma oblatividade assumida como religiosa:

Então, pra mim, isso agora eu não pego isso só como negativo, mas também como algo que aconteceu comigo e que eu possa ajudar as pessoas, nas famílias, principalmente famílias mais pobres. Eu tento esquecer, na verdade não, não pegar isso, assim pra... como... eu pego isso, na verdade, como um pouco de crescimento.

Para a participante, na expressão “*como um pouco de crescimento*”, sugere que ela esteja dizendo o quanto esta experiência necessita ainda ser reelaborada. Quanto à capacidade de sustentar suas escolhas ou repensá-las, as envolvidas pontuaram que, em muitas vezes, o fato de estar num processo de formação, o repensar a opção se faz no cotidiano do processo formativo. Porém, houve momentos em que o desejo de desistir era mais forte. As mesmas relataram desistências de religiosas após tempos vividos na congregação, deixaram o instituto por vários motivos. Entre os motivos, as participantes apontaram o distanciamento do projeto

da congregação e da comunidade, e a relação com o dinheiro no exercício da profissão. Nas experiências das participantes, a questão familiar, doenças e mortes na família, foram os motivos ressaltados por elas que provocaram o repensar da vocação. Mas nas incertezas as participantes encontravam a razão maior de suas escolhas como se pode perceber na fala da participante: “...*passsei por momentos que me levaram a pensar em desistir, mas assim eu sentia que tinha algo mais forte do que o meu desistir, que era pensar na fidelidade a opção de vida que eu fiz, que tinha algo maior...*”.

A participante Edith relatou que na sua experiência comunitária de vida religiosa, sentia-se como que frustrada nos seus sonhos: “*Não era do jeito que eu sonhava né, na realidade. Daí, em determinados, assim... momentos eu pensava que não era aquela opção de vida que eu tinha feito por causa da situação ou da vivência que eu estava experimentando naquele ambiente*”.

Na tentativa de compreender a influência da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada e de perceber a existência ou não de impasses na vivência da sexualidade, e se estes impasses influenciavam ou não a escolha das jovens pela vida religiosa consagrada foi realizada a presente investigação. As entrevistadas relataram que a questão da sexualidade não é vista, por elas, como maior desafio, quando se trata da sexualidade na via original. Porém, no discurso das participantes, fica evidente que a vivência da sexualidade, visibiliza conflitos dessa ordem. Todas as participantes expressaram que o grande desafio se encontra na convivência com as demais religiosas, acentuando a dificuldade de lidar com as diferenças de idades, gerações e culturas. Desta forma, a dificuldade de viver a sexualidade passa por esses níveis de relações, como é evidenciada na fala da participante Edith:

Eu vejo os desafios da convivência, conviver com o diferente não é fácil a vida de fraternidade. Assim, Pra mim foi algo que me marcou muito e as vezes era um peso na comunidade, não tinha uma leveza, sabe? O dinamismo parece que não existia mais e pra quem é jovem ir pra uma comunidade onde você tem que viver como se fosse velha, no meio das velhas, é difícil porque a recém ta saindo do noviciado e toda aquela bagagem que a própria formação traz e que deixa marcas na gente é complicado. E naquele momento eu senti que não era aquilo pra mim porque eu não queria viver daquele jeito, eu queria viver diferente...

Essa realidade é confirmada na pesquisa organizada por Backes (2012) em que considera a vida comunitária fraterna um cenário que ao mesmo tempo se traduz como espaço

de possibilidades de integração pessoal e, ainda, como lugar de desintegração dos vínculos interpessoais. Juntando-se a isso, as participantes relataram que também constitui um desafio a dificuldade em conciliar: oração, trabalho e estudo e, conseqüentemente, o ativismo social. Um das participantes expressou que a vida social, muitas vezes, com os seus muitos convites, tenta desviá-las do foco da opção. Pesquisa realizada no âmbito de uma instituição religiosa apontou esse ativismo que se pode entender como “excessiva ocupação” (Backes, 2012, p. 24) tenderá a influenciar a vivência no que tange aos elementos que sustentam a escolha da vida religiosa consagrada. A participante Gorete enfatizou a questão das relações que constituem dificuldade para se viver um projeto de vida em comum, quando aponta:

As relações são complicadas, tem hora. Porque, assim, tem, tem as irmãs idosas, tem as irmãs as que são mais novas. Nós as mais novas, daí, as vezes, sempre foi assim, as vezes é complicado... né? Ou nós que estamos chegando agora, as que chega agora, não tem, quase não tem palavras, às vezes... ou ora você não tem palavra nenhuma ora você tem toda responsabilidade, que você é a mais nova e acabou de sair da casa de formação, né. Então, às vezes, essa aceitação de compreensão, né, de que... de que nós todas temos que fazer uma caminhada, tanto as mais velhas quanto as mais novas. Todas, temos que fazer uma caminhada permanente de compreensão de respeito.

Além de perceber os desafios que abalam o desejo de permanecer na escolha de vida, as participantes expressam o seu amor pela vida religiosa consagrada. Neste sentido, as envolvidas na pesquisa organizada por Backes (2012) reconhecem a vida de fraternidade como uma força propulsora da missão comunitária, porém afirmam que o grande desafio consiste, ainda em ser mulher consagrada, pautando a vida por um processo de integração do ser nos valores que implicam uma vida consagrada sadia. As participantes, ao serem solicitadas para deixarem uma mensagem para as colegas, disseram palavras de incentivo e encorajamento para permanecerem fiéis, enfatizando que a vida religiosa é uma escolha com beleza e significado, embora “*que a gente tem que ter força para remar contra essa correnteza e de ver mesmo que essa vida é possível*”, diz a participante Edith. Além disto, as participantes chamam atenção para a centralidade e a razão de ser da vida religiosa: “*focar nesse Deus que nos chama a cada dia, focar o olhar, esse olhar fixo Nele. Fitar o olhar naquele que nos chamou primeiro, desde o ventre materno, ter essa força, sem perder esse foco central, o foco que é Cristo*”. Esse sentido da vocação incide muitas vezes na fala das participantes, considerando que suas famílias muito contribuíram para a origem da sua

vocação religiosa, fundamentada na fé e na espiritualidade, terrenos férteis para o despertar da vocação.

As participantes demonstram estar conscientes da sua vocação e escolha quando percebem que a vida religiosa é um sinal para o mundo e que seus ideais e valores vão na contramão da sociedade, como expressa a participante: *“Algo que surpreende, um sinal de esperança. Também, eu acredito assim que ela está muito colocada na contramão... Dessa forma, embora as participantes relatem a dificuldade de se viver as relações interpessoais, no convívio com outras irmãs, estas revelam ainda a magnitude da escolha de vida que fizeram, por tratar-se de uma vivência que pode se destacar na sociedade, no ideal de fraternidade, como bem expressa a entrevistada Inês:*

Eu acho que é isso um pouco, esse jeito nosso de viver em fraternidade, de partilha dos bens, de conseguir viver com gente de diversos lugares, pensamentos, com criações diferentes, né, numa única causa assim, e poder se entender. Eu acho... é isso que nos diferencia e é isso que nos torna profissionais de liderança, profissionais de vida dentro de uma sociedade que vive o individualismo: conseguir na correria sempre dar conta e tal. Acho que o desafio está por ali de manter esse sinal.

No relato da participante, percebe-se que as jovens religiosas, embora vivenciando conflitos como próprios de vida em grupo, apostam no ideal de vida religiosa, porque os que se propõem viver e compartilhar a vida em comum, são movidos por um ideal que transcende a cotidianidade da vida, como efeito de sublimação das relações. Em razão disto implica às consagradas buscar sempre uma mística de que possam fundamentar a escolha e transparecer o respeito, o cuidado nas diferenças e na interdependência que as asseguram no mesmo propósito de vida. O caminho de superação dos desafios consiste em primar pela busca do motivo superior que as congregou para unidade e não para a dispersão (Santarém, 2010).

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo compreender a influência da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada, visando responder ao problema de pesquisa que tinha como propósito compreender como se dá a vivência da sexualidade, suas vicissitudes e a escolha de vida religiosa consagrada em mulheres jovens. Para a efetivação da

pesquisa contou-se com a participação de cinco religiosas jovens que estão no processo de formação no Juniorato, cuja proposta formativa é oportunizar tempo e subsídios para a decisão na escolha de vida. Pelo processo formativo, a religiosa pode testar suas reais motivações para viver a consagração religiosa, em vista da emissão dos votos religiosos de caráter definitivo. Além do mais, o processo de formação no Juniorato possibilita a religiosa se questionar em relação à consistência de sua escolha e consolida a consciência da vocação. Neste panorama, a pesquisa foi realizada com o propósito de criar espaço de reflexão no âmbito da vida religiosa, principalmente possibilitando mulheres jovens consagradas discorrerem sobre suas experiências quanto ao tema da pesquisa, bem como relatarem os impasses subjacentes à escolha de vida religiosa.

Primeiramente, destaca-se a confiança e o adequado vínculo constituído durante as entrevistas. Pelas falas das participantes, foi possível perceber que elas sentiram-se livres, à vontade para tratar sobre sexualidade, assunto tão complexo e difícil de falar, embora houvesse momentos em que as participantes apresentassem suas falas cortadas, com silêncios, tempo para pensar e, às vezes, se sentiram emocionalmente mobilizadas. Por outro lado, as entrevistadas trouxeram conteúdos que enriqueceram o estudo. Algumas apresentaram maiores conflitos em viver a sexualidade do que outras, percebendo como cada participante, em meio aos conflitos e dificuldades, buscou e busca razões para permanecer fiel na escolha de vida que fizeram.

O interesse por estudar o tema da sexualidade e escolha de vida religiosa na etapa do Juniorato explica-se uma vez que nesta etapa as jovens devem declarar a decisão definitiva acerca de sua escolha e de sua vocação. Além disso, ao explorar a sexualidade e suas vicissitudes em religiosas, os momentos das entrevistas foram oportunidades para que as mesmas pudessem falar sobre o tema, como espaço de reflexão entre as envolvidas.

Ao discorrer sobre sexualidade, as falas apontaram, a partir da vivência familiar, que a sexualidade constitui tabu e ainda é reprimida e calada nas famílias. Além disso, pouco se fala sobre sexualidade nas escolas. Considera-se este fator surpreendente, pois se trata de realidade jovem, e mesmo após revolução sexual, a sexualidade ainda é impregnada de preconceitos. E, segundo as participantes, quando a sexualidade encontra espaço no cenário familiar este processo é tratado dentro dos parâmetros da Saúde Pública, ou seja, no enfoque da precaução contra gravidez indesejada, ou como prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Chama a atenção a visão apenas fisiológica, com que se fala da sexualidade nas famílias.

Neste aspecto, as participantes demonstraram capacidade de ampliar suas visões acerca da sexualidade, percebendo este processo para além do biológico. Além disso, as

jovens mulheres participantes do estudo ressaltam que a formação na vida religiosa consagrada favoreceu para o entendimento da sexualidade de forma mais ampla, como foi apresentado na produção teórica desta dissertação. No entanto, elas sustentam que se fala de sexualidade na vida religiosa consagrada, apesar de ser necessário um avanço na liberdade para tratar do tema e ainda que a Conferência dos Religiosos do Brasil, nas suas sedes regionais tenha criado espaço pra essa reflexão.

Um dado relevante na pesquisa foi a abertura com que as entrevistadas falaram sobre suas experiências de sexualidade antes de escolher a vida religiosa. Dentre as experiências, foi significativo o que duas dentre as envolvidas relataram caso de abuso sexual na infância. Estas mulheres expressaram que este fato deixou dor e marcas profundas cujos sentimentos, especialmente o da inferioridade e da baixa estima as acompanham e bloqueiam o processo, impedindo-as de agir com liberdade. Embora ambas expressassem capacidade de resignificação, nota-se que além da ajuda formativa e acompanhamento espiritual, estas jovens religiosas, revelando conteúdos mal elaborados, necessitam de serem encaminhadas ao acompanhamento psicológico. Da mesma forma, entende-se o relato de assédio sexual que emergiu acompanhado de dor e prejuízo à identidade feminina.

Embora tenham sido experiências traumáticas para as participantes, a violência sexual não se constituiu impasse ou desafio para elas, que se sentiram fortemente tocadas por relatar a experiência e revivê-las hoje. As mulheres expressaram como estão resignificando estas experiências. No entanto, o que foi incidência nos relatos que se considera como impasse, reside no fato de que as relações interpessoais na vida religiosa são conflitivas, constituindo-se o maior desafio para estas jovens mulheres, podendo influenciar a escolha pela vida religiosa. A convivência fraterna é o maior desafio para estas jovens, somando-se às dificuldades culturais e geracionais, ainda que considerem estas diferenças e adversidades como fatores de crescimento.

Percebeu-se que as religiosas sentem a falta de respeito para a diversidade e espaço para a expressão da individualidade dentro das comunidades religiosas. Para as participantes, o desafio maior se encontra nas relações interpessoais, mais do que na sublimação da sexualidade e de abrir mão do exercício da genitalidade. Pode-se considerar que, tal aspecto é um desafio não somente para a vida religiosa, mas para a sociedade de maneira geral. Atualmente, a crise maior encontra-se nas relações interpessoais. Este dado possibilitou desmistificar a suposição de que os problemas que podem influenciar a escolha pela vida religiosa passariam pelas questões da sexualidade orientada pela via original, podendo constituir um dos impasses para a resposta da vocação. A partir do conteúdo dos relatos,

constata-se que a sexualidade na escolha de vida religiosa não constituem maiores desafios para as jovens. Porém, a sexualidade expressa em sentimentos e atitudes nas relações fraternas do cotidiano dessas jovens, subjaz o atravessamento desse fenômeno que revelam dificuldades da sexualidade vivida no seu sentido amplo. Desta forma, a ênfase nas relações saudáveis ou harmônicas foi referida como ponto essencial para se permanecer na escolha pela vida religiosa consagrada. Cabe salientar que não se pode entender as relações interpessoais sem o atravessamento da sexualidade, porque na relação com o outro pode-se estabelecer vínculo através da libido que cria e mantém laços afetivos nas convivências.

Ao concluir, ao tomar como base o discurso das participantes, a interpretação é um empreendimento que favorece a busca de sentido. Porém, o sentido que emerge do discurso, será sempre incompleto, não é fechado ou exato. É nessa perspectiva, que se tentou para a interpretação dos dados, buscando resguardar sua originalidade. Desta forma, esses dados em discussão, são passíveis a essa incompletude, pois a interpretação é passível de enganos uma vez que não são evidentes todos os sentidos advindos do discurso, ainda mais quando se trata de um tema como sexualidade, considerado tabu no discurso individual e coletivo. Vale ressaltar ainda a possibilidade da deseabilidade social que Gouvea et al (2009) considera como um problema que possa emergir quando se empreende uma investigação por meio de entrevistas. Pode-se interpretar no discurso como uma tendência da participante responder aquilo que lhe garanta aceitação em termos sociais.

REFERÊNCIAS

- Araújo, M. de F. (2002). *Violência e abuso sexual na família. Psicologia em Estudo*, 7(2), 3-11. Recuperado em 16 de julho de 2014, de <http://www.scielo.br/scielo>.
- Backes, D. S. (ORG) (2012). *Vida e Missão das Irmãs Franciscanas da Província do Imaculado Coração de Maria*. Santa Maria: Editora Unifra.
- Bardin, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa/Portugal; Trad. Luís Antero e Augusto Pinheiro, Edições 70.
- Bearzoti, P. (1994). *Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. Arq. Neuro – Psiquiatr. (Online)*, 52(1).
- Birman, J. (2008). *Criatividade e sublimação em psicanálise. Psicologia Clínica*, 20(1), 11-26.
- Breakwell, G. M. et al. (2010). *Método de pesquisa em psicologia*. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Caregnato, R. C. A. e MUTTI, R. (2006). *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto contexto - enferm.*, out./dez. vol.15, no.4, p.679-684.
- Ceccarelli, P.R. (2007). *Novas configurações familiares: mitos e verdades. Jornal de Psicanálise*, 40(72), 89-102.
- Cencini, A. (2004). *Quando Deus chama: a consagração aposta e desafio para os jovens de hoje*. Antonio Efro Feltrin (trad.). São Paulo: Paulinas.
- Cencini, Amedeo (2010). *Virgindade e Celibato, hoje: para uma sexualidade pascal*. 2. ed. São Paulo: Paulinas.
- CNBB-Conferência dos Bispos do Brasil. João Paulo II (1983). *Código de Direito Canônico*. Brasília: Loyola.
- Conferência dos Religiosos do Brasil. (2007). *História da Vida Religiosa no Rio Grande do Sul. Celebrando o Jubileu 1957-2007*. Porto Alegre, RS: Suliani.
- Creswell, John W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Dal Moro, Sergio M., et al. (2004). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dantas, B. S. do A. (2010). *Sexualidade, cristianismo e poder. Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, 10(3). Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em 05 abr. 2013.
- Dias, I. (2008) *Violência contra as mulheres no trabalho: O caso do assédio sexual. Sociologia, Problemas e Práticas [online]*, n.57, pp. 11-23.

- Estatuto Provincial. (2012). *Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã- Província do Imaculado Coração de Maria*. Santa Maria, RS.
- Fleck, A. C., Wagner, A. (2003). *A mulher como a principal Provedora do sustento econômico familiar*. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. Esp., p. 31-38.
- Foucault, M. (2004). *Ética, sexualidade, política*. Forense Universitária. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder* (org. e trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro. Edições Graad.
- Fernandes, J., Svartman, B. ; Fernandes, B.S. (2003). *Grupos e configurações vinculares*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1905/1976). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v.VII.
- Freud, S. (1908/1976). *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v.IX.
- Freud, S. (1911-1913/1976). *O Caso Schreber, Artigos sobre técnicas e outros trabalhos* . In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v.XII.
- Freud, S. (1913/1976). *Totem e Tabu*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XIII.
- Freud, S. (1914/1976). *Introdução ao Narcisismo*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v.XIV.
- Freud, S. (1915/1976). *As pulsões e suas vicissitudes*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v.XIV.
- Freud, S. (1915/1976) *Luto e melancolia*. In: Obras completas: vol. XIV Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1976). *Resistência e Repressão*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v.XIV.
- Freud, S. (1915-1916). *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XVI.
- Freud, S. (1920/1976). *Além do princípio do prazer*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v.XXI.
- Freud, S. (1930 [1929]). *O mal-estar na civilização*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.XXI.
- Freud, S. (1931). *Sexualidade feminina*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.XXI.

- Freud, S. (1933[1932]). *Conferência XXXIII: Feminilidade*. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v XXII.
- Gouveia, V. V. et al. (2009). *Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna*. *Aval. psicol. [online]*, vol.8, n.1, pp. 87-98. ISSN 2175-3431.
- Hoffmann, B. A. (2013). *Por uma Psicanálise com sexualidade*. Revista de Psicanálise; v.1, n.2 (jan. jun.2013). *Sigmund Freud Associação Psicanalítica*, Porto Alegre.
- Kearns, L. (2004). *Teologia do Voto de Castidade*. Aparecida, SP: Editora Santuário.
- Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira.
- Lacan, J. (1972-1973). O Seminário, livro 20, Mais, ainda, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- Lage, Y. R. (2008). *Sublimação e idealização: os destinos de um conflito*. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH Dissertação de mestrado.
- Lapenta, V.H.S. (2000). *Masculino e feminino na Vida Religiosa - Caminhos de compreensão e de vivência*. Editora Loyola. São Paulo.
- Laplanche, J. ; Pontalis, J.-B. L. (1980). *Vocabulário da psicanálise*. 6. ed.
- Monbourquette, J. (2008). *Da auto-estima à individuação. Psicologia e espiritualidade*. I. ed. São Paulo: Paulinas.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, V. 22, n. 37, p.7-32.
- Noé, S. V. (2010). *A Vocação Sublime: da rela o entre religião e sublima o na defini o da voca o religiosa*. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 21, n. 1, Mar. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 30 Jul. 2013.
- Padilha N.; Ney K., & Cardoso, Marta Rezende. (2012). *Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise?* *Psicologia em Estudo*, 17(3), 529-537. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 06 abril. 2013.
- Pereira, W. C. C. (2004). *A forma o religiosa em questão*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pereira, W. C.C. (2012). *Por uma compreensão da pessoa e da vivência do celibato*. In Eloy, L. H. & Dilva (org). 2012. *O Dom do Celibato na Vida e na Missão da Igreja* (pp.121-149). Brasília/DF: Edi es CNBB.
- Pereira, W. C. C. (2012). *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Belo Horizonte: Puc, Minas.
- Pfeiffer, L., & Salvagni, E. P. (2005). *Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência*. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 197-204.

- Ressel, L. B. & Gualda, D. M. R. (2003). *A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(3), 82-87. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 06 abril 2013.
- Salles, A. C. T. da C.; Ceccarelli, P. R. (2010). *A invenção da sexualidade. Reverso, Belo Horizonte*, v. 32, n. 60, set. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso: em 06 abr. 2013.
- Souza, C. de A. (2008). *O Gozo Místico: testemunho do feminino*. Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia- Programa de Pós-Graduação em Psicanálise. Dissertação de Mestrado.
- Salzaman, T.A. (2012). *A pessoa sexual: por uma antropologia católica renovada*. São Leopoldo, RS: Unisinos.
- Santarém, R. G. (2010). *A perfeita alegria: Francisco de Assis para Líderes e gestores*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Santos, A. B. dos R.; Ceccarelli, Paulo Roberto (2010). *Psicanálise e moral sexual*. Reverso, Belo Horizonte, v. 32, n. 59, jun. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>. Acesso em: 13 maio 2013.
- Silva, N. H. L. P. da. & Cardoso, C. L. (2013). *Contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a atuação do psicólogo nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF)*. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam. [online].*, vol.16, n.2, pp. 246-259. ISSN 1415-4714.
- Torralba, R. F. (2012). *Inteligência Espiritual*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Wondracek, K. H. K. (2005). *Entre o Desamparo Humano e o Amparo Divino: um caso clínico numa ótica interdisciplinar*. *Estudos de Psicanálise*, n.28, pp. 75-81. Recuperado em 16 de julho de 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>.
- Vieira, W. C.(2010). *Estudos de psicossomática*. 1. Ed.São Paulo: Vetor.
- Vitório, J.. (2008). *A pedagogia na formação: reflexões para formadores na vida religiosa*. 1. ed. São Paulo: Paulinas.
- Zohar, D. & Marshall, I. (2006). *Capital espiritual: usando as inteligências racional, emocional e espiritual para realizar transformações pessoais e profissionais*. Rio de Janeiro: BestSeller.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação que concentrou dois estudos, enfatizando, no palco de sua discursão e investigação, o tema da sexualidade e das escolhas no contexto religioso, teve como objetivo central compreender a influência da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada, considerando as motivações das jovens por essa escolha de vida. De igual modo, intencionou perceber a existência de impasses, que por vezes poderiam atravessar essa a opção.

No primeiro artigo, o estudo apresentou o tema da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa com o objetivo de explorar os elementos que possibilitaram compreender como se dá a vivência da sexualidade, suas vicissitudes e os atravessamentos da escolha de vida religiosa consagrada. Uma constatação que se faz transparecer nas ideias dos vários autores pesquisados aponta a sexualidade como fenômeno que perpassa a vida humana desde os tempos mais remotos e da tenra idade. Considerou-se, sobretudo, a concepção psicanalítica cujas descobertas de Freud contribuíram para a compreensão da sexualidade de forma ampla, libertando-a da exclusividade somática e genitalista. Entende-se que, a partir dessa concepção, a pulsão que move a vida sexual dos humanos, busca várias maneiras de se expressar.

Diante do exposto, compreender a escolha de vida religiosa distinguindo os aspectos psicológicos que configuram o chamado à vocação religiosa, é um dado relevante da revisão de literatura. Neste aspecto, ao ressaltar a capacidade do ser humano ligar o imanente ao transcendente sugeriu-se que nessa constatação pode estar a origem psicológica da vocação. Isso se confirma quando vários autores, especialmente Freud traz nas suas descobertas, o conceito de sublimação, caracterizada, neste estudo, a base de entendimento da escolha de vida religiosa consagrada. No entanto, outros autores enfatizaram a visão teológica e cristã que enfocaram a dimensão do sagrado como expressão do processo sublimatório, realidade que contextualiza a predisposição psíquica para a escolha de vida religiosa entre as consagradas. Considerou-se que sem a capacidade de sublimação não é possível a escolha pela vida religiosa consagrada, porque fazer tal escolha demanda uma ascese constante em que a pessoa deve munir-se de recurso internos para fazer frente aos impulsos da pulsão e dá-las um novo destino. Para a demanda da vida religiosa consagrada, a sublimação é o destino viável que dá sentido à escolha. No entanto, chega-se a conclusão de que nem tudo é possível

sublimar. Desta forma, a religiosa é chamada a fazer a experiência do gozo, experiência inspirada nos místicos, que a remete para além da sublimação, para uma experiência inominável (Lacan, 1972-1973).

No segundo artigo, o estudo transcorreu a partir do tema Escolha de vida religiosa consagrada, sexualidade e suas vicissitudes, visando compreender a influência da sexualidade e suas vicissitudes nessa escolha e perceber os impasses subjacentes a essa opção. O estudo consistiu de uma investigação empírica em que foram entrevistadas cinco jovens procedentes da etapa de formação no Juniorato em que, por meio de entrevistas, as religiosas relataram suas experiências, cujos dados foram transcritos e expressos nas categorias emergentes dessa realidade. Nas experiências relatadas, conclui-se que os achados na pesquisa, em diversos casos, foram confirmados com a visão dos teóricos. Uma evidência que pode ser constatada diz respeito à concepção de sexualidade que as jovens tinham antes de entrar para a vida religiosa, vista como tabu. Embora as jovens percebendo a necessidade de ampliar a reflexão em torno da temática, a formação para a vida religiosa as permitiu ampliar essa concepção como foi expressa na concepção psicanalítica.

Considera-se um dado relevante nessa pesquisa o relato das jovens religiosas que evidenciaram abuso sexual na infância e assédio sexual antes de escolherem a vida religiosa. Suspeitava-se na justificativa dessa pesquisa a possibilidade de as questões da sexualidade influenciarem a escolha das jovens pela vida religiosa consagrada e constituírem impasses nessa escolha. No entanto, em relação à desejabilidade social, este aspecto não foi evidenciado. Muito pelo contrário. A escolha de vida religiosa contribuiu para que elas pudessem ressignificar as experiências traumáticas. Evidentemente, como relatam as participantes, em um dado momento emergiram as dúvidas e o sentimento de serem indignas da escolha, por ter passado por tais experiências. Porém o que incidiu nas falas das envolvidas na pesquisa, foi a dificuldade que as mesmas encontram quando se trata das relações fraternas. Para as entrevistadas, o relacionamento fraterno, as diferenças de cultura, idade e geração, a dificuldade em conciliar estudo, oração, trabalho e vida acadêmica, foram os maiores desafios apontados. Vale considerar que, embora as questões da ordem sexual, no que se refere à via original da sexualidade, não constituírem desafio maior para as participantes, a sexualidade encontra-se atravessada nas relações e isso permite entender que os desafios de relacionamento passam pela expressão da sexualidade. Assim, a partir do conteúdo dos relatos constata-se que a sexualidade na escolha de vida religiosa não constitui maiores desafios para as jovens. Porém, a sexualidade expressa em sentimentos e atitudes nas relações fraternas do

cotidiano dessas jovens, subjaz o atravessamento desse fenômeno, revelando dificuldades da sexualidade vivida no seu sentido amplo. Desta forma, pode-se falar da dimensão ampla da sexualidade de que afirmaram as participantes e confirmada pelos autores, ressaltando-se a importância de proporcionar na formação acompanhamento personalizado em nível psicológico a fim de auxiliar as jovens religiosas frente à demanda psíquica que pode bloquear sua decisão mais livre. De igual modo, o tema em torno da sexualidade na vida consagrada, embora haja uma atenção no processo de formação inicial, esta pesquisa possibilitará expandir tal reflexão no seio das congregações via Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB.

A pesquisa apresentou conteúdo que esse estudo não conseguiu abarcar a profundidade das questões emergentes da realidade das participantes. Isso requer maior aprofundamento e atenção de outros resultados que não foram possíveis abordar em profundidade nesse estudo. Desta forma, os resultados sugerem a continuidade da pesquisa, podendo a partir desses resultados, efetuar estudo de casos, como também, empreender projeto de estudo que leve e considere o grande desafio da vida religiosa apontado pelas participantes. A continuidade desse estudo permite, também dar prosseguimento ao propósito de ampliar o espaço de reflexão acerca da temática na comunidade científica e na vida religiosa consagrada. Esta extensão da reflexão poderá servir-se das oportunidades como encontro de formadores, assembleias e encontros entre religiosos, que se interessam por uma vida religiosa consagrada vivida com liberdade nas suas escolhas.

4. ANEXOS

Anexo A: Aprovação da Comissão Científica



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 034/2013 – PRB

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2013.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado **“Escolha de Vida Religiosa Consagrada, Sexualidade e suas vicissitudes”**.

Dessa Maneira a Comissão Científica encaminha o material para apreciação do Comitê de Ética da PUCRS.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Rodrigo Grassi de Oliveira

Coordenador da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia

Ilmo(a) Sr(a)

Orientador(a): Carolina Saraiva de Macedo Medeiros

Pesquisador(a): Nilvete Soares Gomes

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11– 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

Anexo B: Aprovação do Comitê de Ética

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESCOLHA DE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, SEXUALIDADE E SUAS VICISSITUDES

Pesquisador: Carolina Saralva de Macedo Lisboa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 26682714.0.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 667.576

Data da Relatoria: 29/04/2014

Apresentação do Projeto:

O projeto destina-se a analisar a sexualidade de jovens que buscam a vida religiosa consagrada, procurando entender as reais motivações do porque da escolha pela vida religiosa feminina.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender a influência da sexualidade e suas vicissitudes na escolha da vida religiosa consagrada, bem como compreender a vivência da sexualidade e seu significado para as jovens religiosas. Pretende, ainda, explorar as motivações das jovens pela vida religiosa consagrada, compreendendo a história de vida das jovens religiosas na perspectiva da vivência da sexualidade. Por fim, objetiva identificar a existência ou não de impasses na vivência da sexualidade na vida religiosa consagrada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Balaceando os princípios da não-maleficência e beneficência, entendo que a proposta apresenta risco mínimo, trazendo benefícios para o sujeito de pesquisa e para a coletividade, pois a compreensão dos objetivos propostos poderá contribuir para que jovens possam, com mais segurança, optar pela vida religiosa consagrada.

Continuação do Parecer: 667.576

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa não deixa claro qual será a faixa etária das jovens a ser analisada. Talvez, metodologicamente, seja interessante considerar esse dado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados folha de rosto, carta de aprovação da Comissão Científica da Unidade, currículo lattes da pesquisadora e orientanda, TCLE, projeto de pesquisa e cronograma. Ainda, foram apresentados, porém sem clareza, o orçamento e o total de amostras. Não estava descrito no orçamento se ele era próprio ou proveniente de órgão de fomento. Sobreveio informação da pesquisadora de que o orçamento é próprio. Também, com relação ao total de amostras, não estava descrita a quantidade total da amostras nem o número de institutos que se pretendia analisar. Contudo, sobreveio resposta à pendência no sentido de que as pessoas serão analisadas de diferentes congregações, não sendo relevante à pesquisa o vínculo mantido com a congregação. Com isso, a pesquisa pretende ser feita de forma direta, pelo que não há local próprio para coleta, ou seja, não será feito o contato com o instituto, mas sim com as próprias jovens. Sobreveio explicação metodológica, de forma fundamentada, também no tocante ao número total de amostragem. Assim, entendo, s.m.j., supridas as pendências apresentadas anteriormente.

Recomendações:

Talvez seria interessante definir a faixa etária das jovens que serão analisadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem considerações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com o parecer.

PONTÍFICA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 987.576

PORTO ALEGRE, 29 de Maio de 2014

Assinado por:
João Feliz Duarte de Moraes
(Coordenador)

Endereço: Av. Piranga, 6690, prédio 60, sala 314
Bairro: Partenon CEP: 90.610-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pu.rs.br

Anexo C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Autorização para participar de um projeto de pesquisa

Nome do estudo: Escolha de vida religiosa consagrada, sexualidade e suas vicissitudes.

Pesquisadora responsável: Nilvete Soares Gomes, mestranda em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação/PUC/RS.

Professora Orientadora: Dra. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa.

Telefone para contato: (51) 3320.3500, ramal 7747, com a Profa. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, ou (51) 99674515, com a Mestranda Nilvete Soares Gomes.

Objetivos do estudo: Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que tem como objetivo geral compreender a vivência da sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa. Em nível específico, o estudo intenciona compreender a vivência da sexualidade e seu significado para as jovens religiosas, explorar suas motivações para a escolha da vida religiosa consagrada, compreender sua história de vida na perspectiva da vivência da sexualidade e identificar a existência ou não de impasses na vivência da sexualidade no âmbito da vida religiosa consagrada.

Explicação dos procedimentos: Desta forma, você está sendo convidada a participar da pesquisa concedendo-nos uma entrevista. Após seu consentimento, você responderá às perguntas com base no tema de estudo proposto. A entrevista será gravada e transcrita. Pedimos para que você compartilhe suas experiências que envolvem a escolha de vida religiosa consagrada e a vivência da sexualidade. Estima-se que a entrevista tenha duração de aproximadamente uma hora e meia.

Benefícios e riscos: Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. De acordo com os princípios éticos, informo que para transcrição e posterior publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade e a de terceiros que possam vir a mencionar serão mantidas no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la ou identificar terceiros que possam vir a mencionar. Coloco-me a disposição para qualquer eventualidade ou esclarecimento de dúvidas em relação à pesquisa

através do telefone (55) 99674515 e do e-mail snilvetegomes@yahoo.com.br. Também, se você tem alguma dúvida sobre os seus direitos ou questões éticas como participante de pesquisa, você pode entrar em contato com: Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS Hospital São Lucas da PUCRS Av. Ipiranga 6690, Prédio 60 - Sala 314 Porto Alegre /RS - Brasil - CEP: 90610-900 Fone/Fax: (51) 3320.3345 E-mail: cep@pucls.br Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 horas e das 13:30 às 17:00.

Direito à desistência: A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Sigilo: Todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando-se completamente a identidade dos participantes. Assim, o sigilo da identidade será mantido. Os dados serão utilizados somente para fins de pesquisa, ficando sob responsabilidade da Pesquisadora Nilvete Soares Gomes.

Porto Alegre, _____ de _____ de 20____

Nilvete Soares Gomes

Prof^a Dr^a Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Psicóloga CRP07/20971

Orientadora

Mestranda Psic.Clínica-PPG/PUC/RS

Consentimento: Eu, _____, declaro que ficou clara a possibilidade de contatar os pesquisadores pelos telefones indicados e contatar a entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS – através do telefone 3320 3345. Fui informada dos objetivos dessa pesquisa de maneira clara e detalhada. Declaro ter lido – ou que me foram lidas – todas as informações deste documento antes de assiná-lo e de rubricar todas as suas páginas. Recebi as informações necessárias e esclareci as minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar outras informações, e modificar a minha decisão se assim o desejar. Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento e consinto em participar deste estudo.

Nome e assinatura do participante

Local e data